

RAFAEL SIMÕES MENDES OLIVEIRA

DO QUIOSQUE AO PUB: HOMOSSOCIABILIDADE E  
IDENTIDADE GAY EM CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, para obtenção do título de Mestre em Sociologia Política, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joseane de Souza.

CAMPOS DOS GOYTACAZES

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus agradecimentos, como no meu trabalho de conclusão de curso de graduação, vão principalmente para meus amigos, que sempre cumpriram muito bem o papel de família, participando dos meus momentos bons e dos não tão bons assim. É muito gratificante saber que mesmo longe de casa, longe dos meus amigos mais antigos pude construir relações que foram pilares fundamentais para a conclusão da minha dissertação.

Aos meus amigos, sempre por ordem alfabética, Ize, Laísa e Salstre, todos muito distantes espacialmente, mas muito presentes sobre a forma de apoio e incentivo nos meus piores momentos de dúvida, descrença e estagnação.

À minha adorada professora de Sociologia e amiga, Anatércia, que me ajudou muito desde os meus anos de inquieto graduando em Ciências Sociais. Às minha amigas que me ajudaram com muito incentivo e conversas, Carol Teixeira, Conrado Muylaert, Manu Félix.

À minha mãe, Tatiana, que se fez presente quando foi possível.

Às amigas “fanchas” que fiz em Campos dos Goytacazes, terreno inicialmente percebido como hostil para mim, mas que com a ajuda dessas boas pessoas se tornou mais florido e menos seco. Embora muitas pessoas tenham se feito presente, os meus agradecimentos vão em especial às pessoas que desde que me conheceram estão presentes e fazem parte da minha vida, trajetória e especialmente do sofrimento que foi essa jornada: Debora Brasil, Gabriela Veloso, Ianani Dias, Laura Milani, Karine Pessoa, Maria Cristina, Mayara Lima e Priscila Castro.

À minha orientadora Joseane de Souza, que me deu abrigo num momento de tempestade, que aceitou o desafio de orientar essa

pessoa teimosa que eu sou e que aceitou e respeito minhas diferenças, estilo e personalidade o tempo inteiro, sem em nenhum momento utilizar de sua posição hierarquicamente superior para me oprimir, algo muito raro em universidades, como bem sabemos. À Prof.<sup>a</sup> Denise Terra, sempre paciente e cheia de bons conselhos. À Prof.<sup>a</sup> Lilian Sagio, Ludimilla da Matta e Sérgio Azevedo, por aceitarem o convite de participar da minha banca, de bom grado.

Aos homossexuais que aceitaram de bom grado, relutantes ou não, abrir suas vidas, experiências e angústias com esse pesquisador iniciante.

E em especial a duas pessoas que foram fundamentais para a minha permanência em Campos, para a conclusão dessa dissertação e para a minha fé em seres humanos: Betina Campanelli e Olívia Aguera, serei eternamente grato por toda a ajuda de vocês.

Dedico a minha dissertação ao meu avô, que faleceu no meu período final, quando eu estava fazendo minha pesquisa de campo e a meu pai, que faleceu enquanto eu fazia a escrita da dissertação e com quem eu não falava há anos em virtude de minha homossexualidade. Talvez, se meu avô e meu pai tivessem a oportunidade de ter tido contato com o conhecimento que eu adquiri, não precisássemos nos afastar. Dedico minha dissertação a todos que, como eu, se viram afastados de suas famílias em virtude do desconhecimento e do preconceito, que atende pelo nome de homofobia.

## **RESUMO**

Do quiosque ao pub: homossociabilidade e identidade gay em Campos dos Goytacazes(RJ)

O consumo constrói tanto pontes como cercas, como já nos alertou Mary Douglas. Ao pensarmos em todo o histórico de opressão que os homossexuais sofreram ao longo dos tempos nas sociedades ocidentais, percebemos que os contextos e os discursos sobre a homossexualidade mudaram e se adaptaram as sociedades capitalistas e de consumo. Em diversas cidades, especialmente nas grandes capitais, mas não só, todo um mercado voltado para LGBTs foi construído possibilitando a emergência de identidades gays atreladas aos bens de consumo. Partindo da relação entre consumo e identidade gay buscamos averiguar quais são os espaços de consumo e homossociabilidade voltadas para os gays na cidade de Campos dos Goytacazes(RJ). Para tanto serão problematizadas algumas questões como: a homofobia sofrida por esses homossexuais; a adaptação dos estabelecimentos noturnos pesquisados aos homossexuais; o consumo de lugares e bens e os marcadores sociais de diferença.

Palavras-Chave: identidade, homossexualidade, lugares

## **ABSTRACT**

From the kiosk to the pub: homosociability and gay identity in Campos dos Goytacazes (RJ). The consumption builds bridges and also fences, as Mary Douglas had warned us. Thinking about all of the oppressive homosexual historic trough the years in the Western societies, we get to know that the contexts and discourses about homosexuality have changed and got adapted to the capitalist and consumer societies. In several cities, specially in the big capital cities but not only there, a entire market focussing LGBT people was built making possible the emergence of gay identities linked to the consumer goods. Starting from the relation between consumption and gay identity we get to research which are the consumption and homosociability gay focused places in Campos dos Goytacazes city (RJ). Therefore will be problematized some topics as: the homophobia endured by these homosexuals; the adaptation of the night clubs reseached to the homosexual people; the place and goods consumption and the social bookmarkers of difference.

Keywords: identity, homosexuality, places

## SUMÁRIO

I-Introdução.....	8
II – Pederastas, Sodomitas e Homossexuais: a construção de uma identidade “gay” .....	12
2.1 – “Brasil Popular” e (outras) tribos, terreiros e prisões: percepções sobre as relações homossexuais.....	14
2.2 –Pecadores, criminosos e doentes.....	18
2.2.1– A Igreja e a demonização dos homossexuais....	18
2.2.2 – O papel da medicina na “identidade homossexual” .....	20
2.3 – Pedras, moedas e garrafas: o princípio do movimento.	24
2.4 – Ditadura, Jornal Lampião e o surgimento de um movimento LGBT no Brasil.....	29
III – Gênero, sexualidade e consumo (gay): conceitos e percepções	43
3.1 – Identidade Masculina, identidade sexual e homofobia..	44
3.2 – Homossexualidade e Consumo.....	52
IV – Homossexualidade em Campos dos Goytacazes: entre o ostracismo e a adaptação.....	59
4.1 “Campos, terra do açúcar e do melado, em cada esquina uma puta, em cada janela um viado” .....	60
4.2 Metodologia da Pesquisa.....	66
V – Do quiosque ao pub: espaços de consumo e homossociabilidade em Campos dos Goytacazes.....	70
5.1 – Do quiosque à boate: “bichas quá-quá”, travestis e movimento LGBT.....	73
5.2. – O bar, o boteco e os espaços universitários: a busca pelo espaço “alternativo.....	77
5.2.1 – “O boteco” .....	79
5.2.2 – “O bar” .....	80
5.2.3 – “O pub”: “no racismo, no sexism and no homofobia”.....	83
5.2.4 – Os aplicativos “gay”: alternativa ou complemento?.....	95
VI – Considerações Finais.....	96
VII-Referências.....	98
ANEXO 1: Roteiro de entrevistas semi-estruturadas.....	101

## **I-Introdução**

Meu interesse pelos temas relacionados gênero e sexualidade advém dos meus tempos de graduação. Nesse ponto é importante falar sobre o meu lugar de fala, enquanto homossexual, e sobre o saber popular comum às Ciências Sociais de que o nosso objeto de pesquisa vem de um incomodo muitas vezes ligadas a nossa vida pessoal. Mais ou menos como ocorreu com Bourdieu ao pesquisar o campesinato ou ao Foucault quando pesquisou sobre os dispositivos de sexualidade. Sei do perigo de ser tendencioso ou parecer ter o que alguns acadêmicos chamam de “discurso militante”. Contudo, levando em consideração às dificuldades de se ter uma real neutralidade científica bem como o fato de grandes pesquisadores gays e lésbicas pesquisarem homossexualidade, como o Peter Fry. Dito isso e me situando no lugar de pesquisa, falaremos então sobre como chegamos à essa pesquisa.

Ao apresentar um trabalho, e assim conhecer, na cidade do Rio de Janeiro, em 2012, deparei-me com uma série de bares e boates voltados para a população LGBT, o que me deixou intrigado. Não por não conhecer espaços voltados para homossexuais mas pelo grande número de lugares que se segmentavam para as mais diversas categorias: ursos, barbies, alternativos, etc. Voltei à Bahia, sabendo o que queria pesquisar no mestrado: o que diferencia os ambientes gays dos ambientes héteros? Porque existe um lugar de sociabilidade (e consumo) voltado apenas para os homossexuais? Daí então, fui selecionado no Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e acabei depois de um pouco de “pedras no caminho” me deparando com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joseane de Souza que topou o desafio de pesquisarmos o consumo na cidade do Rio de Janeiro.

Iniciei o campo e pude perceber diversos aspectos da Rio de Janeiro ligados a uma “cultura” gay. Contudo, com os constantes atrasos das bolsas FAPERJ/UENF e com as “limitações orçamentais de um estudante de ciências sociais” citadas por Gilberto Velho



(2002, p. 14) fui forçado a parar a pesquisa com a pesquisa no Rio de Janeiro, logo nas primeiras, e repensar minhas condições materiais. A ideia de fazermos nossa pesquisa em Campos dos Goytacazes surgiu através de conversas com professores e colegas que nos despertaram o interesse em saber se existia esse “mercado GLS” e como funcionava em uma cidade menor, como Campos. Como “consumo” e “(homo)sexualidade não são assuntos tão badalados e como não havia ainda nenhuma pesquisa sobre o meu tema, resolvi aceitar o desafio.

Inicialmente, quando minha pesquisa seria na cidade do Rio de Janeiro, usaria do método bola-de-neve para conhecer homossexuais frequentadores da Lapa e apenas entrevista-los. Seria impossibilitado de fazer uma etnografia ou observação participante pelas precárias condições financeiras e pelo curto período em que planejei ficar em campo: uma vês por mês durante o final de semana. O que seria pouco, como percebi inicialmente. Com a pesquisa situada em Campos dos Goytacazes a pesquisa se tornou muito mais fácil para mim e muito mais novidade para a academia, porque mesmo supondo que não seja das melhores, ainda assim é original, por não terem existo outras.

Com a possível originalidade (do campo), o conhecimento sobre a cidade e o aspecto financeiro mais favorável conversei com os meus primeiros entrevistados e descobri que no conhecimento popular dos homossexuais existiam pelo menos três lugares (bares) que eles consideravam “gay” ou “GLS”. Após conversar com minha orientadora, já citada, decidimos que eu faria a pesquisa nesses três espaços para tentar entender como se daria essa relação de “consumo dos lugares e nos lugares”, como pontuou Isadora Lins França, esta pesquisadora que me inspirou com seus artigos e livro.

Senti uma certa facilidade de adentrar os espaços sem muitos receios, em parte porque faço parte do grupo pesquisado, em parte porque já conhecia os mesmos. Conseguir entrevistas dos meus pesquisados já foi mais difícil. Muitos dos homossexuais que tentamos entrevistar ficaram receosos de dar a entrevista, a se

“expor demais” e a serem tachados de “consumistas”. O fato de me verem como “pesquisador”, como “mestrando” me deu uma seriedade perante alguns que me pareceu negativa. Algumas vezes percebi que as pessoas que eu entrevistava (mais do que as com quem eu conversava informalmente) tentavam me dar respostas “certas” ou (que eu aprovasse suas respostas) bem como houve uma tentativa de usar palavras rebuscadas. Em resposta a isso, conversei informalmente sobre os temas pesquisados com os que serviam de objeto de pesquisa, bem como passei a observar e ouvir mais as conversas de grupo. Uma vez que eu estava pesquisando em bares, espaços em excelência de interação social, presumia eu, e pesquisado há muito, especialmente em relação à homossexualidade, pensei que frequentar mais esses espaços poderia ajudar com a pesquisa.

Utilizarei da Antropologia, associada a Sociologia Política para abordar perspectivas sobre o consumo e identidade bem como as teorias de gênero para tentar relacionar ambos os temas: consumo e sexualidade. Os poucos livros de gênero onde pude encontrar bibliografia sobre o tema fizeram com que eu utilizasse bastante de artigos publicados no Cadernos Pagu ou nos Estudos Feministas. Assim, organizei a dissertação em quatro momentos.

No primeiro capítulo, chamado *Pederastas, Sodomitas e Homossexuais: a construção de uma identidade “gay”*, eu tentei historicizar o surgimento de categorias identitárias na sociedade ocidental que nomeavam as relações entre pessoas do mesmo sexo. Pensamos com isso, que deixaríamos claro que a “homossexualidade” é uma construção discursiva com significado e consequências sociais.

No segundo capítulo, nomeado de *Gênero, sexualidade e consumo (gay): conceitos e percepções*, discuti sobre identidade, identidade sexual, homofobia, consumo e sexualidade à partir de uma base teórica que incluem Pierre Bourdieu, Foucault, Elizabeth Badinter, Stuart Hall, Judith Butler, entre outros. Também contextualizamos um pouco sobre o mercado voltado para gays e a criação de um nicho específico para esses.

O terceiro capítulo, decidi transformar em duas parte, o que gerou um quarto. Enquanto o terceiro capítulo, chamado de *Homossexualidade em Campos dos Goytacazes: entre o ostracismo e a adaptação* falei acerca dos processos de formação da cidade pesquisada bem como da metodologia de pesquisa utilizada para chegarmos no quarto capítulo, cujo nome é o mesmo da minha dissertação: *Do quiosque ao pub: espaços de consumo e homosociabilidade em Campos dos Goytacazes*. Nesse eu exponho meu campo, bem como falas de atores pesquisados, pontuando as possíveis motivações para um consumo gay. Concluirei então, mais com um sentimento de duvida do que com certezas sobre a guetização dos homossexuais e sobre o papel do consumo como diferenciador social. Desejei falar sobre muitas outras coisas que imbricam-se a consumo e homossexualidade como o programa estadual “Rio sem homofobia”. Muitos dos assuntos que tocamos, como o candomblé ou o movimento LGBT podem à princípio parecer deslocados, contudo existem muito mais elementos dentro da complicada relação entre consumo e sexualidade. A questão não seria vender produtos para homens homossexuais mas o gerar um mercado onde estes percebam-se como consumidores de um comércio próprio. Falar em identidade pode trazer um pensamento de “essência” da homossexualidade, o que não é minha intenção. Contudo almejei tentar entender como o consumo poderia interferir na criação das possíveis identidades gay.

## **II – Pederastas, Sodomitas e Homossexuais: a construção de uma identidade “gay”**

A nossa sociedade **ocidental** criou e desenvolveu uma ciência sexual (*scientia sexualis*) atrelada ao saber médico com a intenção de produzir discursivos a respeito da sexualidade, buscando assim construir verdades a respeito desta. Como afirma Foucault (1988, p.66-71) para se historicizar a sexualidade, deve-se entender que esta é construída a partir de uma “história dos discursos”. A sociedade capitalista, que começou a desenvolver-se a partir do século XVIII, elaborou todo um complexo equipamento gerador de discursos sobre o sexo e a sexualidade bem como todo um dispositivo que incentiva as pessoas a falarem de suas sexualidades, seja num consultório seja numa mesa de bar.

São inúmeras as discussões, nos campos da Sociologia, Antropologia e Psicologia sobre a homossexualidade ser uma pulsão universal ou uma identidade específica de uma minoria com diferentes especificidades. Entre os mais famosos defensores da “naturalidade” da homossexualidade encontramos Sigmund Freud (1937 apud BADINTER, 1993) que propunha uma espécie de teoria da bissexualidade originária, na qual a homossexualidade seria um estágio inicial, mais “atrasado” do desenvolvimento sexual do indivíduo, que desdobrar-se-ia em uma (hetero) sexualidade sadia. Alfred Kinsey (1948 apud BADINTER 1993) também propôs uma tese parecida, na qual existira um *continuum* entre a total heterossexualidade e a total homossexualidade, com a maioria das pessoas encontrando-se num meio termo. Desse modo, segundo essas teorias, não haveriam motivos para classificar os homossexuais como minorias. Num lado oposto, Stoller e Friedman (1975;1988 apud BADINTER 1993) pensam a homossexualidade não com sintomas uniformes, mas como uma “preferência” sexual pertencente apenas aos homossexuais, esses tão minoria, nessa perspectiva, como os judeus ou os negros norte-americanos. Seja como, preferência ou fatalidade, a homossexualidade é plural e uniformizar é criar um

beco sem saída. Contudo, embora a diversidade exista no “mundo homossexual”, podemos perceber estilos/padrões de comportamento dominantes que são distintos de acordo com a época (BADINTER, 1993, p. 113;162).

Quando questionamos “o que seria a homossexualidade” ou “o que é um homossexual”, no intuito de entender suas especificidades, não encontramos uma resposta fácil. Como afirma Fry et. al (1982;1985) esses questionamentos são baseados na ideia de que a homossexualidade é alguma coisa e ignoram a fantástica variação sobre os assuntos relacionados às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Os atos e vivências afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo são categorizados e imbuídos de significados de modos diversos e distintos a depender do lugar, do tempo e da sociedade observada. Então, a “homossexualidade” encontra diferentes percepções para os atos sexuais entre pessoas que possuem o mesmo sexo fisiológico em contextos diferentes, não sendo percebidas na Grécia Antiga do mesmo modo que na Idade Média, ou na sociedade brasileira contemporânea como nas aldeias indígenas da América do Norte. Desse modo, os meios de pensar e agir atrelados à homossexualidade são construídos historicamente dentro das sociedades e correspondem a estas. Mesmo no Brasil existem diversas e paradoxais concepções sobre a homossexualidade.

Desde que estão na barriga das mães, os bebês meninos e meninas tem, através de mecanismos sociais, os seus papéis sexuais construídos socialmente. Com isso, surgem expectativas acerca da conduta dos homens e mulheres, esperando dos primeiros um comportamento atrelado ao que é dito “masculino” e das últimas, desejando um desempenho ligado ao “feminino”. Daí tem-se a naturalização da ideia de que o homossexual seja afeminado, na figura da “bicha” e a homossexual feminina tenha características masculinizadas, na imagem da “sapatão”. A sociedade brasileira, industrializada e por isso fortemente diferenciada socialmente,

encontra-se cheia de comportamentos homossexuais diferentes e mutáveis de acordo com a região, a segmentação social ou o tempo. No decorrer da história, a igreja católica, a polícia, a medicina, a psiquiatria e tantas outras áreas arrogaram -se o direito de tentar explicar, e muitas vezes punir, a homossexualidade através de suas teorias e produções ideológicas. Nesse sentido, nós tentamos entender a homossexualidade, à exemplo de Fry et al. (1982;1985), como um constructo social, uma questão política e cultural. Nessa perspectiva socioantropológica: “os desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também os desejos heterossexuais”. Também tentamos atentar na influência que o movimento sócia, inicialmente de gays e lésbicas e posteriormente conhecido como LGBT, tiveram (e ainda tem) na construção de uma identidade (HALL, 2005) de modo que é um “movimento de mudanças e conseqüentemente também contribuiu para as mudanças políticas sociais” (GREEN et. al, 2006, p.177).

Nesse primeiro capítulos almejamos historicizar a homossexualidade, mostrando os processos pelos quais as instituições, como a medicina, a igreja e o próprio movimento LGBT formaram identidades sexuais sobre as pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo. Sentimos que, embora tenhamos tentado estabelecer uma linearidade na história, conseguimos apenas justapor momentos e passagens históricas que configuraram e consolidaram as percepções da homossexualidade hoje.

## **2.1 – “Brasil Popular” e (outras) tribos, terreiros e prisões: percepções sobre as relações homossexuais**

Levando em consideração o que Fry et al.(1982;1985) disse sobre a variabilidade da percepção das relações entre pessoas do mesmo sexo, a depender da sociedade, tempo e lugar analisado, iremos expor algumas realidades e modos de pensar as relações entre pessoas do mesmo sexo, que, embora por vezes, estejam próximos de

nós espacialmente, ainda encontram-se distantes de nossa percepção. Também iremos pontuar sobre a percepção do chamado “Brasil Popular”, como chama Fry, sobre uma homossexualidade, onde a “bicha” é percebida segunda a ótica de uma hierarquia de gênero, e equiparado a mulher, pelo seu papel passivo.

Clastres (1978 apud FRY et al. 1985) mostra os índios Guaiiqui do Paraguai com uma divisão sexual do trabalho rígida e consolidada na relação dos homens com o arco (caça) e das mulheres com o cesto (colheita). Desse modo, lida-se com dois padrões de existência, nos quais o ser “masculino” é associado a ação, ao princípio de atividade, inclusive sexualmente, ao passo que o ser “feminino” é relacionado a passividade. Contudo, os homens que não possuem arco, ou habilidade com tal instrumento, podem transitar para o universo feminino dos cestos e relacionar-se sexualmente com homens, desde que passivamente, com seus parceiros cumprindo o papel ativo no sexo.

Casos parecidos encontramos em várias tribos da América do Norte, com os *berdaches*, como são chamados. Nessas sociedades existe a possibilidade de nascer de determinado sexo biológico e “transitar” para as funções sociais do sexo biológico oposto, assim homens mulher e mulheres-homem, como também são alcunhados, desempenham funções ditas do sexo com que se identificam – ou são identificados – e relacionam-se com pessoas do mesmo sexo fisiológico. É dito, entre os membros da tribo, que os *berdache* possuem poderes especiais e por isso são bem aceitos. Desse modo:

Não existem identidades sexuais como o “homossexual” na nossa cultura, que define uma pessoa pelo seu suposto gosto por relações sexuais com pessoas do mesmo sexo. O que existem nestas culturas são identidades sociais e sexuais construídas de combinações de sexo biológico e papéis sexuais (FRY et al., 1985, p. 39)

Assim, da perspectiva dos papéis sexuais, as relações sexuais dentro dessas tribos são todas heterossexuais uma vez que os

“masculinos” relacionam-se apenas com os “femininos”. E essa situação não é, apesar de parecer, tão exótica assim para nós, brasileiros. Num Brasil “popular”, como chama Fry et al. (Ibidem, p. 41), os papéis sexuais, também estruturados em princípios estreitos desde a infância das meninas e meninos, “masculinos” são relacionados a prover a família, ao trabalho, a força, ao futebol, a expressão “homem não chora” e as relações sexuais que acontecem desde a adolescência com primas, empregadas domésticas, prostitutas e até mesmo irmãs, por exemplo. Às mulheres, por sua vez, são atribuídos e imbuídos elementos “femininos” ligados a casa, ao instinto materno e a virgindade até determinado ponto, no qual deveriam procriar.

A junção entre homossexualidade e capacidades místicas e mágicas não é comum apenas nas distantes tribos indígenas. De modo parecido com o que ocorre com os “homens-mulher” dos *berdaches*, os homossexuais também encontram um grau de respeito e *status* ao associarem-se as práticas mágicas do candomblé, lugar onde o feminino prevalece. Os candomblés do Norte e Nordeste do Brasil são locais abertos aos homossexuais homens e mulheres, onde estes muitas vezes tornam-se mães e pais de santo, resgatando por vezes o respeito dos familiares e sua própria autoestima, graças a oportunidade que a religião oferece de reverter a opressão vivida em apanágio (Ibidem, p. 54-58).

Dessas fronteiras tão rígidas entre “o que um homem pode fazer” e “o que uma mulher pode fazer” surgem proibições para homens e mulheres e punições para quem eventualmente descumprir as regras. Desse modo, em nossa sociedade, quando pessoas do sexo masculino possuem algum comportamento ligado ao que é dito feminino presume-se que seja “mariquinha” e que deseja homens viris (“machos”), almejando atuar sexualmente enquanto o “passivo” da relação. Então, tanto nos Guaiacui e nas sociedades ameríndias quanto na concepção brasileira sobre sexualidade baseia -se na noção



de sexo fisiológico e sexo social. Destarte, as relações sexuais esperadas são todas heterossexuais, nas quais as pessoas socialmente masculinas se relacionariam com as socialmente femininas, como pode perceber-se no estranhamento das relações entre homossexuais afeminados (FRY et al., 1982;1985) ou nos recorrentes questionamentos sobre “quem é o homem” ou “quem é a mulher?” numa relação homossexual.

Fry et al. (1985, p.41-44;105-109) atenta que nesse Brasil também existem diferenças de poder entre mulheres e homens, privilegiando os últimos. O próprio ato sexual é identificado em disposições hierárquicas onde quem penetra (“ativo”) derrota, subjuga e controla quem é penetrado (“passivo”) e a própria masculinidade está emparelhada com o “bom” desempenho sexual e o grande número de parceiras. Até mesmo entre os gays e lésbicas, pode-se perceber diferenças construídas em torno dos seus gêneros, como por exemplo, quanto ao significado atribuído por estes à sexualidade e afetividade. Enquanto muitos homens homossexuais possuem um maior número de parceiros sexuais, com “casos” mais curtos e com uma maior valorização dos atributos físicos, como o tamanho do pênis, as mulheres homossexuais, por sua vez, dão um valor maior ao laço afetivo e as relações duradouras. Essas distinções geram discordâncias fortes entre gays e lésbicas, pautas políticas diferentes no movimento LGBT e uma dissemelhança muito forte num mercado de Gays, Lésbicas e Simpatizantes (GLS) que privilegia os homens com inúmeros bares, saunas, cinemas e festas, muitos destes lugares voltados pra práticas sexuais, em contraponto aos bares, boates e festas que aceitam ambos<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Apesar dessas distinções entre gays e lésbicas, é importante perceber que ambos não formam grupos homogêneos e que, mesmo com as discrepâncias, recorrentemente esses unem-se nas manifestações para reivindicar direitos bem como nos momentos de entretenimento. O fato de que tanto os homossexuais masculinos quanto os femininos são marginalizados quanto a sua sexualidade é um problema comum, que por ventura une ambos (FRY et al., 1985, p. 112-113).

Outro conceito interessante para pensarmos na relatividade das relações entre pessoas do mesmo sexo é muito comum nos presídios e nas relações de profissionais do sexo: a homossexualidade situacional, também conhecida como circunstancial, ocasional, adquirida, facultativa ou pseudo-homossexualidade, definida por Corraze (2000 apud FRANCISCO, 2011, p.21) como uma sexualidade que deixa de ser um fim em si mesmo para ser um meio de conseguir algum tipo de poder, bem material ou simbólico. Nesse sentido, indivíduos que identificam-se como heterossexuais muitas vezes embrenham-se em relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo, com o intuito de obter algo para além do afetividade e da sexualidade. Francisco (2011), ao estudar o presídio feminino Carlos Tinoco da Fonseca, em Campos dos Goytacazes, percebeu que era comum o envolvimento afetivo-sexual entre as presidiárias, esse tratando pouco de amor ou carência mas bastante permeado de outros interesses, materiais (cigarros, cosméticos, produtos de higiene) e simbólicos (proteção, respeito, *status*). Interessante notar, tomando o caso como exemplo, que as detentas relacionam-se umas com as outras utilizando de concepções binárias e tradicionais de gênero, nas quais a “ativa” sexualmente (“sapatão”) lida com assuntos tidos como “masculinos” (como proteger sua parceira ou consertar algo) bem como se veste e comporta segunda a percepção de como um “homem” deveria comportar-se, ao passo que a “passiva” (“mina” ou “mulheríssima”) trata de assuntos considerados “femininos”, assuntos “mulher”.

Ao falar das prisões, Fry et al. (1985) pontua acerca de como as relações sexuais, nesses espaços, expõe e reproduzem as relações de poder. Os presos recém-chegados, mais novos e bonitos, também são motivos de disputa entre os presidiários mais antigos, que os desejam como suas “mulherzinhas” para desempenhar “papéis femininos”, bem como para obter relações sexuais, oferecendo em troca proteção e outras facilidades. Importante salientar que existem tanto homens que são forçados a essas relações quanto os que optam

por essas. As travestis e os michês na teoria também reforçam os papéis sexuais, buscando alguma vantagem, sexualmente falando com os michês reproduzindo o papel de “ativo”, de “masculino” e as travestis representando o “feminino” e a “passividade”, o que pode ser contradito ao analisar a etnografia de França (2015), onde as travestis nem sempre são procuradas para serem “passivas” o que mostra que na prática sexual, entre quatro paredes, esse binarismo “passivo/feminino” versus “ativo/masculino” possa não acontecer, mas ainda assim apenas na cama esses papéis seriam invertidos e ainda com uma justificativa econômica (FRY et al., 1985).

## **2.2 –Pecadores, criminosos e doentes**

### *2.2.1– A Igreja e a demonização dos homossexuais<sup>2</sup>*

Especialmente nos séculos XII e XIII, a Igreja Católica, e o cristianismo de um modo geral, preocupou-se com a sexualidade dos homens e mulheres, restringindo-a, com o pano de fundo da preocupação demográfica advinda da fome, da doença e em especial com a chegada da Peste Negra, que dizimou muitos devido as precárias condições sanitárias do período. A Idade Média foi um período que caçou e segregou “hereges”, “bruxas”, judeus, leprosos, prostitutas e também homossexuais. Claramente, a justificativa utilizada para a não aceitação da relação entre duas pessoas do mesmo sexo, pelo cristianismo, como nos dias atuais, perpassa pelo fato do sexo, de acordo com os ensinamentos bíblicos, ter como único propósito a procriação, o “gerar” outro indivíduo. Desse modo, a homossexualidade encontrava uma equivalência na masturbação e na zoofilia, sendo proibida de igual modo. Contudo era “mais fácil”

---

<sup>2</sup> Utilizamos em alguns momentos, no decorrer do nosso trabalho, em especial nesse primeiro capítulo, o termo “homossexual” não como uma categoria identitária, uma vez que a expressão não existia em alguns desses tempos (como na Idade Média ou na Grécia Antiga), e sim como uma expressão da relação entre pessoas do mesmo sexo. À exemplo de França (2012) usaremos as expressões “homossexuais” e “homens que se relacionam afetivo-sexualmente com outros homens” pela necessidade de fazer-se entender qual é o nosso objeto do estudo. Também não supomos que categorias como “gênero” ou “sexo” sejam fixas e incontestáveis, levando em consideração todos os estudos e discussões sobre essas categorias.

identificar (ou acusar) quem cometia atos de sodomia<sup>3</sup>/pederastia. Embora Cristo não fale da homossexualidade em si, seguidores deste como Santo Agostinho, que propunha a condenação aos “pecados de Sodoma” e o próprio São Paulo, que levanta-se contra a homossexualidade, em alguns momentos, o fazem. É pontuado que muito da rejeição à homossexualidade adveio da tentativa de Paulo de romper com os valores morais do Mundo Antigo pagão, como a “normalidade” do sexo entre homens da tradição da Grécia Antiga e de Roma (RICHARDS, 1993, p. 136-139).

Contudo, achamos importante salientar nossa discordância de Richards (1993) e de outros autores, como Bila (2006;2013) que inferem uma espécie de bissexualidade inata, presente na Grécia Antiga. O que ocorria nesse período grego é em nossa opinião, o que Badinter (1993) pontua como “pedagogia homossexual” onde um homem mais velho “ensina” um homem mais novo, ambos da mesma posição social, a “tornar-se homem”, através de relações sexuais com um prazo de validade (a entrada do mais novo no mundo dos homens “adultos) e sempre na condição do mais velho atuar como ativo, assim como o mais novo atuaria como passivo. Não existia, nesse período, nenhuma categoria identitária similar a “homossexual” ou “identidade gay” e todos esses homens casavam-se e relacionavam-se predominantemente com mulheres, excetuando quando tinham que ensinar um mais novo (quando já adulto) ou quando tinha que fazer a transição para o mundo dos homens (quando mais novo). Era estritamente proibido que homens se relacionassem com outros da mesma idade ou de posição social inferior, bem como escravos. Por outro lado, na Roma Antiga, as relações homossexuais não eram malquistas, contudo um homem avocar a posição sexual passiva com

---

<sup>3</sup> A sodomia dizia respeito ao pecado do desperdício do sêmen, de modo que outras ações encaixavam-se como tal, como por exemplo a masturbação, o sexo com animais e o sexo “heterossexual” sem fins procriativos, o coito anal e oral (RICHARDS, 1993).

algum outro de hierarquia social inferior, como algum escravo por exemplo, era extremamente ultrajante (FRY et al., 1985).

A era da reforma eclesiástica e a onda de espiritualidade ascética, juntamente com a revitalização das cidades e da vida urbana, intensificaram a sensibilidade geral em relação à homossexualidade e criaram a percepção de um “problema homossexual”. Uma subcultura gay distinta surgiu nos burgos e cidades, com lugares de encontros reconhecidos como tal, casas de banho e barbearias<sup>4</sup> e também existiam gírias gays, nas quais um jovem homossexual era conhecido como “Ganimedes”<sup>5</sup>, a atividade homossexual era chamada de “o jogo” e “caçar” era um termo aplicado à atividade hoje conhecida como “paquerar”, esta última persistindo até hoje<sup>6</sup>. A França e a Itália são apontadas como lugares onde poder-se-ia encontrar prostitutas em diversas cidades, possuindo em alguns lugares, como Paris e Orléans, até mesmo bordéis masculinos (RICHARDS, 1993, p. 141).

Foram destacados três grupos que, na Idade Média, estavam atrelados a homossexualidade. Primeiramente a nobreza ficou suspeita, em vários momentos, de afeminar seus jovens bem como carregar o vício da homossexualidade, ligado a emasculação dos seus hábitos e vestuários. Também era recorrente o boato de que o clero (clérigos, eruditos e monges) estavam envolvidos em relações homossexuais, assim como os estudantes que também estavam regularmente acusados de relacionar-se homossexualmente. O que existia de comum nesses grupos, segunda a percepção popular da época, era a ausência de casamento ou mulheres, seja em decorrência dos estudos ou do celibato (Idem, 1993, p. 141-142).

---

<sup>4</sup> O que nos faz perceber que os lugares voltados para homens vivenciarem sua afetivo-sexualidade já existia antes mesmo do mercado GLS ou “friendly”.

<sup>5</sup> Ganimedes foi um personagem da Mitologia Grega pelo qual Zeus apaixonou-se e raptou-o para que ele vivesse em sua companhia, servindo-o no Olimpo, morada dos deuses.

<sup>6</sup> O termo “caçar” ainda é bastante utilizado, em diversos momentos, como percebemos na nossa pesquisa de campo, no momento em que alguns homossexuais com quem conversamos diziam respeito ao seu intuito na noite: obter relações sexuais.

Se o cristianismo sempre possuiu uma postura de intolerância com os homossexuais, foi no período da Idade Média em que a igreja exerceu maior crueldade. Os sodomitas eram culpabilizados pelo fim das cidades de Sodoma e Gomorra, pelo grande dilúvio bíblico e pela própria peste que assolava a Europa nesse período, sendo associados ao “estilo de vida mulçumano”, ao homicídio, a lepra, a idolatria e ao paganismo, percebidos então como entrelaçados a bruxaria e a própria adoração à Satã, assim sendo demonizados e analisados como futuros destruidores da família (homem/mulher) e da reprodução. As punições para os “homossexuais” variavam de penitências à castração, agravando-se no decorrer do período e a depender da posição social, perpassando pelo rebaixamento (do clero e membros da igreja) até a pena mais comum: a morte na fogueira. Aos homossexuais cabiam ser afastados da sociedade “assim como o lixo” (Ibidem, 1993, p. 143-152).

De acordo com confissões e denúncias ao Santo Ofício, no período da Inquisição no Brasil (1591-1620) eram denunciados “pecados de sodomia”, como eram chamados os atos homossexuais, que eram punidos também com morte na fogueira. Fato é que, nesses julgamentos brasileiros, os homens que desempenhavam o papel de “ativos” obtinham punições menores (FRY et al., 1985), talvez por desrespeitar menos os rígidos códigos de gênero brasileiros que inferiam (e ainda inferem) que “penetrar”, “ser ativo” é o “natural” do homem, ao passo que “ser penetrado” é da natureza feminina.

### *2.2.2 – O papel da medicina na “identidade homossexual”*

Sobre a influência da medicina na consolidação da identidade homossexual moderna, Fry et al. (1982;1985, p.60-1) aponta esta como uma importante contribuinte para a dissensão da identidade da “bicha” do Brasil popular para uma outra, ainda em construção. Se, na era colonial a homossexualidade era pecado e gerava a fúria de Deus, podendo ser punido com a morte na fogueira, na metade final do século XIX, tanto na Europa quanto no Brasil, foi a medicina que

ocupou-se das questões relacionadas a sexualidade, especialmente das que ocorriam “fora” do seio familiar e não tinham fins procriativos como a prostituição e a homossexualidade. Uma vez que a “saúde da nação” foi atrelada a “saúde da família”, o controle da sexualidade pareceu algo urgente e sob a responsabilidade da medicina.

Embora o termo “homossexual” tenha sido criado pelo médico Karoly Maria Benkert, que se relacionava com outros homens em 1869, foi Karl Heinrich Ulrichs, que também relacionava-se sexualmente com outros homens<sup>7</sup>, quem esteve ente os primeiros médicos a escrever sobre a relação entre pessoas do mesmo sexo, criando o termo “uranista”. Ambos os termos inventados serviriam de fundação para uma futura identidade social e sexual: o homossexual. Ulrichs acreditava que ocorria uma espécie de descompasso entre o cérebro/alma e os órgãos sexuais e posteriormente classificou os uranistas baseando-se em sua maior ou menor aparência masculina, relacionando-a com as posições sexuais “passivo” e “ativo”. Desse modo, a medicina passa a enquadrar qualquer um que relaciona-se com pessoas do mesmo sexo fisiológico como homossexual, enquanto no “Brasil popular” falava-se de sexo social (FRY et al., 1982;1985, p.62-3).

Assim, com o fim do século XIX, novas palavras foram criadas para designar pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo assim, passando de “sodomitas” para “homossexuais” ou “invertidos”, o que levou a novas ideias sobre a homossexualidade, bem como a criação de uma essência, uma doença psíquica e um mal social, cuja problemática levou a uma intolerância que existe até os dias atuais. A “heterossexualidade” foi criada como um conceito em contraponto à homossexualidade, com o intuito de reificar uma identidade sexual sadia e “normal”. Embora a incursão da

---

<sup>7</sup> À exemplo de Fry (1985, p.82) hesitamos em chamar ambos os médicos de homossexuais, tendo em vista que “estas palavras e identidades associadas não existiam” nesse período.

homossexualidade no campo da medicina tentasse proteger os homossexuais dos julgamentos morais comuns a “sodomia”, o que ocorreu de fato foi uma estigmatização dos homossexuais, focada no fato da impossibilidade desses de reprodução, algo ainda forte nos dias de hoje e advindo do cristianismo. O discurso médico do século XIX transformou os comportamentos sexuais em identidade sexuais (BADINTER, 1993, p. 102-104).

Patologia congênita, perversão simples, psicopatia, degenerescência anatômica, histeria, neurastenia, epilepsia, toda a sorte de anomalias psíquicas, hereditariedade, defeitos congênitos ou hormonais eram utilizadas pelo campo médico para explicar a causa da homossexualidade, percebida como doença. Contudo, os “invertidos”, uranistas ou homossexuais já não eram mais culpabilizados pela sem-vergonhice. Os homossexuais eram vistos como doentes, que muitas vezes tinham outras doenças, por vezes com sua condição influenciada pelo meio social, como o médico brasileiro Leonídio Ribeiro propunha. Tratamentos médico pedagógicos eram propostos quando se pressupunha que o meio influenciava na “disfunção sexual” sugerindo-se, por exemplo, que fossem retirados o carinho e as “facilidades” da esfera familiar. Lobotomizações, onde queimava-se por meio de choques elétricos uma parte do hipotálamo, castrações, internações em manicômios e prisões, terapias, onde tentava-se através de medicamentos causadores de enjoos fazer com que homossexuais tivessem nojo de sentir prazer em suas relações, eram as soluções que visavam “curar” essa “doença” em vasta parte do Ocidente (FRY et al., 1982;1985).

No Brasil da década de 1930 a polícia e a medicina trabalhavam juntas, como poder-se-ia perceber no encaminhamento dos homossexuais de classe mais baixa ao Laboratório de Antropologia Criminal do Instituto de Identificações de São Paulo, onde pesquisava-se os motivos sociais e biológicos da homossexualidade. Mesmo não fazendo parte do Código Penal Brasileiro, a homossexualidade era alvo de tratamento e punição por parte da



força médico-policial (FRY et al., 1982;1985, p. 65-69). Alguns desses médicos-pesquisadores, como Krafft-Elring, ele mesmo gay e um dos primeiros a estudar homossexualidade, tinham interesse em defender os direitos homossexuais, apontando a “naturalidade” da homossexualidade, bem como sua condição biológica. Contudo, as “boas intenções” não levaram necessariamente a consequências positivas. Leis estadunidenses e espanholas, por exemplo, pautadas nesse saber médico, fizeram com que muitos homossexuais fossem vítimas de terríveis tratamentos, bem como encarceramentos em prisões e manicômios (FRY et al., 1985).

Até mesmo teorias médico-psiquiátricas mais brandas como a de Freud, para quem, em um resumo simplista, a homossexualidade era um estágio que alguns indivíduos não conseguiam ultrapassar, foram perigosas para pensar a homossexualidade, por mais bem intencionada que sejam. Uma vez que a homossexualidade é pensada por Freud como uma etapa que, quando superada, leva a um “estágio sexual de maturidade”: o sexo heterossexual, ele, então, hierarquiza as sexualidades em detrimento da que diz respeito a pessoas do mesmo sexo, tida como imatura. As ideias freudianas tornaram-se dogmas e consolidaram um senso comum sobre o que é, bem como quais são as causas da homossexualidade. As relações homossexuais foram atreladas a diversas teorias sobre mães dominadoras, pais ausentes e relações conturbadas entre pais e filhos e permeiam à todo momento os discursos cotidianos sobre homossexualidade (Idem, 1985, p. 72-74). Em 1973, a homossexualidade, devido aos esforços dos movimentos homossexuais, deixa de ser categorizada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria. Embora os terapeutas e os psiquiatras não tenham abandonado o campo da sexualidade, a abordagem utilizada agora por essas áreas, ao menos oficialmente, entende a homossexualidade como “uma orientação sexual tão aceitável quanto a heterossexualidade”. Desse modo, o campo médico continua a interceder politicamente na homossexualidade, contudo de forma mais “progressista” com

terapias que tentam facilitar a aceitação dos pacientes quanto a sua sexualidade e percebe-la com normalidade. Em um momento posterior, a medicina utiliza-se de conceitos de “saúde e doença” para designar o “homossexual sadio”. Assim, disfarça-se e reforça-se valores morais acerca da conduta esperada dos homossexuais, revestidos de uma capa de comportamento sadio, que por exemplo é contrário a dita “promiscuidade” (Ibidem, p. 76-77).

As investidas da medicina sobre a sexualidade foram favorecidas por um ambiente social já existente onde as classes dominantes, das quais os médicos faziam parte, alguns até mesmo homossexuais, estavam preocupadas com as ações sexuais extraconjugais. A medicina, então, possuiu uma função importante na divisão entre homossexualidade e heterossexualidade em âmbitos diferentes por natureza. Destarte, as concepções sobre sexualidade das classes médias urbanas advém da medicina, que cindiu o mundo entre as categorias “homossexual” e “heterossexual”, combatendo uma concepção bem diferente, referente ao “Brasil popular”, onde as distinções são entre “bicha/sapatão” e “bofe/mulher”. Essa percepção proveniente do saber médico também entra em confronto com a visão da “sexualidade humana como simplesmente sexualidade” (Idem, 1985, p.78-81).

Durante o século XIX, a sexualidade foi estudada e analisada de modo minucioso, com médicos e terapeutas todos interessados em investigar o mais detalhadamente possível acerca da conduta sexual das pessoas com o intuito de conferir uma legitimidade do saber médico sobre o campo sexual. As condutas foram analisadas, as sexualidades divergentes, como a homossexualidade, foram classificadas como desvio, loucura e homossexuais foram encarcerados em sanatórios, vigiados e punidos. As antigas categorias morais que associavam a homossexualidade, bem como outras sexualidades periféricas, ao pecado e a “falta de vergonha” foram substituídas por outras categorias, advindas do saber médico

que dão um caráter de “doença” e de responsabilidade biológica. Toda uma perseguição foi feita às sexualidades divergentes. Desse modo:

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a toas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre, é-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular (FOUCAULT, 1988, p.43).

### **2.3 – Pedras, moedas e garrafas: o princípio do movimento**

Para falar sobre como se dá o “nascimento” do movimento LGBT como o conhecemos desejamos antes mostrar como um contexto que pode ser favorável às minorias pode deixar de sê-lo. Duas situações ocorridas em países europeus mostraram o surgimento de um movimento que reivindicou direitos para os homossexuais, e logo depois, com uma mudança de poder, foi extinto com duras consequências para os homossexuais. Numa Europa onde a homossexualidade ainda era criminalizada, diversos pensadores homossexuais da época (meados do século XIX à meados do XX) se posicionaram e formaram grupos com o intuito de descriminalizar a homossexualidade. Destaque para Magnus Hirschfeld, que além de homossexual era judeu, criador de um grupo, em 1897, que visava extinguir do Código Penal alemão o artigo 175, que punia atos homossexuais. Em 1919, o Instituto de Ciência Sexual foi fundado em Berlim, que nesse momento era considerada uma espécie de “capital gay” mundial e iniciou-se congressos para debater a temática em toda parte da Europa (FRY et al., 1985, p.86-88).

Poucos anos depois, com a ascensão do nazismo, qualquer ato sexual que não servisse a fins procriativos, como as relações

homossexuais, eram percebidos como “bolchevismo sexual”. Em 1933, o alvo inicial da campanha de “limpeza” de livros “pouco germânicos” foi o Instituto de Hirschfeld. A política nazista era claramente contra a homossexualidade e condenava os homens homossexuais aos campos de concentração, até mesmo quando esses apenas possuíam fantasias sexuais. Cerca de 80.000 homens foram castrados e colocados em regime de trabalho, subnutridos e marcados com um triângulo rosa em seus uniformes, sofrendo violência tanto por parte da Gestapo quanto pelos próprios prisioneiros. Com o fim da 2ª guerra, pouco lembrou-se dos prisioneiros homossexuais e, uma vez que o parágrafo 175, que punia atos e pensamentos ditos homossexuais, foi mantido na Alemanha pós-guerra, poucos foram os sobreviventes que locucionaram sobre o assunto (Ibidem, 1985, p.86-91).

A segunda situação diz respeito a uma União Soviética que, em 1917, acabou com as leis contra a homossexualidade e que com a tomada de poder de Stalin, em cerca de 1920, muda-se a percepção sobre a homossexualidade. Ironicamente, a homossexualidade foi percebida como “perversão fascista”, atrelada ao nazismo, derivada da decadência burguesa e com isso iniciou-se uma expedição, na qual os homossexuais foram expulsos do Partido, discriminados, observados, detidos e exilados. A rejeição aos homossexuais fazia parte de um aglomerado de disposições, como por exemplo a proibição do aborto, em defesa da família tradicional. Ambas as situações, da Alemanha e da antiga União Soviética, demonstraram o perigo que existe para os homossexuais provenientes das transformações da opinião pública (Idem, 1985, p.87-91).

Fry et al. (Idem, p. 92-95) afirma que de 1935 à 1948 os movimentos homossexuais cessam sua existência até um outro marco: o relatório Kinsey. Alfred Kinsey publicou nos Estados Unidos da América (EUA) um livro no qual afirmou, por meio de vasta pesquisa, que os homens estadunidenses não podiam

simplesmente ser separados meramente entre “homossexuais” e “heterossexuais”, uma vez que grande parte desses já teve relações sexuais tanto com outros homens com mulheres<sup>8</sup>. Com essa constatação tornou-se impossível ignorar, nos Estados Unidos, a questão da homossexualidade. Foi fundada então a Sociedade Mattachine cujo intuito era reformar as leis anti-homossexuais dos EUA, preferindo as palavras “homófilo” ou “homoerótico” à “homossexual”, pelo suposto caráter “sexual” da palavra. Da Sociedade Mattachine surgiram vários outros grupos de gays e lésbicas nos Estados Unidos, cerca de 150 em 1969, e no resto do Ocidente. No fim da década de 1960, paralelamente ao *boom* feministas, nos EUA, os homossexuais saíram do silêncio e mudaram sua designação para “gays”, termo neutro no qual tentou-se designar uma cultura específica e positiva (BADINTER, 1993, p. 113). O vocábulo “gay”, que originalmente significaria “alegre”, passou a ser utilizado nos Estados Unidos na década de 1950 para categorizar homens que faziam sexo com outros homens, posteriormente, na década de 1960, sendo usado pelo movimento homossexual estadunidense como uma maneira de declarar uma identidade de grupo (PÉRET, 2011, p. 17-18). Ainda sobre o termo “gay”, Ribeiro (2010) o responsabiliza pela formação de uma identidade do sujeito, de modo que:

O termo *gay* vem substituir o termo “homossexual”, mas a diferença entre um e outro diz respeito, basicamente, ao seu valor social. Se o termo “homossexual” é associado ao modelo médico legal e tem conotações de patologia e de crime, o termo *gay*, expressa literalmente “felicidade” e “alegria”. Ironicamente, entretanto, a taxinomia em si adquire uma legitimidade avassaladora. De vez, o modelo medico é consagrado pela sua própria criação, a subcultura homossexual (FRY, 1982, p. 104, grifos do autor).

O movimento gay questionou algumas das instituições masculinas, bem como o privilégio do “macho”, nesse sentido,

---

<sup>8</sup> Romances como “Capitães de Areia” do Jorge Amado, mostraram como as relações homossexuais são corriqueiras entre rapazes adolescentes, também n Brasil, que não necessariamente no futuro identificam - se como homossexuais e como, invariavelmente e sempre o que atua como “passivo” sexualmente que é penalizado ou emasculado (FRY, 1982; FRY et al.,1985).

contribuindo com o feminismo e suas reflexões. Importante pensar que os homossexuais estadunidenses viam-se como um grupo étnico e reivindicavam seu reconhecimento, o que lançou luz, outra vez, ao debate sobre identidade homossexual, e que por muitas vezes é perigoso uma vez que “identidade” trouxe outra vez a questão do caráter inato da homossexualidade e colocação do “homossexual” como uma espécie diferente com causas hormonais e genéticas. Por outro lado, o reconhecimento dos homossexuais como um grupo minoritário trouxeram vantagens, para além das reivindicações dos direitos igualitários: os sentimentos de aceitação, confiança e pertencimento. Desse movimento gay, cujo objetivo principal seria inferir um título de “normalidade” a homossexualidade, surgiram os *gay's studies*, conjunto de trabalhos acadêmicos sociológicos, históricos e antropológicos sobre a homossexualidade. Com esses estudos, os homossexuais mudaram suas técnicas, estratégias e teorias, afastando-se da “identidade gay” e da “orientação sexual”, uma vez que estas possuíam cunhos essencialistas, e distinguindo entre “conduta” e “condição sexual” (BADINTER, 1993, p.113-114).

Com a chegada do movimento de contracultura e a ligação com os hippies (a partir de 1969) o movimento homossexual toma uma outra forma, influenciado por esses outros movimentos, pautando as questões de liberdade sexual e os papéis sexuais. Em conjunto com esses movimentos e com os movimentos feminista e negro criou-se então a Frente de Libertação Gay (FLG), que começou nos EUA e espalhou-se pelo Ocidente. Um marco para o movimento homossexual foi a “Rebelião de Stonewall”, que ocorreu nos EUA no dia 28 de Junho de 1969, e durou o resto do final de semana, no qual homossexuais resistiram e enfrentaram a polícia que invadiu o bar “Stonewall Inn”, parte do gueto homossexual. Palavras de ordem eram gritadas exaltando o “orgulho gay” e a partir daí uma minoria homossexual militante inicia algumas medidas para lutar pela causa gay. A FLG lançou um jornal chamado “*Come Out*”, o que traduz em

“assuma-se” e tornou o dia 28 de julho decretado como “Dia do Orgulho Gay”.

Assumir-se e “orgulhar-se” de sua homossexualidade foram – e ainda são – ações e discursos muito poderosos no movimento homossexual, pois significaria sair de uma vergonhosa clandestinidade imposta para as ruas. Na luta contra o preconceito e a patologização da homossexualidade, o “assumir” é tanto uma arma para desestigmatizar os homossexuais quanto o responsável por dar forma a identidade “gay” (FRY, 1982, p.113; FRY et al., 1985, p. 96-98), ao passo que o “orgulho” significaria “uma reação política de luta e resistência contra um dispositivo de escárnio” existente, ainda hoje, em várias partes do planeta que atinge os homossexuais (RIBEIRO, 2010, p.52). Desse modo, surgiu uma identidade gay, que por sua vez também foi exigido pelo meio externo com um comportamento e regras pré-estabelecidas.

Stonewall Inn era um bar em Greenwich Village, Nova York, onde travestis, lésbicas e homossexuais reuniam-se para beber e vivenciar sua homosociabilidade. Essa área residencial (Greenwich Village) era conhecida nesse período por abrigar jovens com ideologias políticas ditas de esquerda atrelados então, ao movimento feminista, ao movimento negro e ao movimento contra a Guerra do Vietnã. No dia 28 de Junho de 1969, após o velório do ícone gay Judy Garland (a Dorothy de “O mágico de Oz”), cerca de 400 pessoas foram a Stonewall para beber e, como usualmente acontecia, lidaram com uma batida policial. Em 1969 estabelecimentos voltados para homossexuais, ou que reunissem esses, era ilegal em Nova York, o que seria a justificativa policial. Foi um grupo de travestis quem inicialmente reagiu, enfrentando a polícia com “pedras, moedas e garrafas” e recebendo em seguida o apoio de outras pessoas do bairro, como o de moradores que lançavam objetos na polícia. O conflito durou quatro dias e muitos homossexuais foram presos ou feridos, contudo esse “motim” representou um momento muito importante para o movimento LGBT: os dias nos quais travestis,

lésbicas e homossexuais enfrentaram a opressão e os ataques, que sofriam cotidianamente, representando a erupção do movimento por direitos dos homossexuais nos EUA e depois no mundo. É após essa “rebelião” que o movimento homossexual passa a se apropriar da expressão da “gay”, significando uma identidade em comum, em detrimento de homossexualismo, este tido como uma doença (PÉRET, 2011, p.28-31; RIBEIRO, 2010, p.52)

Essa “identidade gay” possui uma certa rigidez que proíbe pessoas identificadas como homossexuais de relacionarem-se heterossexualmente, daí o surgimento da categoria “bissexual”, esta malquista tanto entre os heterossexuais quanto entre os próprios homossexuais. Também surgiu todo um comércio oriundo dessa “identidade gay”, que por meio do mercado exigiu padrões de consumo, beleza e relacionamentos, deixando de fora desse circuito – e sendo estigmatizados pelos outros homossexuais – os indivíduos que não possuem o comportamento, etnia, classe social e idade adequados, ou seja gays afeminados, negros, pobres e idosos, ou “coroas”, como são chamados popularmente. Quanto as relações afetivo-sexuais são impostos padrões heterossexuais de relacionamento, nos quais é esperado uma relação “estável” e monogâmica, de preferência com pessoas de mesma etnia e classe social, marginalizando os que preferem – ou são empurrados para essa “preferência” – a solidão, as relações esporádicas ou com garotos de programa, considerando todos esses como promíscuos e valorando uma carga negativa a essa palavra (FRY et al., 1985, p. 98). Essa “identidade” também teve cor e classe social definida, por muito tempo, uma vez que a maior parte dessas pessoas que compunham essa “cultura gay” eram homens, brancos e de classe média alta, uma burguesia gay o que gerou o aparecimento dos que consideravam-se *queers*, compondo coletivos que criticam esse modelo conservador e ideal e recusando afirmar-se como gays, reivindicando as “questões de raça e classe social nas lutas políticas”. O termo *queer* possuía um sentido inclusivo que abrange



várias “identidades” marginais e não apenas os gays, como as lésbicas, os travestis, bissexuais, transgêneros, etc. (RIBEIRO, 2010, p.56).

#### **2.4 – Ditadura, Jornal Lampião e o surgimento de um movimento LGBT no Brasil**

Ao analisar o Brasil, no período de 1870-1980, Green et. al (2006, p.15-18) aponta um momento em que a homossexualidade, no país, era vivida em guetos e sua subcultura era compartilhada por meio de sinais compreendidos apenas pelos “entendidos”. Os homossexuais possuíam até mesmo um vocabulário próprio, este que sobrevive até hoje. Nesse período, são raras as fontes sobre a homossexualidade, o que motiva-os a escrever sobre este, uma vez que a maioria das fontes sobre os homossexuais masculinos não foi produzida por eles mesmo, uma vez que “sair do armário” ou ser testemunhado praticando atos homossexuais era perigoso. A procedência do textos que tratavam sobre a homossexualidade era da polícia e da ciência medica, ambas responsáveis por detectar, estudar e controlar os homossexuais durante praticamente todo o século XX, especialmente os das classes mais baixas, já que aos homossexuais da classe média, ou da burguesia, brasileira era permitido esquivar-se da polícia. As fontes centrais sobre homossexualidade, nesse período, derivavam de registros médicos e policiais, o que nos faz perceber o opressivo contexto ao qual esses homossexuais pertenciam.

Green et. Al (2006, p.20;27-32; 53-55) destacou as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, ambas representantes do desenvolvimento econômico do país, como lugares onde a presença de homens homossexuais foi mais visível desde a década de 1870. No período conhecido como “Brasil Império”, informações sobre os “sodomitas” (como eram conhecidos os homens que relacionavam-se com outros homens) eram pouquíssimas e descreviam esses

“personagens” ligados a prostituição, atuando enquanto passivos sexualmente e relacionados a elementos tidos como “femininos”, como a moda e a própria figura da mulher. Nessas cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo, os sodomitas encontram-se por toda parte: nas casas onde alugavam quartos para fazerem sexo; nas portas dos teatros; nas praças; nos bilhares; nos botequins e cafés. Importante notar que os sodomitas (ou “pederastas”) nesse período são fortemente associados ao crime (“vício hediondo da prostituição” e aos roubos), bem como as funções ditas femininas, como cozinhar, costurar e fazer arte. Nesse período, também era muito comum que os “homossexuais” utilizassem de nomes de mulheres (ou femininos) e que se comunicassem através de um vocabulário próprio, cheio de gírias, com o qual identificavam-se e construía uma rede de solidariedade.

O Brasil do período ditatorial (1964-1985), mesmo destacando-se como um momento de repressão às liberdades, encontra no meio artístico performances que iam, e em parte ainda vão, contra os papéis sociais atribuídos ao sexos. Caetano Velos, posteriormente exilado, os Dzi Croquettes e Ney Matogrosso (na banda Secos e Molhados) são exemplos de artistas ligados a música e com atuações enleadas ao “feminino”<sup>9</sup>, que tripudiavam sobre os papéis sexuais padronizados ao mesmo tempo em que eram legitimados enquanto produções artísticas. Nesse período, a censura e a hostilidade policial abafavam seja qual fosse o posicionamento, caso esse fosse contrário a ordem hegemônica (FRY et al., 1985). Quando Ney Matogrosso deu uma entrevista sobre sua homossexualidade, em 1978, ocorreu uma investigação governamental, com o intuito de averiguar a violação, ou não, da lei da imprensa, publicando algo que feriria “a moral e os bom costume” (GREEN et. al, 2006, p.130-131). Defensores do casamento homossexual datam do século XIX e

---

<sup>9</sup> Antes desses, temos duas personalidades brasileiras que destacam-se por romper com a hierarquia de gênero e alçar a popularidade no Brasil: Rogéria (1970) e a Madame Satã (1900) (GREEN et. al 2006). A Madame Satã é apontada por Green (2003) como um homossexual afeminado, pobre e nordestino, mas percebido no imaginário social (mesmo o masculino) da época e atual como uma “bicha valente”, e nesse sentido “viril”, categoria pertencente a masculinidade tradicional.

no Brasil datam da obra “Homossexualismo Masculino” (1953) de Jorge Jaime, que apesar de posicionar-se a favor disso, não acreditava que a felicidade fosse possível para os homossexuais. A boate Alfredo, possivelmente foi o primeiro lugar noturno voltado para homossexuais cariocas. Nesta ocorreu o primeiro casamento homossexual do Brasil, na data de 22/12/1962, e pelo cardápio (lagosta, espumantes, caviar) pode-se perceber que estes faziam parte de uma classe média/média alta. Esse casamento foi noticiado pela revista “Fatos e Fotos” e severamente criticado pela “ambiguidade sexual” dos indivíduos presentes (um dos noivos estava trajando um vestido de noiva) e pela não intervenção da polícia. O dono do bar, Eduardo Gonçalves, expôs que o casamento contou com a alta sociedade e que foi um sucesso. Contudo, ele explicou que dois dias após a matéria sair na revista, a polícia fechou o lugar, um dos motivos pelos quais as pessoas tinham medo de trabalhar com o público gay (GREEN et. Al 2006, p. 47-50).

Ao estudar a imprensa gay, feita pelos próprios homossexuais, do período onde surgiram os primeiros jornais da década de 1960 até os sites tão comuns no século XXI, Péret (2011) constata que esta é um fato novo e cheio de “fracassos” devido ao caráter insubordinado do jornalismo gay brasileiro. A imprensa brasileira que não era voltada por homossexuais, por sua vez, durante muito tempo associou a homossexualidade ao crime e a perversão, como pode -se constatar com o caso “Febrônio índio do Brasil”. Embora muito tenha-se mudado quanto a abordagem da imprensa em relação aos homossexuais, nos dias de hoje, Ribeiro (2010, p.19-22) infere que, na sua maior parte, e por muito tempo, as formas pelas quais os meios de comunicação abordam as diferenças de gênero e as sexualidades distintas da heteronormativa são debochadas, discriminatórias e caricaturizam a figura do gay. Na televisão aberta, veículo formador de identidade, segundo o autor, o homossexual é tratado quase sempre de maneira pejorativa e com uma linguagem jocosa, deixando claro a leitura preconceituosa que se tem dos

homossexuais. A TV aborda, hoje, temas homoeróticos de modo homogêneo e homogeneizante, não percebendo a distinção entre sexo e gênero bem como definindo o comportamento de um personagem homossexual pela sua orientação sexual.

Embora na Constituição Brasileira a homossexualidade em si não tenha sido declarada crime, implicitamente, o Código Penal de 1890, através do decreto nº 847 de 11/10/1890 era utilizado para punir práticas sexuais entre homens. Toda uma criminalização da homossexualidade ocorria quando os homossexuais apreendidos eram levados à justiça por algum dos quatro artigos usados para criminaliza-los, a saber: o relacionado ao abuso sexual (que prendiam homens que faziam sexo com pretensos “garotos”); o atentado ao pudor (pelo qual poder-se-ia punir qualquer manifestação afetivo-sexual distinta da heterocêntrica); a que dizia respeito ao “vestir-se como o sexo oposto” (excetuando o período do carnaval) e a vadiagem (que atrelava o desemprego a prostituição masculina). Era comum que a homossexualidade fosse atrelada ao crime (e muitas vezes a “raça”) e ao sadismo, explorando a figura do homossexual como um perigo social (GREEN et. al 2006, p.77-78;81).

A homossexualidade e a criminalidade são elementos relacionais para diversos autores, das mais diversas áreas como a medicina ou a psiquiatria, que entendem essa última como uma disposição “natural” entre homens homossexuais. Desde o século XIX até pouco tempo atrás, juristas e médicos defenderam esse discurso que ora pontuava a homossexualidade como doença (homossexualismo), ora como crime. Em 1938, Francisco Campos, ministro da Justiça do Estado Novo, propôs Alcântara Machado para redigir o novo Código Penal de 1940 para o Brasil, com a proposta de criminalizar os homossexuais (artigo 258), com pena de prisão para atos libidinosos entre homens, desde que as pessoas não fossem diagnosticadas como doentes, existindo nesse artigo uma cláusula que possibilitaria a justiça a optar por hospitalização ao invés da prisão. Felizmente, essa proposta não foi efetuada. Em 1927, temos

o caso “Febrônio Índio do Brasil” que estuprou menores e com isso ocorreu uma completa associação entre homossexualidade, loucura, criminalidade e raça, por parte dos discursos médicos, jurídicos e pela imprensa (Ibidem, p. 96-98;121-122).

Médicos brasileiros também buscavam identificar, sintomatizar e descrever o tipo “homossexual”, atrelando-o a perversão sexual, “erro da natureza” ou deficiência endócrina, todas passíveis de intervenção médica. As tentativas da medicina em curar os homossexuais tinham como procedimentos intervenções no corpo e na mente, com confinamentos, choque elétricos, medicações pesadas, tratamento psicológico e psiquiátrico, psicanálise familiar, transplante de testículos e camisa de força (Idem, p. 81-90).

Nos anos 1930, o sanatório Pinel de São Paulo recebeu diversos pacientes cuja “doença” era serem homossexuais. O conhecimento médico, num esforço nacional e internacional de compreender o “problema” da homossexualidade, esquadrinha os corpos e os lugares, anota os gestos e objetos, tabelas, dados, discute registros em congressos da área, publica fortemente livros e textos em revistas especializadas, à espera de encontrar uma explicação científica para a existência dos homossexuais. Dessa explosão de documentos fazem parte as anotações clínicas, fichas médicas, escritas por quem nunca imaginou que seria lido muitos anos depois, e anexos a algum desses prontuários, documentos muito raros, cartas dos pacientes, documentos mais raros. Nessas, pode-se perceber um misto de forte ansiedade, culpa cristã e melancolia (Idem, p. 124-140), o que também pode ser percebida em muitas vivências homossexuais nos dias atuais. Percebe-se também nessas cartas que era comum as famílias internarem os filhos homossexuais e que algum desses internos identificavam-se com o gênero “feminino”, por serem passivos sexualmente, adotando, por vezes, nomes ditos de “mulher. A homossexualidade (ou homossexualismo, como era chamado nesse período) era vista como uma possibilidade de destruição social, das nações e da família. Previsões apocalípticas eram feitas inclusive

acreditando que a homossexualidade acabaria com o mundo (Ibidem, p. 101).

No dia 13 de Janeiro de 1961, onze amigos homossexuais cariocas constituíram um grupo, com o objetivo de “conversar, promover concursos, escutar música e conviver”, chamado Turma OK. Esses afirmavam não ter intenções políticas, mas junto com outros grupos como os “Noturnos do Subúrbio”, precederam a chegada de uma nova identidade homossexual no Brasil. A Turma Ok cessou suas atividades no período do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que cerceava muitas das liberdades civis. Os jornais e fanzines, elaborados por homossexuais e para homossexuais surgiram para suprir as necessidades desses grupos em promover suas ações. As publicações primeiras eram feitas de modo bastante arcaico e compartilhadas entre grupos (PÉRET, 2011, p. 17-18).

O jornalzinho Snob, que pelo nome já denunciava uma “atitude blasé em relação à sociedade heterossexual e religiosa” foi a primeira publicação declaradamente homossexual a surgir, em 1963 no Rio de Janeiro, decorrente da Turma Ok, e tinha em suas páginas fofocas, poesias, matérias sobre moda e humor. O corpo editorial do jornal se mantinha anônimo e esse circulava entre jovens gays de classe média interessados nesses assuntos, posteriormente entrando em contato com gays de outras cidades. O Snob reproduzia o modo como os gays daquela época percebiam e viviam suas “identidades sexuais”, reproduzindo as percepções de gênero da época e assim os estereótipos da “bicha” que precisa do “macho” ou seja: do homem ativo que não era percebido como homossexual. Posteriormente outras publicações surgiam como “Os felinos” (1967) de Niterói, que inovou colocando fotos de homens nus, bem como trouxe inquietações políticas, como a rigidez do governo ditatorial. Esse jornal, embora influenciado pelas teorias de gênero e pelos movimentos gay e feminista oriundos da Europa e dos Estados Unidos, esses que já discutiam leis mantenedoras dos direitos civis

dos homossexuais, ainda traziam os recorrentes temas da “fofoca, moda, cultura e colunas sociais (Ibidem, p. 25)<sup>10</sup>.

Em 1968, foi criado por Guimarães e Anuar Farah a associação Brasileira de Imprensa Gay (ABIG) que foi encerrada pouco depois. Jornais mais politizados em relação a causa homossexual, como o “Gente Gay” e os mais triviais como “Entender”, “Mundo Gay”, “*Little Darling*” e “Fatos e Fofocas”, todos feitos por gays e para gays obtiveram rápidos fracassos, sendo encerrados pouco depois de lançados. Contudo, a produção desses jornais e periódicos mostravam o modo como uma minoria percebia e interagia com o mundo, com suas questões ideias e polêmicas em comum, agregando pessoas excluídas (Idem, 2011).

Já em 1978, com a maior abertura política e a suavização da censura, surgiu um jornal no Rio de Janeiro, produzido por intelectuais, jornalistas e artistas homoafetivos, que foi um marco para o movimento homossexual: o *Lampião da Esquina*. Embora o objetivo original do jornal fosse integrar melhor o movimento homossexual com os movimentos de outras minorias (feminismo, negro, indígena e ecológico), o seu papel de destaque deu-se principalmente por uma nova abordagem da homossexualidade, menos pejorativa e mais positiva. Importante atentar que a homossexualidade não era citada no Código Penal Brasileiro, mas em 1979 iniciou -se um inquérito contra as pessoas ligadas ao jornal, bem como também contra o jornalista Celso Curi, que possuía uma coluna que tratava de fofocas e notícias do “mundo” homossexual, por alegação de infração da “moral e bons costumes”, da Lei de Imprensa (FRY et al., 1985).

---

<sup>10</sup> Posteriormente, Péret (2011, p. 31) afirma que no mesmo período, o da ditadura, e graças a esta, os brasileiros ficaram de fora dos acontecimentos relacionados aos direitos homossexuais que ocorriam mundo afora. Mesmo os homossexuais não sendo alvos dos militares, esses possuíam suas manifestações vigiadas, o que nos faz pensar que o contato dessas publicações com movimento LGBTs, ainda não denominado assim, se dava por conta da aproximação de homossexuais da classe média alta das grandes cidades com outros homossexuais europeus e estadunidenses.

Péret (2011, p. 47;50;60) afirmou que o jornal *Lampião* surgiu posteriormente a vinda ao Brasil, em 1977, do homossexual ativista estadunidense Wesley Leyland, jornalista de um famoso jornal gay de São Francisco (o “*Gay Sunshine*”) que em algum momento encontrou-se com intelectuais homossexuais brasileiros, como Darcy Penteado, Aguinaldo Silva e o antropólogo Peter Fry. A proposta editorial inicial seria abordar temas ligados aos homossexuais e outras minorias como: “a violência contra homossexuais e mulheres; o racismo; a masturbação; a prostituição masculina; a maconha; o sadomasoquismo; a igreja e a homossexualidade; o travestismo”. Temas peculiares e atuais ao Brasil da época, como a o machismo e homofobia da esquerda e dos movimentos sindicais também eram abordados, como uma entrevista ao ex-presidente Lula. O jornal *Lampião da Esquina* ficava escondido na banca, significando que a simples ação de compra-lo era “assumir-se” homossexual, sendo alvo de boicotagens por parte dos donos de banca de revistas, atentados com bombas por parte de grupos paramilitares e punições pelos militares. Segundo estes publicações como esse jornal gay faziam “apologia” a homossexualidade, e eram considerados pornográficos. Entretanto:

Ao colocar em pauta a homossexualidade, reivindicando, com base na pluralidade de visões e opiniões, um olhar mais atencioso e crítico para a questão, o jornal aplicou o debate acerca dos direitos gays no país e se firmou como importante marco da imprensa alternativa no período da ditadura militar (PÉRET, 2011, p. 60).

Depois de um longo período de constrangimento e coação dos homossexuais ligados a esses jornais, o processo foi arquivado. Como aconteceu com as outras publicações, rachas editoriais e questões financeiras também ajudaram no fim das mesmas. Contudo, esse exemplo evidencia que as práticas homossexuais não apenas eram mal vistas pela sociedade desse momento, como também eram reprimidas pelo Estado, por meio da polícia. Contudo, nesse instante, iniciou-se um processo de legitimação das pautas homossexuais no Brasil. Em São Paulo, um grupo de artistas,



intelectuais e profissionais liberais homossexuais, incomodados com uma vida restrita ao gueto, começaram a reunir-se e deram origem ao “SOMOS-Grupo de Afirmação Homossexual”<sup>11</sup>. Partindo das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, grupos homossexuais começaram a pulular e em 1980 reuniram-se na cidade de São Paulo para discutir sobre identidade homossexual, organização desses grupos e a atuação dos partidos políticos existentes quanto a causa homossexual. Incomodados com as tiranias encontradas nos partidos de esquerda e de direita, bem como nas relações entre homens e mulheres, optaram pela emancipação partidária do movimento homossexual e pelo apoio ao feminismo no combate ao machismo, desaprovando a reiteração deste nas relações homoafetivas e buscando propagar vínculos mais equânimes (FRY et al., 1985; PÉRET, 2011, p 60). Segundo Jurth (1960 apud GREEN 2006) a principal diferença entre os homossexuais brasileiros e europeus seria o não interesse dos primeiros na atividade intelectual ou na defesa da causa gay, estando apenas interessados em obter relações sexuais.

Há homossexuais em todos os meios, e em todos os meios eles são tão malvistas que se finge acreditar que eles só existem na classe oposta. Os menos criticados são talvez aqueles de cuja situação ninguém tem inveja, ou seja, os mais pobres[...] (GREEN et. al 2006, p. 63).

No fim do século XIX, o homossexual masculino era definido como uma espécie de caricatura, uma “paródia” do feminino tradicional, associado a passividade sexual e dividido entre uma minoria com feminilidade escandalosa e uma maioria *in the closet*, expressão em inglês que equivale, literalmente ao nosso “no armário” brasileiro, que indica pessoas que tem relações com outras do mesmo sexo, mas apenas na esfera privada. Nos anos 1980, em contraposição a esse padrão de homossexualidade, surgiu um novo, atrelado a “masculinidade” e a “virilidade” exacerbada, ao couro (e ao sadomasoquismo) e aos corpos “sarados”. Esse modelo de

---

<sup>11</sup> Contemporâneo do Jornal Lâmpião da Esquina, cujos membros faziam parte também do editorial (PERÉT, 2011, p. 59);

homossexualidade despreza os valores femininos e privilegia a tradicional virilidade masculina, sobrevivendo fortemente nos dias de hoje <sup>12</sup>. O que percebe-se com esses dois padrões de homossexualidade é uma submissão aos estereótipos heterossexuais, imitações alienantes do que é “masculino/homem” e do que é “feminino/mulher”. Com os *gay's studies*, no fim dos anos 1980, a “heterossexualidade”, conceituada como sexualidade “normal” pelo saber médico (e em especial pelos sexólogos) em oposição a “homossexualidade”, é discutida e questionada novamente <sup>13</sup> como uma instituição, ao invés de dado natural. Segundo esses estudos, o “heterossexismo”, de modo parecido com o racismo e o sexismo, impõe uma hierarquia, só que entre s homens (BADINTER, 1993, p.160-164).

A busca pela superação das categorias identitárias discriminatórias e hierárquicas relacionadas a homossexualidade, como “ativo/passivo” e “bofe/bicha”, e a criação de uma nova identidade gay pautada nos compromissos acima citados contudo não seria uma novidade. Já na década de 1960, as expressões “entendido” e “entendida” surgiram no Brasil e significavam algo similar ao termo “gay” estadunidense: pessoas que faziam sexo com outras do mesmo sexo, desobrigados de possuir trejeitos. Os primeiros grupos homossexuais brasileiros preferiam a expressão “bicha” à “gay” ou “entendido”, como uma tentativa de ressignificá-la com uma conotação positiva e militante. Nesse mesmo período, começou a aparecer bares, saunas, revistas e discotecas voltadas para homossexuais (FRY, 1982; FRY et al., 1985).

Fry et al. (1985) pontua acerca da participação das lésbicas nos movimentos homossexuais. Questionamentos sobre o machismo, dentro das relações homossexuais e do próprio movimento, foram importantes contribuições destas, que além de homossexuais eram

---

<sup>12</sup> Esse estereótipo em específico é o mais homofóbico, segundo Badinter, uma vez que rejeita os seus atributos femininos.

<sup>13</sup> Apenas no final dos anos 1960 que a normalidade da heterossexualidade é questionada pelo movimento de gays e lésbicas.

mulheres, ou seja, eram – e ainda são – mais oprimidas pelo sexismo. Desse modo, ocorre uma aproximação maior das lésbicas com o movimento feminista e uma organização dentro de grupos lésbicos onde poderiam discutir suas pautas mais específicas. O Grupo de Ação Lésbico-Feminista foi fundado em 1980 com mulheres homossexuais, anteriormente parte do grupo Somos<sup>14</sup>.

Nesse período eram recorrentes as ações policiais com intuito moralizante de expurgar dos centros das cidades os homossexuais e as prostitutas. Violência policial, batidas relâmpagos nos lugares onde ocorriam as reuniões e prisões ilegais ocorriam constantemente levando o movimento homossexual às ruas de São Paulo, em conjunto com os movimentos feminista, estudantil e negro. Posteriormente a esse apogeu, o movimento homossexual degradingola com o fim de alguns grupos, bem como do jornal Lampião e a fragmentação de outras associações de homossexuais (Ibidem, 1985).

O Grupo Gay da Bahia, que preferiu seguir usando o termo norte-americano “gay”, oriundo de Salvador, e cuja persona de destaque mais evidenciado é o professor e antropólogo Luiz Mott, militou nesse mesmo período para a retirada do, até então, “homossexualismo” da classificação enquanto desvio mental no código da INPS do item 320.0 e da retirada da homossexualidade da lista de doenças do INAMPS. A campanha, que se iniciou com o grupo, espalhou-se por boa parte do Brasil e obteve assinaturas e apoio de personalidades do mundo artístico, científico e político. A Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência estiveram entre as instituições de destaque que apoiaram essa causa (FRY et al., 1985). Após os vários avanços do movimento homossexual dos anos 1970 e a conexão com o “amor livre” da contracultura, os homossexuais lidaram com um problema – e de certa forma ainda lidam – que gerou

---

<sup>14</sup> Péret (2011, p. 71-81) destaca que a imprensa lésbica brasileira, com publicações feitas por lésbicas e voltadas para especificidades destas, datam de 1981 (o periódico chamado Chana com Chana). Posteriormente e com muitas dificuldade outras publicações foram lançadas, sem muita repercussão talvez pela invisibilidade que as lésbicas sofrem na sociedade e dentro do próprio movimento LGBT.

ainda mais preconceito contra comunidade gay: o vírus da imunodeficiência humana (HIV) que se desdobrou no síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Os primeiros casos de AIDS foram percebidos nos EUA, no início da década de 1980, e logo se proliferaram outros casos com uma espantosa rapidez com que se caracteriza uma pandemia (PÉRET, 2011, p. 63). No mundo inteiro:

A rápida contaminação por homossexuais criou um pretexto ideal para o avanço dos preconceitos homofóbicos, que se traduziu numa escandalosa rejeição de responsabilidade por parte das autoridades sanitárias de todos os governos no mundo (RIBEIRO, 2011, p.56).

Poucas e risíveis campanhas de informação eram feitas por políticos. Associações, derivadas de um sentimento de solidariedade e medo em gays e lésbicas, estas últimas que voltaram a aproximar-se desejosas de ajudar os muitos amigos que morriam semanalmente, foram formadas para atuar independente do poder público, uma vez que esse não se pronunciava. Com o avanço da pandemia da AIDS pelo mundo, atingindo a primeira vista os homens homossexuais, o movimento pelos direitos gays no Brasil sofre um forte impacto, passando por divergências ideológicas internas e uma forte desmobilização da qual restaram poucos grupos de homossexuais na resistência, como o Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa, de São Paulo, ambos fundados na mesma década da pandemia: 1980. O pânico era tamanho que calou a imprensa gay brasileira por anos e voltou a sociedade contra os homossexuais, ambos sem muita informação por parte da mídia, do Ministério da Saúde, etc (PÉRET, 2011, p. 64-66). Trevisan (2000 apud PÉRET 2011, p. 65) pontua que houve culpabilização dos homossexuais por parte da doença, que já atingia pessoas no Brasil em 1982, e um esvaziamento da vida noturna gay em cidades grandes como São Paulo. Nesse período, um jornalista da Bahia chegou a propor o extermínio dos homossexuais, estes percebidos na época como vetores dessa “peste gay”. Por toda parte, os homossexuais eram ainda mais discriminados, hostilizados e culpabilizados pela doença que era tida como consequência de uma vida promiscua e “punição divina por atos anormais”. Desde então o HIV/Aids tem configurado parte da identidade do homossexual.

Como afirma Péret (2011, p. 67-68), com o passar do temor inicial, percebeu-se que o vírus também alcançava heterossexuais, bem como pessoas que faziam, como os hemofílicos, transfusão de sangue ou utilizavam drogas injetáveis, com o discurso especializado falando não mais sobre “grupo de risco” e sim sobre “comportamento de risco”. Desse modo, a sociedade brasileira e o poder público, por meio de um aglomerado de ações (campanhas de prevenção, efetuação de testes, distribuição de medicamentos) enfrentou a doença e o Brasil foi reconhecido, em 1994, como referência no tratamento do HIV/Aids. Novos grupos e associações de homossexuais foram criados, com um foco e modo de atuar diferente dos anteriores, que até então buscavam a liberdade de relacionar-se com quem desejassem a despeito do sexo, mobilizados e articulados contra a doença e o tal “comportamento de risco” e buscando informar a comunidade gay sobre esta síndrome bem como debater amplamente com a sociedade brasileira como um todo sobre a homossexualidade.

Existe um grande hiato na literatura acerca da repercussão do surgimento do HIV/Aids nos lugares que os homossexuais socializavam. Nesse interim, o Ministério da Saúde fazia campanhas tocando no sexo entre homens e recebendo suas severas críticas da Igreja Católica. Apesar dos pesares, Trevisan (2000 apud PÉRET 2011) expõe que o HIV/Aids obteve sucesso em reorganizar e entusiasmar o movimento pelos direitos homossexuais. Welzer-Lang (2001, p. 471) destaca que o movimento gay foi acelerado pela homossexualização da Aids, e que aliado ao comércio gay deram visibilidade a outros modelos de homossexualidade.

Em 1968, a revista “Realidade” publicou uma matéria sobre a homossexualidade masculina com o subtítulo “O mundo triste e angustiante dos homens que negam sua condição de homens” o que, até então, era uma abordagem recorrente quando tratava-se o assunto “homossexualidade”. Contudo, nesse período, os homossexuais que deram entrevistas à reportagem, bem como outros, enviaram cartas reclamando da matéria e deixando explícito que não se percebiam

como doentes, o que para a época foi algo totalmente inovador (GREEN et. al, 2006, p. 157). Entre 1969 e 1977, notícias sobre o movimento de gays e lésbicas estadunidenses começaram a ser divulgados pela grande imprensa brasileira, mesmo com a forte censura do momento. Se as matérias sobre homossexualidade (brasileira) eram tratadas frequentemente de modo condenatório, ao falar dos homossexuais norte-americanos, a abordagem era mais positiva, mais otimista e focada nas manifestações, protestos, ações legais e na luta de lésbicas e gays pelos seus direitos civis. Importante notarmos que é nesse momento que um comércio voltado para os gays desponta nos Estados Unidos.

Embora não tenha durado muito tempo, por ter sido considerada como atentado à “moral e aos bons costumes”, a coluna de Celso Cury, do Jornal Última Hora (1976), era específica para homossexuais e nela tanto noticiava-se acerca de homossexuais famosos no país e no mundo como também divulgava-se as boates e bares voltados para gays nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro (GREEN et. al, 2006, p.159-162; 167-168).

Green et. al (2006, p. 170;173-176) apontou a expansão do movimento de homossexuais a partir dos anos 1970, no Brasil, de modo similar ao que ocorrera nos EUA e na Europa na década anterior. Em 1976, até mesmo uma comemoração do “Dia do Homossexual” foi organizada por manifestantes, tímidos e amedrontados”, no Museu da Arte Moderna, no Rio de Janeiro, mas não ocorreu por causa da repressão policial. Em 1977, a passagem do editor e militante do famoso jornal Gay Sunshine Press, Winston Leyland, de São Francisco, pelo Brasil trouxe grandes mudanças para o movimento gay brasileiro. O jornal “Lampião da Esquina” surgiu, não por acaso, posteriormente a encontros de artistas e escritores gays com o editor. Nesse período, o foco principal do movimento gay era discutir sobre a pressão social exercida sobre eles e toda a discriminação e perseguição vivenciada, bem como tentar divulgar informações sobre a homossexualidade na tentativa de desmitificá-la e atenuar o preconceito. França (2012) destacou que a partir dos

anos 1970, no Brasil, especialmente nas grandes capitais como o Rio de Janeiro e São Paulo, ocorreu uma expansão dos ambientes públicos atrelados a sociabilidade e consumo dos homossexuais.

Os acontecimentos citados acima levam a uma visibilidade maior da homossexualidade por parte da imprensa e da televisão, com o surgimento de personagens homossexuais como o “Painho”, um homossexual pai-de-santo que refletia o estereótipo da “bicha” brasileira e sua ligação com a “macumba”, interpretado por Chico Anísio e o Capitão Gay, do Jô Soares. Por sua vez, essa visibilidade ajudou na criação de um mercado voltado para os homossexuais, com discotecas, bares e boates. Até mesmo partidos políticos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), se pronunciaram, na figura de Lula, que almejava o cargo de governador de São Paulo em 1982, a favor da não discriminação de homossexuais, que até então eram vistos como criminosos ou doentes no Brasil (FRY, 1985). Péret (2011) destaca a mudança da agenda política da esquerda, a favor da pauta homossexual, como parte das modificações advindas do movimento de contracultura.

Contudo, os partidos políticos de esquerda, até cerca de 1975, pensavam a questão da desigualdade apenas quanto as classes sociais, ignorando as pautas dos movimentos negro, feminista e homossexual. Lula, por exemplo, três anos antes de concorrer como governador do Estado de São Paulo, disse em entrevista ao Jornal Lâmpião da Esquina, no ano de 1979 que feminismo era “coisa de gente que não tem o que fazer” e que desconhecia homossexuais na classe operária. Tendo em vista esses posicionamentos da esquerda brasileira e a perseguição política que sofreram no período ditatorial, os movimentos homossexuais brasileiros tem uma peculiar repulsa a representação política (FRY et al., p. 117; PÉRET, P. 51). Nos tempos atuais, as minorias passaram a ser percebidas como “políticas” por uma visão social que reconhece o poder no todo e não apenas no Estado, como pode-se perceber em figuras políticas, como o deputado federal baiano do Rio de Janeiro Jean Wyllys, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), homossexual que possui

projetos de lei que dizem respeito a inserção de deficientes físicos no mercado de trabalho (771/2011), ao tratamento de doenças raras no sistema único de saúde – SUS – (2669/2011), a regulamentação das atividades dos profissionais do sexo (4211/2012), entre outras. Sem dúvida as leis mais “polêmicas” relacionadas ao deputado são justamente as que tratam da sexualidade homoafetiva e da identidade de gênero: a Lei João W. Nery de identidade de gênero (PL 5002/2013), que visa regulamentar o processo de transsexualização, e a PL 5120/2013, que almeja a interferência do poder legislativo na regulação do direito ao casamento civil e união estável homossexual em todo o território brasileiro<sup>15</sup>.

Os jornais brasileiros noticiam crimes em relação aos homossexuais, decerto de modo bem espalhafatoso, desde o século XIX. Com o passar do tempo, as mídias televisivas começaram a exhibir suas histórias e crimes, embora ainda com um “quê” de sensacionalismo e homofobia, mais ou menos como os programas de “humor” da TV aberta e seus personagens homossexuais caricatos. O Brasil é um país recordista em crimes homofóbicos, com cerca de 260 homossexuais assassinados em 2010. A mídia atualmente trata da homossexualidade com duas posições distintas e tidas como moralmente opostas: o posicionamento de aceitação e respeito à diversidade sexual por parte dos direitos humanos e a visão religiosa (cristã) da homossexualidade como “anormal”. Atualmente, diversos acontecimentos (como a tão noticiada história do jovem agredido na Avenida Paulista e as declarações preconceituosas do deputado Jair Bolsonaro) fizeram com que a homofonia fosse mais pautada na mídia e estivesse em discussão na sociedade brasileira. O Supremo Tribunal Federal (STF) aprovou em consonância a união civil entre homossexuais, conferindo assim os mesmos direitos e deveres que os casais heterossexuais tinham aos casais do mesmo sexo, embora a PL122, que criminaliza a homofobia no Brasil, ainda não tenha sido aprovada (PÉRET, 2011, p. 107-112). Decerto que o surgimento da

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://jeanwyllys.com.br/wp/projetos-de-lei>, acessado em 22/11/2015.



homossexualidade, enquanto categoria, gerou significativos resultados para a vida sexual como um todo. A expressão “gay” foi apropriada, ressignificada e popularizada por um compromisso coletivo, com uma representação mais aberta, festiva e positiva do que a categoria “homossexualidade”.

### **III – Gênero, sexualidade e consumo (gay): conceitos e percepções**

A homossexualidade continua, nos dias de hoje, sendo classificada como pecado, “sem-vergonhice” e doença, como pode ser percebido nas vivências familiares turbulentas, nas notícias vinculadas a imprensa e em muitas outras esferas. Contudo, muitos avanços ocorreram desde os períodos citados. No mundo moderno, essas pessoas são divididas entre as categorias “heterossexual” e “homossexual” – e em menor escala “bissexual” – numa linguagem mais especializada, ao passo que são denominados nos dialetos populares como “entendidos”, “giletes”, “gays”, etc. Essa mesma categorização que penaliza o e enquadra sujeitos em “‘guetos’ estanques” acaba criando uma “identidade homossexual”, o que para muitos gera uma maneira de viver sua vida com novas possibilidades e vantagens (FRY et al., 1985, p. 119-120). Algumas características ligadas à uma posição crítica para com a sociedade são atribuídos à identidade da “bicha”: a criatividade, a relação próxima com a arte, a ambiguidade, o humor e uma espécie de ligação com o “consumismo”. E embora nem todos os homossexuais possam ser caracterizados por esse estilo de vida, a “fechação” ligada ao comportamento mais “efeminado” e a um humor mais “venenoso” compõe a caracterização de muitos homossexuais. Outros grupos marginalizados, como os negros e os judeus, também são caracterizados por seu senso de humor mordaz (FRY et al., 1985; RIBEIRO, 2010).

Levamos em consideração que os espaços “gay” ou “GLS” são espaços não só de consumo, mas também de sociabilidade e que o mercado voltado para homossexuais e “simpatizantes”, assim

segmentado, é uma esfera importante para a ponderação sobre como são construídas as identidades coletivas atreladas a sexualidade de modo que esse: “Reproduz diferentes categorias em torno do que é ser ‘homossexual’ e da sexualidade de forma geral, e faz circular referências e imagens identitárias acerca dos possíveis estilos ligados a sexualidade” (FRANÇA, 2007, p. 227- 229). Desse modo, percebemos a importância de entendermos as relações que se dão entre identidade, sexualidade e consumo. Uma vez que o objeto de nossos estudos são os homens homossexuais, faremos algumas pontuações sobre as possíveis construções da identidade masculina.

### **3.1 – Identidade Masculina, identidade sexual e homofobia**

A identidade, além de estar em transformação constante é utilizada como uma forma de “celebração móvel”. Uma vez que a identidade está em contínua modificação, ela não pode ser uma nem oferecer a segurança desejada, modificando-se de acordo como apresentam-se e multiplicam-se os sistemas de significação, o que tem consequências políticas consideráveis no “jogo das identidades. A identidade central da modernidade, a “classe”, desgastou-se e na pós-modernidade convive e articula-se com uma enorme multiplicidade de identidades e sub-identidades políticas, advindas do feminismo, do movimento negro, do movimento LGBT entre outros. O feminismo, tanto como movimento social quanto como crítica teórica, juntamente a outros “novos movimentos sociais” tiveram uma forte influência no descentramento da identidade ao afirmar não só as dimensões objetivas da política, como também as subjetividades. Os movimentos sociais recorriam e ainda recorrem a uma identidade social dos seus participantes, o que constitui toda uma “política de identidade”. O movimento feminista é destacado nesse período por muitos questionamentos que passariam também a fazer parte dos discursos do movimento LGBT, como a família e a sexualidade e que fundariam os conceitos da identidade sexual e do gênero.

Como afirma Hall (2005, p.86) a globalização gera uma proliferação de novas identidades. Essas “comunidades”, como podemos encaixar também a LGBT, tem em comum o fato de serem vistas como o “outro”, embora não necessariamente sejam fisicamente, eticamente, culturalmente ou linguisticamente a mesma coisa. À exemplo da identidade *black*, analisada pelo autor, a “identidade gay” também é um efeito de esforços para sua constituição, sendo não apenas política mas também posicional e conjuntural, com formação a depender de tempo e lugares específicos.

Embora a masculinidade seja percebida como um princípio universal e permanente, como se fosse parte da natureza do homem, ela nada tem de “natural”. O “ser homem”, dota o indivíduo de uma série de prerrogativas, é um trabalho e também um esforço, relacionado a provações da virilidade, a ser conquistado. Com o fortalecimento e expansão do movimento feminista, na década de 1970, o papel masculino, o homem e sua própria masculinidade começaram a ser questionadas<sup>16</sup>, de modo que:

A virilidade tem sua unidade questionada. A classe, a idade, a raça ou a preferência sexual tornam-se fatores de diferenciação masculina, e os anglo-americanos preferem falar de masculinidade no plural (BADINTER, 1993, p. 5).

A “identidade masculina” do homem foi construída historicamente pautada em grande parte nas diferenças biológicas, em oposição a uma “identidade feminina” atribuída a mulher, de modo a legitimar por meio da ciência médica biológica a “superioridade” do homem em detrimento da subjugação da mulher, tida como “sexo frágil”. Enquanto à identidade masculina (e ao homem) foram atribuídas a vida política e pública, a mulher, por ser relacionada a feminilidade, fora atrelada a atividades domésticas, sendo assim relacionais. Ao ser colocado oposto a “feminilidade”, a

---

<sup>16</sup> A identidade “masculina” do homem começa a ser pensada tardiamente, em comparação ao feminino, tendo em vista que ela é identificada como neutra, como sinônimo do gênero humano. O corpo é percebido então como fonte primária da construção da identidade sexual, sempre levando em conta que as diferenças entre os sexos variam de uma sociedade para outra (BADINTER, 1993, P 42).

“masculinidade” é construída, desde o nascimento da criança, ou até antes ainda, na confirmação do sexo biológico no ultrassom<sup>17</sup>, em oposição primeiramente a figura da mãe, para em seguida ser afastada do feminino e de tudo que é percebido como tal, como a figura do homossexual (BADINTER, 1993, p. 6-22; 46-55).

O homem constrói sua masculinidade desde a infância através de ritos de iniciação, desde que passa por um processo de separação do mundo feminino da mãe até quando passa por comprovações públicas e melodramáticas, como por exemplo a comum perda de virgindade com prostitutas, tão comuns em cidade de interior. A pedagogia homossexual também é um método do qual o homem aprende a sua virilidade, contudo, por um viés homossexual. Um exemplo bastante conhecido diz respeito a Grécia antiga, na qual a categoria “homossexual” não existia, onde homens mais velhos iniciavam os mais novos sexualmente, acreditando-se passar a virilidade e os conhecimentos sexuais através da cúpula. As tribos Baruya e Sambia tinham um procedimento similar, no qual, em secreto para homens, os mais novos ingeriam esperma através da felação, dos homens mais velhos e já iniciados, acreditando-se receber conhecimento e virilidade. Em ambos os casos, essa “pedagogia homossexual” seria a preparadora e a responsável pela inserção dos meninos no mundo dos homens e nas relações “heterossexuais”<sup>18</sup>. A identidade masculina também é aprendida no contato dos meninos com seus pares (em grupos, gangues e equipes), com suas subculturas bastante diferente das meninas, com vivência muito conectadas a agressividade dos esportes e aos jogos sexuais (idem, ibidem, p. 69-87;92-97).

Pontuou-se que os homens homossexuais eram primeiramente homens e que “homossexual” seria um adjetivo. Enquanto alguns propunham acabar com o termo “gay”, tido como rótulo reificador

---

<sup>17</sup> Segundo Bourdieu (1999, p.18): “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios e de divisão socializante”.

<sup>18</sup> Uma das condições da pedagogia homossexual é que esta seja transitória uma vez a relação entres esses homens adultos seria tida como “anormal”.

da sexualidade e observado como “carteira de identidade”, outros, como Jeffrey Weeks (1989 apud BADINTER 1993) afirmaram que a homossexualidade, mesmo múltipla é diferente da heterossexualidade e que ainda assim construíram-se interesses distintos entre ambos. A “identidade gay” seria uma escolha, atrelada ao combate, como um estratagema para ter determinados tipos de relação e prazeres.

Ao passo que nas sociedades patriarcais a masculinidade é identificada com a heterossexualidade, definindo-se gênero pelo comportamento sexual, e definida em oposição a feminilidade, então a homofobia, juntamente com a misoginia tem um papel importante no sentimento de identidade masculina e na sociabilização do homem, a homofobia como o horror às qualidades femininas nos homens e a misoginia como o pavor às qualidades femininas nas mulheres, desse modo estando conectados ao medo da igualdade dos sexos e dos próprios desejos homossexuais. O homossexual, principalmente o que atual enquanto passivo sexualmente, é equiparado a mulher, nesse sentido, e o temor dos homens em relação à homossexualidade traduz-se em comportamentos agressivos, repulsa e esquivamento. Se por um lado, a homofobia é um aspecto ideológico de uma ideologia mais geral, como a religiosa, por outro esta demonstra a frágil heterossexualidade de muitos homens, enquanto mecanismo de defesa. De todo modo, a homofobia tem como conseqüências a agressão violenta aos homossexuais, na maioria esmagadora das vezes por homens, a interiorização da homofobia por homossexuais e a formação de um obstáculo na amizade dos homens, dessa maneira estando conectada ao medo da igualdade dos sexos e dos próprios desejos homossexuais (idem, *ibidem*).

Podemos perceber a violência contínua contra homossexuais ao olharmos as notícias de agressões e assassinatos de homossexuais nos crimes homofóbicos que ainda não são juridicamente descritos assim, e que atingem até mesmo heterossexuais que são percebidos

como homossexuais<sup>19</sup>, sendo assim um empecilho para as relações afetivas e não apenas sexuais dos homens. Nós podemos entender a homofobia internalizada nos gays quando percebemos suas falas discriminatórias em relação aos gays mais “afeminados” ou aos que são, ou parecem, passivos sexualmente.

Segundo Bourdieu (1999, 2007) é por meio de um incrível trabalho coletivo de socialização permanente e disseminado que as identidades, culturalmente construídas de forma arbitrária, tornam-se *habitus* diferenciados. As diferenças visíveis entre os corpos masculinos e femininos são percebidas pelos esquemas da visão androcentrica, tornando-se garantias para os valores dessa visão e hierarquizando “essências”, que na verdade são socialmente construídas de modo que o aparece na história enquanto eterno é na verdade o produto de um “trabalho” de eternização que se dá por meio das instituições (família, igreja, escola, jornalismo, esporte) e suas instituições. A biologização do social se dá por um processo, no qual a dominação é legitimada, ignorando que a natureza biológica é uma construção social naturalizada. O trabalho de construção simbólica realiza-se (completa-se) na prolongada e intensa modificação dos corpos e cérebros, que são construídos de acordo com o que foi definido como pertencente ao seu sexo e expurgando os pensamentos e fatos do outro e os gêneros (masculino e feminino) possuem existência relacional e são frutos de um trabalho de construção diacrítica, ou seja, teórica e prática, este responsável por construir o “corpo socialmente diferenciado do gênero oposto”. A ordem masculina está inscrita, para o autor, nas coisas e nos corpos por meio de imposições não declaradas e implícitas, nas rotinas e rituais coletivos. Os princípios da identidade “masculina” e da identidade “feminina” inscrevem-se sob as formas de servir do corpo.

---

<sup>19</sup> A notícia de um pai e filho que foram agredidos no interior do Estado de São Paulo, por serem confundidos com um casal de homossexuais em Julho de 2011 serve de ilustração do que dissemos. Cerca de 20 pessoas cercaram os dois em uma feira agropecuária e espancaram-os nem mesmo permitindo que ambos explicassem que não eram homossexuais. Disponível em: [globo.com/brasil/noticia/2011/07/pai-abraca-filho-e-e-agredido-por-homofobicos-em-so.html](http://globo.com/brasil/noticia/2011/07/pai-abraca-filho-e-e-agredido-por-homofobicos-em-so.html), acessado em 01/12/2015.

As estruturas de dominação são históricas, produtos de um trabalho contínuo, com agentes específicos contribuindo, como os homens com a violência física e as instituições como a família, primeira experiência com a divisão sexual do trabalho, a escola, responsável por transmitir os pensamentos do sistema patriarcal, o Estado, que reforça o patriarcado, inscrevendo-o nas instituições e a religião (cristã) cuja moral é construída sobre valores patriarcais e que pautam o sexo apenas como reprodutivo. As relações de dominação são, então, dependentes da perpetuação e transformação das estruturas e a construção do *habitus* viril masculino se dá por meio de “ritos de instituição”, como a circuncisão, os esportes, ou os jogos infantis, desde a separação do menino do universo da mãe, com o intuito de criar-se uma identidade masculina, oposta a feminina, através de um trabalho social de virilização, ou desfeminização. Por meio desses ritos, acontece a diferenciação, baseada nos signos exteriores do corpo, entre homens e mulheres (idem, 1999). Apesar de pontuar a dominação masculina como parte de uma estrutura que reproduz-se e que praticamente não permite mudanças (o que discordamos), Bourdieu expõe que ela já não tem a mesma evidência que tinha antes, graças ao questionamento do movimento feminista a essas evidências. A escolaridade também aparece, para o autor, como uma chance de reproduzir algo diferente, assim como os novos tipos de famílias e a maior visibilidade públicas de novas sexualidades (como a homossexualidade) o que pode abrir espaço para novas formas de pensar a sexualidade.

As disposições de quem domina não se encontram inscritas na natureza também. Ao contrário, são construídas por meio de um trabalho de socialização. É exigido o “ser homem” como um dever, uma virtude cuja virilidade deve ser construída, testada e legitimada por outros homens. Segundo Bourdieu (idem, p. 67):

A virilidade [...] é uma noção iminentemente relacional, construída diante de outros homens e contra a feminilidade por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.  
(Grifos do autor)

As relações sociais de sexo <sup>20</sup> ente homens/homens e homens/mulheres são fruto de um “duplo paradigma naturalista”: a falsa natureza superior dos homens, que cria as barreiras entre os gêneros e o sexismo; e a visão heterossexuada do mundo, na qual as relações “naturais” (ou “normais”) são apenas as relações entre homens e mulheres, pontuando as outras no mínimo como “diferentes”. Os homens, entre si, também são estruturados pelo processo de dominação masculina que educa e estrutura o masculino, bem como combate os aspectos ligados às mulheres e ao masculino, nos homens (WELZER-LANG, 2001, p. 460;462).

Welzer-Lang (idem, p. 462-465) aponta para uma homosociabilidade inicial entre os meninos, de um modo geral, onde esses aprendem e reproduzem os modelos sexuais através da aproximação e expressão do desejo. Por vezes ocorrem entre essas crianças brincadeiras “homossexuais” que ficam em segredo dentro do grupo e são “esquecidas” após a passagem da infância/adolescência. O que nos interessa nesse ponto é perceber que são nesses grupos que os jovens começam a lidar (e aprendem) com as regras do “mundo masculino” e com o “tornar-se homem”. As interferências das classes sociais também são importantes para distinguirmos esses homens, “homem” como uma categoria oposta e relacional a “mulher” e a “criança”, de modo que estigmatiza-se tudo o que seja diferente do modelo masculino tido como certo. Desse modo, as relações entre os homens (e o próprio “masculino”) são construídas segundo a perspectiva das relações hierarquizadas entre homens e mulheres, de modo que os homens que não são adequados a esse padrão de virilidade são desqualificados e dominados, de modo parecido com o que ocorre com as mulheres. A homofobia é responsável por um engessamento de gênero e é conceituada como uma “discriminação contra pessoas que mostram, ou a quem se

---

<sup>20</sup> O termo “relações sociais de sexo” é de uso recorrente na França, de modo similar ao “gênero” estadunidense.



atribuí algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero” e ainda:

A homofobia pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo. Forma específica do sexismo, a homofobia rejeita, igualmente, todos aqueles que não se conformam com o papel predeterminado para seu sexo biológico. Construção ideológica que consiste na promoção constante de uma forma de sexualidade (hétero) em detrimento de outra (homo), a homofobia organiza uma hierarquização das sexualidades e, dessa postura, extrai consequências políticas (BORRILLO, 2010, p. 34).

A categoria “homossexual” é recente, diferentemente das práticas, e foi criada pelas ciências médicas para descrever o desviante. Desse modo o indivíduo deixa de ser percebido apenas pelo aparelho genital e passa a ser analisado também pelo desejo sexual, ao passo que a “heterossexualidade” foi formada socialmente e socialmente construída como o parâmetro do que seria “normal” nas práticas sexuais (BOURDIEU, 1999; WELZER-LANG, 2001). A heterossexualidade como um “modelo político de gestão de corpos e desejos” (WELZER-LANG, 2001, P. 467) e é imposta aos homens como uma forma natural de sexualidade, uma linha de conduta que fundamenta o “heterossexismo”, conceituado como:

[...] a discriminação e opressão baseadas em uma distinção feita a propósito da orientação sexual. O heterossexismo é a promoção incessante, pelas instituições e/ou indivíduos, da superioridade da heterossexualidade e da subordinação simulada da homossexualidade [...] toma como dado que todo mundo é heterossexual [...] (idem, ibidem, p. 467).

Os homens que não vivencia a sexualidade “heterossexual” não são percebidos como homens normais, especialmente os que atuam enquanto passivos sexualmente, uma vez que a penetração é prerrogativa masculina, esses associados às mulheres e percebidos como transgressores da ordem naturalizada. Como infere Butler (2010), graças à estruturação que esconde a irregularidade que se dá na sexualidade, entre gênero, sexo e desejo, de modo que um desses não deriva do outro, é criada uma falsa permanência de gênero, cujo efeito naturalizante gerando a falsa ideia de eu há uma continuidade

entre gênero, sexo e desejo. Contudo, o eu parecia uma “essência” é na verdade uma “performance”, uma ação gerada pela produção discursiva que nubla a si mesma e por isso parece natural.

O sexo, como dispositivo de sexualidade, é o caminho pelo qual o indivíduo atravessa para obter permissão a sua própria inteligibilidade, ao seu próprio corpo e à sua identidade. Estamos em uma sociedade da sexualidade e o sexo é um foco de disputa política, uma vez que é uma disciplina corporal (é adestrado, disciplinado) e é regulado através dos seus efeitos globais. Existe todo um micropoder que vigia/controla a sexualidade dentro e através das instituições, como a família, a escola e a religião e fora delas com o saber médico, com as inúmeras terapias, ditando o tempo inteiro como deve-se proceder afetivo sexualmente (FOCAULT, 1988;2005).

A sexualidade, por sua vez, é um ponto de interseção entre todas as pessoas e categorias, construindo-se como um componente que possui maior operacionalidade, o que permite utiliza-la para um maior número de articulação e estratégias, dentro das relações de poder. Essas estratégias variam de sociedade para sociedade, não sendo globais como pode-se perceber nas diferentes formas como as relações sociais de sexo são percebidas em distintos lugares e pode ser definida como: “o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa” e é distinto de acordo com a classe social (idem, 1988, p.120), sendo um dispositivo histórico que foi construído através de processos sociais. Ao assumir-se uma identidade gay, seja com o intuito que for, tem que se atentar que essas também não são naturais, muito ao contrário uma vez que:

Identities são projetos: tarefas a serem empreendidas, realizadas de forma diligente e levadas à cabo até uma finalização infinitamente remota, mesmo no caso de identidades que pretendem e/ou se supõe serem “dadas” e inegociáveis, a obrigação de realizar um esforço individual para se apropriar delas e depois lutar todos os dias para se manter agarrado a elas é apresentada e percebida como a principal

exigência e condição indisponível de sua “gratuidade” (BAUMAN, 2008, p. 142-143).

Atualmente, os papéis sexuais encontram-se sobre uma grande pressão das classes médias urbanas, uma vez que essas geraram uma ideologia de equidade e precisam aprender a lidar com os papéis do “homem” e da “mulher”, bem como com o da “bicha” e da “sapatão”, estes transformados – não inteiramente na categoria “homossexual”. Os homossexuais, por sua vez, também estão a buscar novos meios de identificação e ressignificação (FRY et al., 1985, p.116-117).

### **3.2 – Homossexualidade e Consumo**

Personalidades famosas no Brasil, como Cássia Eller, Ney Matogrosso e Caio Fernando Abreu assumiram sua sexualidade e exibiram-na de modo seguro após a morte do cantor Cazuza. Paralelamente a isso, nos centros das cidades, se proliferaram bares, boates e outros eventos ligados a vida noturna dirigidos aos gays, mas agora em contato com os lugares “hétero”. Então, uma nova identidade gay emergiu, nos anos 1990, posteriormente ao desespero da pandemia do HIV/Aids, bastante ligada ao consumo. Um mercado notadamente para gays emergiu, acompanhado pela imprensa, com sites, casas noturnas, eventos culturais e diversos outros produtos voltados para homossexuais. Esse mercado movimentou bilhões de dólares em todo o mundo.

André Fisher, expoente da cena gay brasileira, formulou a sigla “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes) no Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, em 1994. “GLS” é um conceito de marketing e diz respeito ao segmento de mercado voltado para gays, lésbicas e simpatizantes descritos por Fisher, em entrevista a Péret (2011, p 84), como “pessoas interessadas em cultura”. A expressão foi bastante utilizada pela mídia brasileira, uma vez que também fazia referência a um carro popular da época, o gol Gls e, além disso, equivale a expressão estadunidense *gay friendly*, que diz respeito a

uma conduta inclusiva e de respeito a diversidade sexual, por parte de instituições, empresas e indivíduos. O termo “pink Money” também foi cunhado pelos norte-americanos, atrelada ao dinheiro gay e ao mercado voltado para homossexuais de classe média, especialmente os das cidades grandes. Segundo França (2007, p. 235-237), os lugares *friendly* são frequentados predominantemente por heterossexuais, nos quais homossexuais são bem vindos, enquanto os espaços GLS, ao contrário, dizem respeito ao ambiente onde a maior parte dos frequentadores são homossexuais (gays e lésbicas). A letra “S” entrou, então, para expandir o mercado e aumentar o número de consumidores, estes que não se reconhecem como homossexuais mas vivenciam esse consumo. O fato dos espaços de consumo voltados para homossexuais terem sido identificados como GLS tornou possível um afastamento do gueto, além de perder um pouco a atmosfera de contestação. Sobre a mudança de pauta dentro da “comunidade” gay:

A noção identidade, tão importante para os militantes e jornalistas das décadas de 1970 e 1980, foi sendo gradualmente substituída pela de “consumidor” ou “público gay”. Acusada de superficial, consumista e apolítica, a sigla GLS encapou movimentos e projetos diversos [...] (PÉRET, 2011, p. 85.).

As revistas voltadas para homossexuais, a partir desse momento, como a *Sui Generis*, a *G Magazine* e a *Júnior*, transitaram tanto no mundo da militância, quanto no do consumo da dita “cultura gay” com suas festas, boates e acessórios da moda. Contudo pode perceber-se que o “público gay” sofreu ainda com os mesmos preconceitos, o que notou-se através da insegura trajetória financeira, devido aos poucos patrocínios, das publicações voltadas para homossexuais. Quando trata-se de mercado GLS, os jornalistas atuantes no setor afirmaram que este é restrito a “sexo e diversão” (*idem*, *ibidem*).

Com a propagação da internet, o acesso e a produção de informações ficam disponíveis para todos, ou para quase todos, permitindo que por meio da virtualidade as pessoas possam expor, vivenciar e conhecer sua sexualidade, por vezes de modo facilitador.

O Brasil destaca-se no quesito mídia gay por diversas iniciativas, começadas em 1993 com o “Mix Brasil”, primeiro site gay da América Latina. Através dos sites e espaços LGBTs virtuais, são divulgados relatórios sobre a violência LGBTfóbica, faz-se campanhas de cunho militante, para, por exemplo, conseguir algum abaixo-assinado que proponha exigir a aprovação de alguma lei, bem como troca-se informações sobre questões peculiares e muito comuns aos homossexuais no geral, como a ação de “assumir-se”, a não aceitação familiar, a questão da homoparentalidade (adoção de filhos por pais ou mães homossexuais), etc. Contudo, paralela e imbricadamente a isso, muitos sites também fomentam uma identidade gay pautada no consumo (idem, ibidem). Existem inúmeros sites e páginas de redes sociais voltadas para o consumo de marcas caras de roupa e toda uma e toda uma indústria de sexo que vai de sites pornográficos para homens gays, com suas inúmeras propagandas, aos aplicativos (como o Grindr ou o Hornet) para gays, bem como suas assinaturas caras e com o direcionamento para encontros amorosos e sexuais, com ênfase no último.

O período posterior ao desespero do surgimento do HIV/Aids permitiu um debate maior a respeito da sexualidade bem como estreitou a conexão entre o movimento GLBT (como era a sigla do movimento, antes das lésbicas reivindicarem que a letra “L” fosse à frente em virtude da invisibilidade destas no movimento) e o Estado. Esse acontecimento fez com que a mídia abordasse a homossexualidade e sua própria visibilidade social, que crescia. As iniciativas relacionadas ao mercado e o comportamento dos consumidores devem ser interpretados imbricados a processos sociais mais amplos conectados com outros atores sociais, como o Estado e os movimentos sociais. Desse modo, ao averiguarmos sobre o mercado GLS, precisamos entender também como ele relaciona-se com o movimento LGBT. O padrão da homossexualidade, com essa visibilização ocorrida nos anos 1990, também se modificou para além da dicotomia “bicha/passivo” x “bofe/ativo”, dizendo respeito

mais às práticas homossexuais e propensões do desejo (FRANÇA, 2007, p. 233-235).

O dinheiro cor de rosa<sup>21</sup> pode ser percebido como a entrada do capitalismo no espaço que vem sendo conquistado pelo movimento LGBT. Os LGBTs até então deixados “de lado” pela dinâmica do mercado capitalista, são alvo de todo um estilo de vida gay pautada no consumo. A parada LGBT de São Paulo de 2007 foi exposta pela mídia, como por exemplo através da Folha de São Paulo, com o foco na parte comercial dessa, ao falar das boates e benesses do comércio. Ainda na folha foi pontuada a existência de um mercado de luxo (da moda) voltado para homossexuais (ricos) e como esse, assim como o comércio popular beneficiou-se do acontecimento da parada LGBT de São Paulo, evento que atraiu o maior número de turistas para a cidade até então. Sobre as notícias relacionadas a esse parada, divulgadas pelas redes de TV brasileira aberta, foi observado que as chamadas televisivas de todas as emissoras, isso quando existiam, davam uma atenção muito maior no retorno financeiro dos LGBTs do que nas pautas em si, como a luta contra a lgbtfobia, por exemplo.

O “gueto” gay, a partir da metade da década de 1990, transformou-se num mercado que expandiu-se para variadas seções como festivais de cinema, agências de turismo, sites, lojas de roupa e somando-se as já estabelecidas boates e bares. Com essa ampliação surgiram diversas categorias, guiadas por diferentes estilos de vida, como os ursos, as barbies e os coroas, por exemplo, trazendo uma crescente segmentação de espaços de consumo, voltadas para cada uma dessas categorias identitárias (FRANÇA, 2007). Sobre as atuais

---

<sup>21</sup> Segundo Ribeiro (2010, p.58) a expressão “*pink money*” (ou dinheiro rosa, em português) surgiu no fim da década de 1970, nos EUA, quando o movimento de homossexuais estadunidense, por não terem conseguido patrocínio para suas ações, protestou do seguinte modo: definiram um dia nacional de protesto onde cada nota de dólar que passasse nas mãos de um gay seria riscada de rosa com um marca-texto. O autor nos conta, que na manhã seguinte ao protesto, bilhões de notas apareceram coloridas mostrando o potencial do dinheiro “gay”. Embora essa história seja interessante e tenhamos colocado-a como possível explicação para essa expressão, não podemos inferir na sua veracidade, tendo em vista que não encontramos essa informação em nenhum outro lugar (artigos, livros ou mesmo na internet). Outra pontuação que achamos importante fazer é o fato do autor não elucidar sobre a participação das outras letrinhas do “LGBT” e em especial sobre as lésbicas, uma vez que essas participavam ativamente das ações que reivindicavam os direitos civis de pessoas que relacionavam-se com outras do mesmo sexo.

revistas brasileiras voltadas para o público homossexual, a DOM e a Júnior, percebe-se um forte viés de matérias relacionadas ao consumo de roupas, marcas, perfumes, agências de viagem, ao erotismo e a divulgação de um estilo gay visibilizado pela mídia e gerador de um padrão de homossexualidade. Reportagens atreladas ao movimento LGBT são praticamente inexistentes, o que nos permite perceber o distanciamento desse estilo de homossexualidade do movimento político de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros. Também existe todo um trabalho por parte de blogueiros, especialmente nas cidades maiores, para divulgar as festas que ocorrem nas grandes boates GLS, bem como escrever acerca de marcas, moda e outros objetos de consumo que constituem a imagem do “gay moderno”, muito divulgada pela mídia e atrelada a um consumo e classe alta, à um padrão de corpo “sarado” e até mesmo a uma cor/raça: o homem branco, não afeminado, de modo que este “gay moderno”, mesmo carregando o estigma da homossexualidade representa os marcadores mais hegemônicos da sociedade. Em Campos dos Goytacazes, esse trabalho de divulgação ocorre em uma proporção muito menor do que em cidades como o Rio de Janeiro, dando-se por meio de redes sociais como o Facebook. Volta e meia tem aparecido campanhas publicitárias onde são colocados casais gays, lésbicas ou outra abordagem da sexualidade. Em junho de 2012, a Avon retirou do seu catálogo os livros de Silas Malafaya, pastor brasileiro conhecido pelos posicionamentos contrários às questões LGBT, depois de ativistas LGBTs fazerem um abaixo-assinado na rede social Facebook<sup>22</sup>.

As subjetividades são modeladas construindo identidades peculiares e encadeadas “contra e a partir de elementos vistos anteriormente como opressivos, ocupando lugares de poder e dando origem a novas hierarquizações” (FRANÇA, 2007, p. 249). Considerando a intrincada relação entre subjetividade e identidade,

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.eleicoeshoje.com.br/avon-retira-livros-da-editora-de-silas-malafaya-seu-novo-catalogo/>, acessado em 10 de Janeiro de 2016.

percebe-se que os discursos mercadológicos solidificam, nas identidades coletivas e obtém discursos característicos. Nesse sentido, a sexualidade dialoga com outros núcleos de distinção social, como classe e estilo de vida, sendo ela própria, a sexualidade um elemento de distinção de classe e estilo de vida. Marcas tradicionais como Boticário, Axe, Sonho de Valsa e Nike apostaram entre os anos de 2014 e 2015 em campanhas que abrangem casais gays e a diversidade afetivo/sexual, o que gerou bastante controvérsias por parte dos setores religiosos mais fundamentalistas e, por outro lado, conseguiu o apoio e o dinheiro por parte de muitos homossexuais<sup>23</sup>.

As explicações sobre o consumo geralmente pautam-se no bem estar material, psíquico e na exibição deste. Contudo, percebe-lo como um processo social, de modo que “quando mergulhamos o indivíduo outra vez nas suas obrigações sociais e colocamos o consumo de volta nos processos sociais, os bens surgem como contribuição muito positiva para a vida racional” (DOUGLAS et al., 2004, p.27). Através dos bens de consumo, todo um universo inteligível é constituído bem como são alcançados toda uma série de significados, que podem tanto excluir os indivíduos, quanto inseri-los em determinado grupo ou circuito. Metaforicamente falando, os bens de consumo, socialmente determinados, funcionam como cercas, restringindo indivíduos, pontes, aproximando-os e também como bandeiras, comunicando identidades, gostos e estilos de vida. Sobre a perspectiva antropológica do consumo, França (2007, p. 232) o destaca como um ato social pelo qual as diferenças são produzidas, os significados são partilhados, formando assim um mundo cognoscível. Miller (2007) define consumo como uma prática no mundo e uma forma pela qual nós construímos nosso entendimento sobre nós mesmos nesse. Assim sendo, é no consumo o campo de

---

<sup>23</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/10/propaganda-da-boticario-com-casais-gays-vence-premio-publicitario.html>; <http://www.administradores.com.br/noticias/marketing/axe-surpreende-com-comercial-com-beijo-gay/97107/>; <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/04/sonho-de-valsa-mostra-beijo-gay-em-comercial-com-casais-apaixonados.html> , acessados em 10 de Janeiro de 2016.



batalhas na qual as subjetividades são construídas, afirmadas e deslocadas.

O consumo é definido “como um uso de posses materiais que está além do comércio e é livre dentro da lei” (DOUGLAS et al., 2004, p.102). As decisões relacionadas a esse passam a ser a “a fonte vital da cultura do momento”, de modo a constituir uma intrínseca área de combate (BOURDIEU, 2008). Uma vez que o consumo, assim como a sexualidade, também diz respeito ao poder, este além de possuir uma importância vital nos arranjos e relações sociais, é responsável tanto para efetuar comunicações, quanto para entender o universo de forma inteligível, de modo que:

Os que podem controlar esse acesso agem racionalmente ao procurar uma vantagem monopolística. Sua estratégia racional seria então erigir barreiras contra o acesso, consolidar o controle das oportunidades e utilizar técnicas de exclusão. Para os excluídos, as duas únicas estratégias seriam a retirada e a consolidação em torno das oportunidades remanescentes, ou a tentativa de infiltrar a barreira monopolística (DOUGLAS et al., 2004, p.141)

Na tentativa de explicar como a “liquidez” da sociedade moderna e sua globalização interferem em nossas identidades, e como essas utilizam-se de estratégias para adaptar-se em uma sociedade na qual as identidades sociais, culturais e sexuais encontram uma maior dificuldade em se solidificar, Bauman (2005) pontua que as possibilidades de identidades são inúmeras e que implicam em inúmeros “problemas”, não sendo um termo único. Ao estudar as relações que decorrem entre os homossexuais e o consumo na cidade de São Paulo, França(2012), através de uma pesquisa etnográfica, pontua um mercado para gays que cresceu, levando a uma segmentação que atende e abrange diversas categorias de identidade e estilos, como os ursos, as barbies e os homossexuais advindos da periferia. Embora as casas e espaços noturnos possuam primazia, dentro do comércio voltado para homossexuais, os lugares onde procura-se encontros virtuais também atuam, aliados aos lugares de sociabilidade e consumo, na busca por parceiros bem como para divulgar estratégias comerciais.

Segundo França (idem, p.35-39) é possível utilizar o conceito de “estilo” para tentarmos entender como os atores constroem suas subjetividades ligadas aos marcadores de diferença social. O estilo pode ser percebido, além disso, como a forma pela qual as pessoas se posicionam bem como se fazem presentes no espaço público, nas circunstâncias dos lugares de sociabilidade, vestuário, acessório e outros objetos compõe claramente estilos de grupos/indivíduos, permitindo a aproximação ou afastando outros grupos/indivíduos e traduzindo-se em uma linguagem cognoscível e compartilhada. Os estilos possuem, por meio do consumo, para indivíduos, um local fundamental ao permitir que exercitem sua agência e manuseiem seus posicionamentos. Os estilos, ligados ao consumo, refletem níveis distintos de renda bem como expõe a estratificação social, onde cada grupo social usa determinado conjunto de bens (DOUGLAS et al., 2004, p. 243).

Segundo França (2012, p.56-57) na relação entre consumidores e o mercado, os primeiros buscam no segundo uma certa previsibilidade (“cálculo estratégico de lazer”) que os fazem consumirem os lugares onde teriam uma chance maior de “aproveitar” seu tempo, procurando locais onde existiriam uma maior chance de obterem experiências proveitosas, como encontrar parceiros afetivo-sexuais, por exemplo, e evitando os ambientes que podem suceder em experiências insatisfatórias.

Segundo Bauman (2005;2008) somos consumidores numa sociedade do consumo, de modo que estamos dentro dessa sociedade de consumo (e mercado) tanto como clientes como quanto mercadorias. Dentro dessa “sociedade de consumidores”, a colisão dos possíveis consumidores com os possíveis bens de consumo tornam-se uma importante rede nas interações humanas, construindo relações interpessoais, subjetividades e identidades, sendo uma aplicação que traz “valor social e autoestima para os indivíduos e grupos marginalizados. Podemos pensar então que as atitudes ligadas ao consumo podem ser fatores peculiares se atreladas a um grupo/categoria diferenciada pelo comportamento social.

#### **IV – Homossexualidade em Campos dos Goytacazes: entre o ostracismo e a adaptação**

É importante salientar o papel que o “consumo gay” exerce no estado do RJ. Através de dados da Associação Brasileira de Turismo para gays, lésbicas e simpatizantes (ABRAT GLS) podemos perceber toda uma rede hotéis, agências de turismo, serviços de massagem, agências de eventos, bares, boates, saunas e toda um mercado voltados para a população LGBT, que possa pagar pelos serviços, e que abrange diversas cidades do mundo, do Brasil e do estado do Rio de Janeiro, como a cidade do Rio de Janeiro, Búzios, Cabo Frio etc., cidades estas conhecidas como “*gay friendly*”, amigáveis e bem treinadas a atender as especificidades do cidadão/consumidor homossexual, como por exemplo um tratamento não discriminatório<sup>24</sup>.

Embora Campos dos Goytacazes não seja citada entre as cidades *gay friendly*, nem possua uma forte movimento homossexual, como veremos a seguir, a cidade em diversos momentos possuiu lugares comerciais voltados para o público homossexual e outros que nem tanto, mas que foram “adotadas” por um motivo ou outro. Poderemos perceber também como o movimento LGBT da cidade é bastante vinculado ao comércio GLS, ao passo que diversos atores entrevistados estavam ligados a ambos. Apesar de todos os avanços que podemos citar em relação ao Estado do Rio de Janeiro, a cidade de Campos dos Goytacazes, localizada no Norte Fluminense, é palco de contradições e de uma vida homossexual que alterna entre o ostracismo e falência dos lugares LGBTs e a inserção dos homossexuais em locais tidos como mistos, onde muitas vezes são punidos por exercerem sua afetividade, bem como um descompasso, quanto ao que diz respeito ao movimento LGBT e ao mercado GLS,

---

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.abratgls.com.br/>, acessado em 18/08/2015.

entre a cidade de Campos dos Goytacazes e outras cidades do Estado do Rio de Janeiro e um estilo de vida gay ligado ao enrustimento e a clandestinidade, por conta da tradicionalidade familiar e da cidade e ao distanciamento do gay advindo da periferia campista.

#### **4.1 “Campos, terra do açúcar e do melado, em cada esquina uma puta, em cada janela um viado”**

Possuidora da maior área do Estado do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, cujo nome faz referência a tribo Goytacazes, era parte da capitania de Pero Góis da Silveira. A cidade faz parte da região do Norte Fluminense, possui cerca de 483.970 habitantes e uma área da unidade territorial de 4.026,696 km<sup>2</sup>, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>25</sup>, referentes à pesquisa efetuada em 2015. São destacados alguns pontos, no site do IBGE que trata da cidade de Campos, que trouxeram – e ainda trazem no imaginário de muitos campistas - destaque e relevância à cidade, como o fato de em 1837 o município, graças a uma ferrovia instalada na região, passou a ser o centro ferroviário da região. A produção açucareira trouxe imensa riqueza à Campos no século XIX, de modo que em 1875 a cidade possuía 245 engenhos de açúcar. Pecuária, café e gado leiteiro também fizeram – e ainda fazem em menor medida – parte da riqueza e do imaginário de grandeza da população. Outros elementos mostram a importância que Campos dos Goytacazes possuía no cenário nacional: recebeu em quatro momentos a visita de Dom Pedro II, foi a primeira cidade da América Latina a ter luz elétrica, teve um campista na presidência da República e alguns no governo do Estado. A cidade ainda encontra destaque no seu patrimônio cultural, como as danças típicas Jongo e Mana Chica,

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330100>, acessado em 18/10/2015. Outras informações referentes ao perfil da Cidade podem ser encontradas em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=330100&search=rio-dejaneiro|campos-dos-goytacazes|infograficos:-historico>, acessado também em 18/10/2015.

pelos seus doces, como chuvisco e também através dos seus prédios históricos<sup>26</sup>.

Ao analisarem a região Norte Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, Totti et al.(2006) apontam esta como uma localidade repleta de dissemelhanças socioeconômicas e ecológicas. Dois momentos são tidos como cruciais, para a região, segundo uma perspectiva histórica: a relação com as indústrias sucroalcooleira<sup>27</sup> e o petróleo. Sobre a indústria sucroalcooleira, percebe-se que embora a indústria da cana de açúcar não tenha o mesmo poder que possuía, na região citada, esta ainda existe estabelecida em degraus econômicos menos fortes que em momentos anteriores, mas que ainda contribuindo para a constituição socioeconômica e de ocupação desiguais na região. Cruz (2006) destaca ainda a pecuária como atividade característica do Norte Fluminense.

A economia das cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé, principalmente, são, a partir da década de 1970, fortemente influenciadas e estimuladas pela indústria do petróleo. A partir disso são geradas oportunidades e carências no Norte Fluminense, entornados pela aplicação de *royalties* para os municípios do Norte Fluminense atraindo assim instituições de ensino técnico universidades públicas e particulares. Com a indústria petrolífera, surgem modificações, muitas ainda à serem entendidas, estruturais, econômicas e sociais (TOTTI et al., 2006).

Segundo Totti et al.(idem) ao surgirem as grandes usinas, como substitutas dos engenhos a vapor, inicia-se um movimento de concentração fundiária em Campos dos Goytacazes. Percebe -se em Campos uma divisão desigual da terra, de modo que a maior parte das terras encontra-se nas mãos de poucos proprietários. O Norte Fluminense desponta enquanto região reelaborada com uma nova identidade nos anos 1970, graças às ações políticas das elites locais, que ao enfrentarem uma situação de crise, almejam resgatar e

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.cidac.campos.rj.gov.br/index.php/historia-de-campos>, acessado em 18/10/2015.

<sup>27</sup> Transformação de cana em produtos acabados como açúcar ou álcool.

promover o desenvolvimento regional. Desejosos de recuperar a notoriedade nacional e dar vigor a uma identidade regional, do qual deriva-se a ideia de uma “passado glorioso”, que a região possuía, no século XIX até o meio do século XX, a alta sociedade ligada a pecuária, ao café e a agroindústria açucareira aplicou capital e investiu no *upgrade* das indústrias sucroalcooleiras. A elite regional utilizou-se de estratégias, com a intenção de visibilizar e defender seus interesses, como acordos com a imprensa, a burocracia, políticos e técnicos locais e de instância maior, (CRUZ, 2006).

Essa estratégia, pontuada por Cruz (2006), originou, por meio de um viés conservador, patrimonialista e tutelado, uma aproximação à modernização. A proposta de desenvolvimento da região mascarou essa face que negou um discurso pautado na diversidade, subjugando-o a um planejamento regional organizado por elites. A problemática social emergiu então com elementos ligados ao trabalho no campo e a exclusão social. A derrocada das elites açucareiras tem seu ponto crucial com a desapropriação das terras da Usina Novo Horizonte, também no governo Sarney, e sua destinação a reforma agrária. Até mesmo os *royalties* recebidos pela região não atenuam a pobreza e exclusão que parte da população sofre, como pode-se perceber por meio do declínio nos posicionamentos observados nos *rankings* que mesuram qualidade de vida e desenvolvimento. Por outro lado, observa-se uma ascensão nas posições referentes a concentração de rendas e de família pobre.

Embora Campos destaque-se, comparativamente as outras cidades, pelo maior número de população, 406.989 habitantes, e pela maior área territorial, 4.040,6km<sup>2</sup>, e tenha sido considerado por um bom tempo como um centro de desenvolvimento regional, aos poucos a cidade vem perdendo seu posto para a cidade de Macaé<sup>28</sup>. As atividades derivadas das indústrias sucroalcooleira e de produtos alimentícios não estariam, então, conseguindo prover o

---

<sup>28</sup> Macaé possui, segundo CIDE (2003 apud TOTTI et.al., 2006), possui 132.461 habitantes, com uma área territorial de 1.219,8km<sup>2</sup>.

desenvolvimento anterior, bem como acompanhar o ritmo de crescimento da cidade de Macaé, esta abastecida pelos serviços derivados do petróleo. Somando-se a isso, o foco na monocultura da cana de açúcar durante um longo período de tempo, a não modernização do comércio e a falta de investimento na educação da população podem ajudar a entender o atraso de Campos em qualidade de vida, quando comparado a Macaé e até mesmo Itaperuna (TOTTI et al., 2006). Cruz (2006) afirma que pobreza e miséria são atributos da região Norte Fluminense e existem mesmo no ciclo do petróleo.

Com a exaustão da economia açucareira e a segregação dos privilégios econômicos diretos da indústria do petróleo, Campos acaba lidando com uma população que, acostumada a trabalhar em áreas relacionadas ao campo, encontra-se despreparada e desqualificada para outros trabalhos. Trabalhadores rurais desempregados, moradores de favela, e outros excluídos da paisagem urbana encontram uma saída por exemplo, na vinculação ao Movimento Sem-Terra (MST), que desde 1997 se expandiu na região, com a maior parte dos seus assentamentos na região de Campos (idem, ibid). Oliveira (2003 apud TOTTI et al., 2006) pontua que a partir do governo de Leonel Brizola, como governador do Estado do Rio de Janeiro (RJ), são estabelecidas políticas públicas voltadas para o interior, como a difusão da base universitária. A Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) é criada em Campos dos Goytacazes como um polo de pesquisa voltado para o crescimento da região Norte Fluminense, tendo, hoje, um campus em Macaé, voltado para o curso de Engenharia do Petróleo. Segundo Cruz (2006) a região Norte Fluminense, com o investimento dos *royalties*, passou a ser um núcleo universitário, absorvendo estudantes de diversas cidades da região, bem como de estados próximos, como Espírito Santo ou Minas Gerais.

Em Campos dos Goytacazes, além da UENF, existem outras instituições de ensino superior públicas, como a Universidade Federal Fluminense (UFF) e o Instituto Federal Fluminense (IFF), e privadas como a Cândido Mendes, a Estácio e as Faculdades de

Medicina e Direito. Dessas instituições, a UFF, o IFF e a Cândido Mendes possuem coletivos organizados de discentes e promovem atividades relacionadas aos direitos e vivências LGBTs, como por exemplo a 3ª Semana da Diversidade: Desafios da comunhão, cujo tema pautava a relação entre a diversidade sexual e de gênero e as religiosidades, organizada pelo Grupo Esperança e apoiada pelo Coletivo Gaytazes (UFF), O NUGEDIS (IFF), O DIVERSICAM (Cândido Mendes), bem como pela prefeitura de Campos, pela PMCG (Acessoria de Direitos Humanos) e pelo IFF.

Alguns dados são importantes de serem expostos para contextualizar a cidade de Campos com sexualidades diversas da heteronormativa. Altoé (2004) constatou em sua pesquisa a forte e íntima conexão de Campos dos Goytacazes com a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), segmento conservador derivado da igreja católica. Um importante bispo campista, D. Mayer, associado a TFP, fizeram da cidade de Campos um importante lugar de resistência e representatividade da TFP no Brasil e no mundo, caminhando diversas vezes para propagar seus ideais. Campanhas contra o divórcio, contra a reforma agrária e contra a ala progressista católica são pautas tefepistas, que prezam pela família patriarcal, zelosa de sua tradição e propriedade.

Como destaca França (2015), Campos dos Goytacazes é uma cidade bastante peculiar. Além de abrigar instituições conservadoras como a TFP, seus habitantes conferem ao sobrenome familiar tradicional um forte peso, agregador de capital social para o campista. Por outro lado, podemos encontrar em uma das suas ruas, a visível prostituição de travestis e mulheres. É destacada na pesquisa de França (idem) a existência de apenas um trabalho sobre a questão da homossexualidade em Campos dos Goytacazes, este uma monografia de conclusão de curso de Fábio Bila. Silva et.al. (2009 apud FRANÇA, 2015) destacam a participação da travesti Shana Carla num evento que fazia homenagens a personalidades da sociedade campista. Todavia, a vivência e a articulação política atribuída a Shana seria uma exceção às regras das tantas travestis que vivenciam



inúmeras situações de humilhação, violência e exclusão cotidianamente, como podemos perceber no trabalho de França (2015).

A primeira Parada Gay de Campos dos Goytacazes ocorreu no ano de 2006, na avenida Alberto Lamego – mesma avenida em que situa-se a UENF – e estimou-se, segundo jornais locais, a participação de 10 mil pessoas. A imprensa local tratou o assunto com chamadas sensacionalistas com frases como “causa polêmica em Campos”. Em poucas reportagens foi possível ver fotos de casais gays beijando. Interessante notar, na pesquisa de França (idem), que muitas travestis entrevistadas não são da cidade de Campos, assim como muitos dos homossexuais que consentiram em nos dar entrevistas. Percebemos muitos, oriundos da cidade, reticentes em nos conceder as entrevistas, mesmo com o anonimato garantido. Outro elemento singular na pesquisa de França (ibid.) é a nomeação da rua onde ocorre a prostituição de travestis como “rua dos veados”, ressaltando que “veado” é uma expressão injuriosa utilizada tanto para designar homossexuais, inferiorizando-os, quanto, em tom jocoso, para diminuir a masculinidade alheia.

Ao estudar sobre o assassinato de três homossexuais na cidade de Campos, Bila (2006) pontua os vocábulos “viado” e “bicha” nas falas do assassino de uma das vítimas, um médico assassinado em 1996, como uma maneira de inferiorizar a vítima, esta homossexual. Falas como “comê-lo”, “chupar o pau” e “botasse em sua bunda” também são utilizadas pelo homicida, o que segundo Welzer -Lang (2001 apud BILA 2006) faz parte de uma tentativa de evidenciar um *habitus* viril e a hierarquia que permeia o universo masculino, uma vez que essas expressões simbólicas, que referem -se as relações sexuais, apontam a subjugação do outro. Em relação ao posicionamento do magistrado responsável por julgar o caso, Bila (2006, p. 52) observa uma “percepção medieval da homoafetividade”, na qual termos como “sodomia”, “pederastia”, “intenções anormais” e “agressivas” – por parte da vítima - são recorrentes, de modo que a sua compreensão sobre a homossexualidade deriva dos pensamentos da Igreja católica

na época medieval e da medicina do fim do século XIX, que caracteriza a homossexualidade como doença. Similarmente, a imprensa notícia esse homicídio linkando a homossexualidade aos casos de HIV na cidade e culpabilizando a vítima e sua bissexualidade, pois o réu era casado com uma mulher.

Outro assassinato estudado, ocorrido em 1998, na cidade de Campos dos Goytacazes, foi o de um padre, que após relacionar -se sexualmente com um jovem michê, foi assassinado pelo mesmo. Pôde-se perceber a forte homofobia do defensor público, responsável por defender o homicida, quando este disse que a vítima possuía um “desvio social” e tinha atos amorais (idem, ibidem). O advogado de defesa inferiu sobre o comportamento impróprio – atrelado ao feminino – do padre. A igreja, por sua vez, tentou abafar a homossexualidade do padre, tendo em vista o alto grau de conservadorismo da sociedade campista. Os assassinatos investigados por Bila (idem) aconteceram numa Campos dos Goytacazes de 20 anos atrás e, em ambos os casos, a homo-bissexualidade das vítimas era desconhecida das pessoas.

Embora seja difícil para nós comprovarmos os assassinatos atuais cuja motivação seja a homofobia, tendo em vista que não encontramos matérias jornalísticas que explicitem as motivações de algumas mortes de homossexuais assumidos da cidade, em diálogos com homossexuais no campo fomos informados de pelo menos 3 assassinatos de homossexuais esse ano, duas dessas por garotos de programa. Outros dois incidentes que implicam nas implicações de ser homossexual, são o suicídio de um jovem homossexual, aluno Do Liceu, escola tradicional de Campos, cuja motivação é comentada como decorrente dos ataques homofóbicos que vinha passando e a frase “Morte aos gays” encontrada escrita num dos banheiros da UENF<sup>29</sup>. Hoje, em 2015, investigamos a cidade na tentativa de conhecer como se dá a vivência da homossexualidade aqui,

---

<sup>29</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2015/10/mensagem-morte-aos-gays-leva-uenf-de-campos-fazer-carta-de-repudio.html>, acessado em 02/12/2015.

averiguando os espaços – muitos dos quais descobertos por meio das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos homossexuais – frequentados por estes, bem como sua vivência numa cidade conhecida por ser conservadora, universitária e repleta de paradoxos.

Uma vez que iremos trabalhar o meio urbano, o qual fazemos parte, estudando uma população que também estamos inseridos, algumas preocupações fazem-se presentes e utilizamos da antropologia urbana, destacando a nossa preocupação em não estancar as áreas do conhecimento, para tentar sana-las. Como afirma Velho (2002) um passo importante é procurar entender o ponto de vista da população pesquisada, ouvindo e entendendo como esta enxerga o mundo, tentando despir-se tanto dos preconceitos, quanto do paternalismo, este último potencialmente perigoso quando faz-se parte da população pesquisada. Nesse sentido, o trabalho de campo possui uma importância enorme, permitindo nos, por meio da observação participante e das entrevistas ir além do que aparenta e percebendo elementos nem sempre pontuados na fala dos pesquisados.

À exemplo do que Velho (idem) fez ao pesquisar um prédio de moradores em Copacabana, no qual ele morava e vivia na época, aumentamos nosso escopo de pesquisa, efetuando também entrevistas semiestruturadas com proprietários e funcionários dos estabelecimentos frequentados por homossexuais, estes encontrados nas entrevistas e acompanhadas por observação participante, bem como pessoas ligadas à cena gay da cidade, conectadas a coletivos universitários e grupos LGBTs da cidade, etc. pensamos no quanto pode ser difícil a interlocução com outros homossexuais. Entendendo o quão difícil poderia ser a interlocução com outros homossexuais, como poderia ser para Velho caso se restringisse sua pesquisa apenas aos seus vizinhos moradores do prédio, achamos nessa expansão uma alternativa.

Brito (2006) explica que as interações, sociabilidades, ambientes e situações determinadas são práticas que criam e reforçam territórios de pertença e identidade social. Kuschnir (2006, p. 95) por sua vez,

pontua que as “diferenças espaciais são impregnadas de significados”, de modo que, por meio do discurso do “nativo”, podemos entender as diferenças culturais que permeiam a cidade, bem como as motivações dos atores sociais conectadas a sua sociabilidade e visão de mundo e com distinto significado no que diz respeito ao seu *ethos* e estilo de vida.

### **3.2 Metodologia da Pesquisa**

Inicialmente, nosso contato com o campo veio através de pessoas homossexuais, bem como pessoas de algum modo ligadas a essa cena que conhecíamos e que nos indicaram alguns lugares que à princípio teriam sua imagem bastante atrelada a um público gay. Com o intuito de não expor os lugares mais do que o necessário, substituímos seus nomes por qualificações ditas no campo, pelos próprios frequentadores, assim temos “o quiosque” e a “boate” designando estabelecimentos voltados para gays numa Campos dos Goytacazes do passado e que agora encontram-se extinto. Nossa observação etnográfica principal se deu nos três estabelecimentos mais apontados como *gay friendly* ou até mesmo como gays, vistos assim senão pelos seus proprietários, mas pelos próprios gays e por pessoas que muitas vezes deixam de frequentar esses espaços por estes serem identificados enquanto “lugares para gay”: “o bar”, “o boteco” e “o pub”, e em especial esse último, uma vez que no decorrer de nosso campo “assumiu” um dia específico, voltado para os gays.

No princípio desse projeto, pensamos em utilizar apenas de entrevistas com homossexuais, através do método bola-de-neve. Por meio do método bola-de-neve, muito comum nas pesquisas de gênero, pensamos em conhecer e encontraremos pessoas – homens homossexuais – dispostas a participarem da averiguação. Como a pesquisa propõe lidar com questões íntimas, como a sexualidade, pensamos que este método propicia uma inserção mais rápida - e segura no campo. A partir dos primeiros entrevistados, por meio desse método, tentaríamos chegar a outros entrevistados que

compartilham da mesma condição sexual, a homossexual. Também utilizaríamos do recurso das entrevistas semiestruturadas onde buscamos averiguar a relação dos homossexuais pesquisados com o consumo. Contudo, uma vez que passamos a frequentar esses lugares (o boteco, o bar e o pub) semanalmente, percebemos que a própria inserção no campo nos possibilitaria uma maior aproximação e conhecimento do outro do que apenas as entrevistas possibilitariam.

Desse modo utilizamos de entrevistas semiestruturadas com a intenção de tentar compreender os discursos dos nossos pesquisados sobre suas relações com o consumo, bem como outros elementos pertinentes como a homofobia, por exemplo. Contudo, atentando para as dificuldades e tendenciosidades dos discursos dos nossos pesquisados (BOURDIEU, 1996; KAUFMANN, 2013; QUARESMA, 2005) optamos também por uma pesquisa etnográfica na qual observamos, entre outras coisas, o comportamento dos pesquisados em três espaços de sociabilidade homossexual, como descrevem os meus pesquisados em entrevistas: “o boteco”, o “bar” e o “pub”.

Tentamos também atentar-nos para o fato de estarmos inseridos no “sistema” estudado uma vez que, enquanto homens e mulheres, estamos incluídos no objeto do qual fazemos parte e também incorporamos toda a estrutura da “dominação masculina”, com isso estando expostos ao risco de reproduzir pensamentos produzidos pela dominação e pelo ciclo vicioso pesquisador/objeto. Assim, seguimos as orientações de Bourdieu (1999, p.13) de objetivar o sujeito da objetivação científica, explorando as “categorias de entendimento” com as quais esses constroem o mundo e que são também originárias do mundo, de acordo com ele e por vezes permanecem despercebidas.

Nossa etnografia iniciou-se em Junho de 2015 e finalizou-se em Fevereiro de 2016. Frequentamos o bar e o boteco em menor proporção, comparativamente ao pub, mas fomos pelo menos duas vezes ao mês em tanto no “bar” quanto no “boteco”. O “pub”, por

sua vez, foi o *lócus* maior de nossa pesquisa, frequentamos a este toda semana em vários dias da semana<sup>30</sup> uma vez que possui com dias próprios voltados para “LGBTs”, algo dito pelo proprietário do estabelecimento e percebido em campo, embora com uma série de ressalvas. Entrevistamos em profundidade, através de entrevistas semiestruturadas, 15 homens homossexuais escolhidos numa tentativa de ser abrangente, com o intuito de obter a maior diversidade possível, na questão de cor/raça, geração, classe social, escolaridade e também de residência, uma vez que Campos tem uma ponte que “divide a cidade em duas”, como tanto ouvimos, até mesmo antes de entrar no campo: Campos como um todo e Guaruis. Também conversamos com outros gays que não entrevistamos assim como pessoas ligadas aos estabelecimentos pesquisados, 3 proprietários dos estabelecimentos pesquisados (2 donos do pub e o dono bar) e cerca de 7 funcionários dos três estabelecimentos (pub, bar e boteco) e a dona da extinta boate e quiosque lgbt de Campos.

Também fomos informados por homossexuais homens e mulheres de uma faixa etária entre 30-50 anos acerca de outros espaços campistas bastante frequentados por homossexuais em décadas anteriores, bem como sobre estratégias de homens a cidade para vivenciarem suas afetividade/sexualidade sem serem percebidos na cidade como homossexuais, algo muito comum em décadas passadas, mas recorrente no presente. Tentamos através dos nossos informantes mais velhos, conhecer um pouco de como funcionavam esses lugares mais antigos, e agora não existentes, voltados para LGBTs em Campos dos Goytacazes.

Assim como França (2012, p.19) pensamos que o mercado direcionado para gays não atende simplesmente a uma demanda preexistente dos homossexuais mas colabora na construção de categorias identitárias, de estilos de vida e até mesmo de sujeitos. Contudo, diferente da pesquisa da autora que se dá na cidade de São

---

<sup>30</sup> Em partes, nos foi permitido uma maior abertura em relação ao “pub”, tendo em vista que anteriormente até mesmo trabalhamos nesse.

Paulo, a nossa pesquisa ocorreu no interior da do estado do Rio de Janeiro, na cidade de Campos dos Goytacazes, uma cidade com um forte conservadorismo, e que no início da pesquisa não possuía lugares voltados exclusivamente para homossexuais. Assim, através de nossas entrevistas nós não só tentamos entender como o consumo, enquanto marcador de distinção (BOURDIEU, 2008; DOUGLAS et al., 2004) atua nas subjetividades dos homossexuais bem como nas suas relações com outros homossexuais de distintas posições sociais (cor/raça, faixa etária, escolaridade), mas também tentamos fazer um pequeno mapeamento passado e atual dos lugares em Campos, nos quais os gays iam e vão, não só consumir o espaço e os bens materiais, mas também em busca de vivenciar sua afetividade/sexualidade e de uma diversão com riscos menores de sofrer homofobia ou discriminação.

#### **Capítulo 4 – Do quiosque ao pub<sup>31</sup>: espaços de consumo e homosociabilidade em Campos dos Goytacazes**

##### **Introdução**

Através do mercado são construídas identidades e experiências, além de nos ser permitido uma conexão com os intrincadas estratégias pelos quais criam-se significados atrelados à homossexualidade. Embora, para muitos militantes do movimento LGBT, bem como para alguns estudiosos, o mercado voltado para homossexuais seja percebido negativamente por produzir normatividades bem como atribuir um caráter de futilidade aos consumidores gays, esse também gera transgressões. Tentamos perceber como os atores pesquisados relacionam-se com esses lugares frequentados, com o objetivo de entender suas relações com o consumo, como esses

---

<sup>31</sup> Os nomes dos entrevistados foram trocados por nomes fictícios, com o intuito de fornecer o sigilo necessário para estes. Os nomes dos estabelecimentos pesquisados também foram substituídos por nomes categóricos. Chamaremos o boteco, o bar e o pub que pesquisamos não pelos seus nomes comerciais mas de “boteco”, “bar” e “pub”.

lugares são imbuídos de significados ao passo que dialeticamente constroem os indivíduos.

Os lugares, embora possam servir como espaços de sociabilidade para os que possuem a mesma “preferência” sexual, também são atribuídos significados distintos de acordo com outros marcadores como gênero, cor/raça, classe e idade. O modo como esses marcadores de diferença se relacionam criam diversos sentidos de lugar assim como posturas de sujeito. Assim, os estabelecimentos comerciais, como exemplo de lugares que são consumidos, proporcionam a admissão à um meio onde são atribuídos significados peculiares pelas pessoas. Desse modo, como França(2012) examinamos os espaços, pessoas e vivências. Ao analisar o mercado voltado para homossexuais em Campos dos Goytacazes e, em específico, os de lazer noturno (o bar, o pub e o boteco) percebemos que nestes os homossexuais se atualizam, e mostram o quanto estão “por dentro” no que diz respeito à homossexualidade. Atentamos para o fato de que os bares e estabelecimentos voltados para diversão fazem parte de fortes processos rituais de consumo (DOUGLAS et al., 2004, p.243).

Entendemos que as pessoas usualmente compram o que veem o que os amigos usam e desfrutam. Os contatos sociais não são aleatórios. Presumir os bens materiais como portadores de significação social, comunicadores e determinantes de relações sociais é uma prática comum à pesquisa etnográfica. O consumo é percebido então como um processo ritual e os bens desse modo, como acessórios pelos quais todo um universo inteligível é construído com seus limites e condições, constituindo-se como a parte visível da cultura, de modo que:

“Dentro do tempo e do espaço disponíveis, o indivíduo usa o consumo para dizer alguma coisa sobre si mesmo, sua família, sua localidade, seja na cidade ou no campo, nas férias ou em casa. A espécie de afirmações que ele faz depende da espécie de universo que habita [...]”  
(idem, ibidem, p. 117)

Os bens de consumo são marcadores, constituindo o próprio sistema que é compartilhado por meio de nomes, marcas. Esse



compartilhamento é a manifestação da cultura em si, que transforma-se em “natureza compartilhada”. Os indivíduos precisam participar dos rituais de consumo dos outros pra colocar em movimento seus próprios juízos morais acerca das coisas utilizadas (idem). Pensamos que daí viria a importância, para os homossexuais pesquisados, de saberem o que outros homossexuais consomem, e fazerem o mesmo, com o intuito de compartilhar desse consumo e obterem frutos advindos disso, como a homosociabilidade, a afetividade e a sexualidade. Toda uma cultura de consumo é empurrada e absorvida pelos homossexuais que possuem as credenciais “certas” para tanto. O consumo nos lugares está atrelado a um consumo dos lugares, de modo eu:

[...]longe de serem apenas cenários neutros, os lugares atuam na constituição de subjetividades ao mesmo tempo que são constituídos por seus frequentadores; por outro lado, funcionam também como contextos que revelam e possibilitam determinados usos de bens ou que fazem circular informações a seu respeito, estimulando ou não o interesse por objetos ou práticas de consumo específicos (FRANÇA, 2012, p.19).

À exemplo dos locais “mistos” encontrados na pesquisa de campo, e dentre eles especialmente o Pub, França (2007, p 236;239) pontuou sobre uma Disco Club da década de 1980, em São Paulo, que inicialmente não caracterizou-se como “gay” mas que inegavelmente teve no “universo gay” parte fundamental. Os espaços GLS, embora sejam em sua maioria frequentados por homossexuais, também definem-se, por vezes, numa “mistura” de público, existindo ambientes mistos, nos quais coexistem variadas identidades sexuais. Nesses espaços de consumo e sociabilidade, a identidade “bissexual” surge mais comumente e existem, ainda, relações de poder, com caráter excludente, onde determinados tipos de pessoas são proibidos até mesmo de agir enquanto consumidoras. Em nenhum dos estabelecimentos localizados na Pelinca, e em nenhum momento em que frequentamos esses, área nobre de Campos, encontramos alguma travesti. Essas relações hierarquizam o gay branco, cissexual (em oposição ao transexual), classe média-média alta, “sarado” e

masculinizado, em detrimento dos “gordos”, “mais velhos”, magros, pobres, afeminados, travestis, masculinizadas e michês (idem, ibidem, p.237).

O público é qualificado como “modernos”, “descolados”, “alternativos” em oposição ao *mainstream* e utilizam o estilo de vida como um projeto. Desse modo:

Em vez de adotarem um estilo de vida irrefletida, perante a tradição ou o hábito, transformam o estilo num projeto de vida e manifestam sua individualidade e senso de estilo na especificidade do conjunto de bens, roupas, práticas, experiências, aparências e disposições corporais destinados a compor um estilo de vida (FEATHERSTONE, 1995, P. 123, apud FRANÇA, 2007).

Assim, esses que cultivam o estilo como um projeto de vida tornam-se os “novos heróis do consumo”, como afirma Featherstone (1995, p. 126 apud FRANÇA, 2007). Um consumo ligado a produção artística, esta não erudita mas associada a indústria cultural e a valores relacionados ao estilo *underground*, alternativo, pautado na novidade e na contestação. Esses “intermediários culturais”, ou “modernos”, são grupos com um papel fundamental na criação das preferências estéticas de grupos particulares, envoltos na produção simbólica de representação e conhecimentos memorizadores do estilo e dos estilos de vida. Desse modo, imita-se e adota-se os gostos do grupo em mais evidência.

#### **4.1 – Do quiosque à boate: “bichas quá-quá”<sup>32</sup>, travestis e movimento LGBT**

Através de alguns informantes chegamos a uma parte do campo que foi difícil de ser explorada, mas que nos ajudou a pensar o nosso campo. Foi nos informado acerca de um antigo quiosque gay, localizado na beira-rio da cidade de Campos dos Goytacazes. Embora não tenhamos conseguido dados muito profundos sobre o mesmo,

---

<sup>32</sup> Essa expressão, similar a “bicha pão-com-ovo” foi expressa diversas vezes no nosso campo, significando um homossexual pobre e afeminado, o que nos permite pensar como a classe social e o gênero são fatores de distinção na sexualidade.

conversamos com a dona do estabelecimento, Lucimar (54 anos, branca, lésbica, dona de estabelecimentos GLS) e com alguns poucos e antigos frequentadores do espaço. Lucimar, embora muito reticente de nos passar informação, conversou conosco e embora tenha recusado de nos passar informação de modo mais aprofundado foi de vital importância para nossa pesquisa, uma vez que foi citada recorrentemente em nossas entrevistas, especialmente pelas pessoas com idade superior à 24 anos.

Segundo nossos informantes o quiosque era uma iniciativa com o intuito da proprietária em obter lucros da população LGBT, bem como proporcionar a estes um espaço de diversão, lazer e sociabilidade. O estabelecimento funcionava nos finais de semana, e segundo nos informaram era frequentado por homossexuais, lésbicas e travestis, especialmente os de classe mais baixa. Ouvimos que um circuito de prostituição de travestis e michês era pertencente ao espaço. Segundo Lucimar: “os carros passava, paravam distante e a gente já sabia que queria alguém para fazer programa”.

Arelado ao circuito de travestis e prostituição, algo malvisto tanto pelos heterossexuais quanto por muitos homossexuais, todo um circuito de violência era comum ao local, como afirma Ivone (35 anos, branca, lésbica, professora):

O bagulho era tenso. Todo mundo na cidade fingia que a gente não existia mas sabia que a gente estava ali então quem queria alguma coisa. Sexo, programa, drogas ou apenas tomar uma cerveja “de boa” sabia que era só colar ali. Era comum tanto que carros parassem e esperassem algum travesti para programa quanto que chegassem e jogassem “merda” e “mijo” no lugar.

Outro ponto peculiar do estabelecimento foi apontado tanto por Ivone quanto por outros Vicente (36 anos, negro, trabalha embarcado): o “beijo gay” era inicialmente proibido no lugar, proibição esta feita pela própria dona do estabelecimento. Posteriormente, após perceber que tais proibições não adiantariam, quanto mais num lugar voltado para homossexuais, Lucimar passou a colocar um limite de horário, no qual o beijo seria permitido:

depois da meia-noite. Segundo Lucimar, isso se dava porque “gay gosta de bagunça” e muitas vezes os donos e clientes dos quiosques vizinhos vinham ao estabelecimento “procurando confusão”. Embora saibamos pouco acerca da procedência dessas falas e ações elas coincidem acerca do outro estabelecimento que a Lucimar abriu posteriormente e que chamaremos de “a boate”, esta que funcionou até o ano passado.

A “boate” localizava-se na Rua Formosa, no centro de Campos Goytacazes, muito próxima às esquinas onde ocorre a prostituição de travestis e em menor escala de mulheres. Embora no período inicial, o público frequentador abrangia diversas cores/raças e classes sociais, posteriormente com o surgimento de outros lugares, esse caiu no esquecimento e foi encerrado no ano passado (2015). Como afirma Emerson (25 anos, branco, estudante, fidelense, soropositivo declarado<sup>33</sup>):

É um lugar que eu não vou. Só vai bicha quá-quá. Foi ai que esvaziou e eu deixei de ir. Começaram a surgir novos lugares mais alternativos como “o bar. É um lugar que só dava sapatão caminhoneira<sup>34</sup> e bicha quá-quá. É o que eu ouvia. Essa mesma galera que diz isso é a galera que frequentava.

Podemos perceber então que tanto o quiosque quanto o bar, apesar de voltados para os gays, periféricos. Poucos foram gays que conversamos/entrevistamos no circuito pesquisado que conheceram a boate e praticamente nenhum conheceu o quiosque. Apesar de à todo momento, os homossexuais com quem conversamos terem nos dito que não possuíam lugares LGBTs em Campos e que esses faziam falta, “a boate” existiu até o ano passado (2015) e ainda assim quase nenhum dos gays com quem conversamos frequentava a boate. Alguns pesquisados não souberam explicar o porque de não frequentarem “a boate” já que essa era voltada para LGBTs, e os mesmos diziam sentir falta de iniciativas similares. Outros, por

---

<sup>33</sup> Embora o hiv/Aids não tenha sido o foco de nosso estudo, Emerson, solicitou que expusemos sua condição de soropositivo e como ele sofria com o preconceito dentro da “comunidade gay” por ser portador do vírus. Apesar de possui um padrão hegemônico desejado por muitos gays (branco, jovem, classe média, corpo sarado), Emerson mostrou-se bastante incomodado com a discriminação dentro do “meio gay”.

<sup>34</sup> Como são chamadas as lésbicas percebidas como mais masculinizadas.

outro lado, souberem identificar o motivo da resistência a boate, como Fábio (52 anos, branco, gay, professor, campista), que afirmou:

Muitos não frequentavam a “boate” porque estava na rua Formosa, né? É uma rua de prostituição e travestis. Muitos dos frequentadores eram as travestis. Outra parte eram gays realmente periféricos e muito pobres. Muitos gays daqui nunca que iriam para uma boate cheia de travesti, na formosa. Especialmente os de família tradicional. Esses preferem ir pro Rio de Janeiro, pra Búzios. Nada de ir pra boatezinha daqui.

Muita resistência à pessoa de Lucimar também nos apareceu nas conversas e entrevistas. Uma vez que Lucimar era proprietária, até pouco tempo, de lugares GLS ou LGBTs e que organizava, juntamente com um punhado de outros, a parada LGBT em Campos, essa foi alvo de constante críticas, que afirmaram-na como “oportunista”, tendo em vista que os grandes momentos de sua casa de festas era no dia da parada, uma vez que as festas oficiais da parada de Campos dos Goytacazes eram na boate dela.

Lucimar faz parte, como uma espécie de liderança, do grupo Esperança, grupo LGBT que organizou a parada nos últimos 3 anos e embora ela tenha sido bastante acusada de aproveitar-se do movimento LGBT para lucrar com o consumo GLS, ela está ligada à ações como a parada LGBT, a entrega de camisinhas às travestis da formosa.

Sobre o movimento LGBT é apontado que:

Pelo fato de estar baseado em uma particularidade de comportamentos, que não acarreta necessariamente *handicaps* econômicos e sociais, o movimento gay e lésbico reúne indivíduos que, embora estigmatizados, são relativamente privilegiados, sobretudo do ponto de vista do capital cultural, que constitui um trunfo considerável nas lutas simbólicas (BOURDIEU, 1999, P. 148).

Contudo, o autor fala de um contexto espaço-temporal bem distinto do encontrado em Campos dos Goytacazes. Se por um lado, encontramos estudantes de universidades, dentro de coletivos LGBTs, auxiliando na construção da Parada LGBT da cidade, pensando a parada LGBT como expoente máximo da manifestação do movimento LGBT brasileiro, e entendendo a universidade como um

*lócus* impar do capital cultural e dos especialistas, por outro lado as pessoas que constroem e participam das paradas de Campos, tendo sempre a frente a figura de Lucimar, que sempre promoveu as paradas por meio de suas festas e estabelecimentos, são oriundas das classes mais baixas e com pouca escolaridade e capital cultural, como percebemos por meio de nossas conversas com membros do grupo LGBT da cidade, do coletivo Gaytazes e na própria parada de 2013, 2014 e 2015<sup>35</sup>.

As paradas LGBT da cidade não foram frequentadas pelos mesmos homossexuais que frequentam o bar, o boteco e o pub. Muitos dos nossos entrevistados nos disseram não frequentar as paradas gays por não nelas como Gustavo (25 anos, branco, gay, médico, campista) que afirmou:

Eu até iria sabe!? Mas a gente sabe que não funciona, que ninguém vê, que ninguém se importa com a parada gay de Campos. Se eu quiser ir pra parada gay eu vou pra de Copacabana, a de Vitória. Muito mais organizado, muito mais gente bonita e interessante. Eu me recuso aí lá pra ver aquele bando de bicha parada.

Interessante pensar que as paradas LGBT ficaram alguns anos sem acontecer e quando aconteceram, nos anos de 2013, 2014 e 2015, foram em Guaruis, local mais periférico em Campos dos Goytacazes. Embora tenhamos conversado com um número razoável de homossexuais moradores de Guaruis que frequentam o circuito pesquisado, esses mesmos não frequentam a parada. Algumas declarações sobre a parada deixam visível o evidente tom classista por parte de alguns entrevistados como a de Henrique (24 anos, branco, gay, universitário, campista) que afirma:

Não vou. As pessoas que vão lá vão pra badernar. Perdeu a seriedade, perdeu o lado político. Deus me livre ir lá ver aqueles “veados” horrorosos. [...] Não tenho nada contra Guaruis sabe, mas é que vai muita gente estranha para parada, muita bicha “pão-com-ovo”. Prefiro não ir. Acho perigoso.

---

<sup>35</sup> Embora tenhamos iniciado nossa observação participante no primeiro semestre de 2015, desde 2013 fomos a parada de Campos dos Goytacazes, participando da pesquisa de um colega, esta interessada no perfil dos participantes da parada, aplicando questionários de cunho socioeconômico.

Percebemos no decorrer da conversa com Henrique que ele possuía um genuíno medo de ser relacionado ao público da parada LGBT, enquadrados por ele (e por alguns outros) como “bichas pão-com-ovo”, ou seja homossexuais pobre e afeminados. O medo de ser exposto enquanto gay também é algo presente em Henrique e Gustavo. Ambos são provenientes de famílias “tradicionais” campista como os mesmo nos falaram e ambos não são assumidamente gays para a família, o que os impede de vivenciarem sua sexualidade em locais abertos, como a parada LGBT. De todo modo, como veremos adiante, essa sociabilidade/sexualidade é vivenciada em outros ambientes e lugares, onde exposições e represálias são menos prováveis.

#### **4.2 – O bar, o boteco e os espaços universitários: a busca pelo espaço “alternativo”**

Nos foi dito por muitos acerca de outros ambientes onde homossexuais frequentavam de modo regular: as festas universitárias da Universidade Federal Fluminense (UFF). A UFF tem desde o ano de 2015 um coletivo LGBT, o Gaytacazes, onde questões de gênero e sexualidade são discutidas e repensadas com base na vivência dos participantes, que não necessariamente são alunos da instituição, e em textos acadêmicos. Chegamos a participar de três reuniões do coletivo, onde nos informaram da ligação deste com a organização da parada e da Semana de Diversidade Estadual em Campos dos Goytacazes, com o apoio de outros grupos, como por exemplo o coletivo LGBT da Candido Mendes, o DIVERSICAN. As festas da UFF são lugares onde é comum a presença de gays e lésbicas, o que pudemos perceber nas conversas e na observação das mesmas. Casais de namorados ou homossexuais que estão se relacionando pela primeira vez são vistos beijando-se e acariciando nas mesmas, sem causar nenhuma surpresa aos outros que frequentam a festa, sem nenhum clima de tensão. Todos os homossexuais com quem conversamos, independente de fatores geracionais, de classe ou

cor/raça frequentam os espaços de festa da UFF, destacando o motivo dessas serem ambientes “alternativos” onde podem ficar “à vontade”. O “bar” e o “boteco” onde fizemos nossas observações também são descritos diversas vezes como “alternativos” o que significou nas falas dos pesquisados como:

Um ambiente em que todos, independente de ser gay, de ser hétero, de ser “sapatão” podem fazer o que quiserem sem ser julgados por isso.[...] Dá pra ficar à vontade porque a gente sabe que ninguém se importa se a gente beija, homem, mulher ou o que quiser. (Tony, 25 anos, negro, balconista, campista)

O estilo “descolado”, as músicas brasileiras, as vestimentas menos preocupadas com marca e o uso de entorpecentes de forma mais aberta entram em contraposição às roupas e marca, ao pop e as normas de um “espaço gay”, também são atrelado aos lugares alternativos:

As pessoas são mais “descoladas”. Vestem as roupas que querem, não se preocupam com marcas como nos lugares onde os gays vão mais. A gente pode andar mais “largado”, usar o que quiser, beijar quem quiser sem medo de ser julgado. Uso saia, uso maquiagem, beijo homem e mulher (Paulo, 21 anos, branco, universitário, campista).

Cara, eu fico tipo tranquilo nesses lugares. Uso o que quiser. Posso tanto ficar “fumando um de boa” como rebolar bastante afeminado que ninguém vai vir “causar” comigo. Me sinto livre (Lucas, 21 anos, branco, universitário, campista).

Bom, primeiro tem as músicas né!? Num ambiente gay a gente nunca vai ouvir Caetano, por exemplo. Não é só uma questão de beijar homem ou de ser gay. Nesses espaços a gente não precisa fazer parte do gueto. Não importa se sou homem, mulher ou “viado”. Eu não incomodo ninguém, ninguém me incomoda (Carlos, 26 anos, negro, desempregado, campista).

A maior parte dos assíduos frequentadores das festas da UFF, frequentam o “boteco”.

#### **4.2.1 – “O boteco”**

O “boteco” é localizado na região central de Campos dos Goytacazes, razoavelmente próximo ao “bar”, contudo com um público distinto deste, embora ambos frequentem as festas da UFF. Fomos ao “boteco” pelo menos três vezes ao mês, alternando entre as quartas e quintas, com as nossas idas ao “bar”. O “boteco” tem uma estrutura



de um bar simples, com karaokê e jogos de bilhar. As mesas de plástico com o logo de cervejas são colocadas no espaço (e na rua) pelos próprios clientes, na maioria jovens estudantes da UFF, embora não apenas. Junto aos jovens da UFF, malabaristas e outros artistas de sinal, descritos por alguns como “hippies” também são assíduos frequentadores do espaço. Na esquina do espaço, é usual ver pessoas utilizando maconha ou cocaína em grupos de quatro ou cinco pessoas. Muitos entrevistados nos falaram do lugar, o que nos fez visita-lo, embora à princípio não tenhamos entendido o porque desse espaço ser considerado por muitos um “espaço gay”.

Lá eu fico à vontade. A cerveja é barata, as pessoas são simples. Ninguém tá nem aí pra pessoa. Se é “viado”, se é “sapatão”. Todo mundo é igual. Não gosto desses lugares gays também sabe!? Todo mundo é esnobe. A pessoa tem que ter esse cabelo, essa roupa, senão ninguém quer nem papo (Vitor, 19 anos, negro, campista).

Olha, eu ate vou no “pub”, por exemplo. Mas aqui (no “boteco”) eu fico mais à vontade para tomar minha cerveja sem querer saber se alguém é gay ou heterossexual (Hugo, 30 anos, branco, gerente de loja).

Cara, as pessoas nesses espaços gays são muito preconceituosas. Tem preconceito com pobre, com negro, com gordo, com quem ta “mal vestido”. Cansei disso. Prefiro frequentar espaços onde todo mundo é igual. Tem maconheiro, tem “trincado”, tem viado, tem até mendigo (Emerson, 25 anos, branco, estudante, fidelense, soropositivo declarado)

Percebemos que esses espaços propiciam uma “fuga” o gueto gay e das normas que são impostas de vestuário e comportamento, que podem ser duras para quem não se encaixa, seja por classe social, cor/raça, idade ou outro atributo, no padrão exigido.

#### **4.2.2 – “O bar”**

O “bar” apresentado situa-se no centro da cidade, nos arredores da Pelinca, bairro, cujos imóveis são o metro quadrado mais caro da cidade. A Pelinca é uma rua, contornada por outras ruas, que possui um centro de compras na qual a classe média e média alta campista

faz suas compras. Achamos importante situarmos o local, uma vez que tanto o “bar” quanto o “pub” encontram-se nessas imediações. Além de prédios e casas, a Pelinca possui inúmeras lojas de roupas e vestuário de marcas caras, redes farmacêuticas, grandes lojas de varejo, *shoppings centers*, centro de compras, restaurantes, joalherias, lanchonetes e outros tipos de comércio. É entremeada de diversos e expansivos bares e boates que movimentam a cidade e sua classe média nas noites de terça à sábado, alguns inclusive no domingo, muitos dos quais evitados pelos homossexuais entrevistados em virtude de uma possível “cara torta” ou da apreensão de sofrer violência homofóbica.

Nas redes sociais foi bastante divulgado o caso de uma travesti que foi espancada na mais famosa boate da região<sup>36</sup>. Muitos dos gays que conversamos, antes mesmo do caso da travesti espancada ir à mídia nos falaram que evitaram o lugar onde o caso bem como alguns outros:

Não curto balada hetero. Não curto porque sei que vai me dar problema. [...] Eu sei que vou me aborrecer. É muito chato ter que ficar “armado”. Saber que a qualquer momento você pode ter um problema com alguém. Não vou nesses lugares porque já fui e não fui bem recebido, já tive amigos sendo destratados. Já vi até gente sendo agredida por homens que achavam que o viado tava dando em cima deles (Emerson, 25 anos, branco, estudante)

Prefiro ir a lugares onde vou ser bem tratado. Eu namoro. Gosto de ficar com meu namorado como qualquer pessoa “normal” pode. Por isso prefiro ir a lugares onde posso beijá-lo sem ninguém ficar me olhando “torto”. Onde eu sou “normal” (Guilherme, 34 anos, branco, funcionário público).

O “bar” situa-se numa encruzilhada, próximo ao shopping local. O dono do estabelecimento evitou conversar sobre o seu ambiente enquanto local de homosociabilidade, resumindo o que poderia dizer a um “é um lugar pra todo mundo, desde que com respeito”. Contudo, como dissemos anteriormente, praticamente todos os entrevistados afirmaram frequentar o lugar bem como os seus motivos. Alguns funcionários dos estabelecimentos conversaram

---

<sup>36</sup> Disponível em: <http://noticiaurbana.com.br/index.php/travesti-e-agredida-por-segurancas-de-boate-durante-show-de-luan-santana-em-campos/>, acessado em 23 de Fevereiro de 2016.

conosco também sobre a grande presença de homossexuais no lugar e a caracterização do mesmo enquanto um “lugar gay”.

O “bar” dispõe de um ambiente externo, com mesas de madeira que são colocadas na rua após a abertura do bar e de um ambiente interno com mesas e cadeiras para, geralmente, as pessoas que desejam ficar “mais à vontade”, como comentam alguns frequentadores. Foram feiras visitas durante todos os dias da semana em que o bar abre (terça à sábado), cerca de 3 à 4 vezes no mês, por vezes mais. Algumas vezes ficamos até o encerramento do bar, o que se dá cerca das 03:30 da manhã. Interessante notar que após o fechamento do “bar” muitos dos frequentadores permanecem na rua, bebendo, conversando e como muitos dos entrevistados homossexuais expuseram: “em busca de pegação”, o que não ocorre no período em que o “bar” está aberto. Muitos então vão aos “pés-sujos” mais próximos, onde é mais fácil “descolar um sexo” como afirmou Lucas (18 anos, branco, gay, universitário, campista) cuja turma de faixa etária entre 17-23 anos costuma sair após o fechamento do bar e ir em busca de sexo em bares menores (ou pé-sujo) ou até mesmo comprar o sexo, quando não possível obtê-lo, como afirmou Ronaldo (47 anos, branco, gay, vendedor, campista).

De terça à sábado as atrações do espaço variam de DJs que trocam pop, *black music*, *funk* e música eletrônica na parte interna do espaço. Notavelmente a música internacional é o que rege o ambiente. Existe em frente ao equipamento dos DJs um espaço onde muito raramente as pessoas dançam, ainda que na esmagadora maioria das vezes o bar esteja cheio. Há um balcão para pegar as bebidas e para pedir comidas e outro balcão, no qual o dono do estabelecimento, sempre presente, vende as fichas para o consumo, distribui comandas e recebe os pagamentos. Nas sextas feiras o lugar enche à ponto de encher as ruas paralelas. São nessas ruas onde ocorre o uso de substâncias psicoativas, especialmente a maconha e a cocaína. Os homossexuais, geralmente em grupos de outros homossexuais, e algumas vezes com lésbicas.

O estilo de vestuário é o mesmo que encontramos nos gays frequentadores do “pub”, em parte porque são os mesmos homossexuais que frequentam ambos os lugares, e por isso exploraremos mais disso a seguir. O público frequentador do espaço é das mais variadas faixas etárias, de diversas sexualidades (gays, heterossexuais, bissexuais, e lésbicas) e embora percebamos que sua maioria é heterossexual, ou percebidos como tal, em diversas conversas e entrevistas referenciaram o bar como um lugar “gay”. Consideramos importante informar que o objetivo do bar, no seu surgimento foi o de atingir um público diferente: skatistas. Com o passar dos meses, o público universitário, especialmente os alunos da UFF, começaram a interagir e frequentar o ambiente, dando novos ares de “alternatividade” pro espaço, embora, segundo alguns com quem conversamos, à contragosto do dono do espaço. Fomos informados também que o “beijo gay-lésbico” é proibido dentro do espaço. Em dado momento, presenciamos o dono do estabelecimento pedir a um casal lésbico que estava dentro do “bar” para que parassem de beijar-se. Posteriormente, em conversa com funcionários do estabelecimento, fomos informados que haveria uma proibição de que homossexuais se beijassem dentro do espaço<sup>37</sup> por ser “desrespeitoso”:

É porque também tem hétero, aí eles não gostam que fiquem assim. Se beijando. Se acariciando. [...] Aqui eles vem mais para conhecer, para paquerar. Daí eles vão para outro lugar. Vem muitos casais também, mas tem que respeitar as regras.

Alguns dos pesquisados disseram preferir o espaço à outros, mesmo com suas interdições:

Eu gosto, me sinto à vontade. Não acho nada demais não poder beijar. Na verdade acho até feio ver casal, seja hétero ou gay “se pegando em público. Venho pro “bar” pra ver outros “viados”, tomar uma bebida e socializar. Não pra “pegação” (Romário, 22 anos, gay, branco, balconista/vendedor)

---

<sup>37</sup> Importante atentar que no Estado do Rio de Janeiro já vigora a lei que pune estabelecimentos com muitas caso esses discriminem homossexuais, desde julho de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/07/lei-que-pune-discriminacao-gays-em-ate-r-60-mil-entra-em-vigor-no-rj.html>, acessado em 02 de Fevereiro de 2016.

Se eu quiser pegação vou pra outro lugar. Aqui é um lugar tranquilo, pra sair mais com os amigos mesmo. Rir, falar da vida, de música, de série, de moda. Contar os “babados”, “dar *close*”<sup>38</sup>. É pra isso que venho no bar. Se quiser fazer pegação eu vou pra casa, ou pro “pub” (Ricardo, 18 anos, gay, negro, desempregado)

Percebemos que além dos homossexuais, outras “tribos urbanas” frequentam o ambiente: skatistas, *hippies* e pessoas ligadas a esportes como jiu-jitsu e surf. Eventualmente ocorrem brigas entre alguns desses homens com algum gay, especialmente com os mais afeminados, mas logo são apartadas pelo segurança do local. Pudemos entender, então, que apesar de proibidos, de forma expressa ou não tanto, de se beijarem e assim de expressarem sua homossexualidade, de certa forma, muitos homossexuais vivenciam esse espaço e não identificam essa atitude enquanto homofóbica. Ao contrário, ressignificam o local como espaço gay e criam estratégias para que possam frequentar o espaço e vivenciar sua homosociabilidade com o mínimo de conflito possível com o dono do “bar” ou com outros frequentadores, embora esses ocorram.

#### **4.2.3 – “O pub”: “no racism, no sexism and no homofobia”**

O “pub” encontra-se no final da Pelinca, distante dos bares mais “badalados”. O fato de ser um ambiente e da localização ser mais distante faz com que algumas pessoas frequentem o (inicialmente) não-oficial “dia gay” da semana. A estrutura do “pub” também é bastante peculiar com uma fachada toda preta e uma pequena torre na edificação. Frequentamos o pub pelo menos um dia por semana desde que começamos a pesquisar o campo e tivemos nossa entrada no espaço facilitada, tendo em vista que anteriormente trabalhamos no espaço. O “pub” funciona de quinta à sábado e excepcionalmente aos domingos. A princípio íamos em diversos dias, contudo, percebemos na sexta-feira o dia em que a casa é frequentada

---

<sup>38</sup> A expressão/gíria “dar *close*” foi ouvida algumas vezes no campo e significa “aparecer” ou querer chamar atenção.

majoritariamente por gays e lésbicas. Também é na sexta-feira o dia em que a casa atinge sua lotação.

O espaço da entrada dá lugar, logo que se adentra, a um salão com mesas e cadeiras bem como a um palco para Djs e bandas. Embora, em geral, a casa alterne entre as atrações de bandas de rock da cidade, nas sextas feiras é o ritmo que domina o salão é o pop, transformando o salão em pista de dança. Nas sextas, Lady Gaga, Beyoncé, Madonna, Rihanna e várias outras artistas do pop, identificadas com o público gay são tocadas em dias específicos e festas voltadas para homenagear as artistas. Também ocorrem festas temáticas: anos 90, axé, festas de dragqueens, todas onde o pop internacional dominam.

Inicialmente, como nos conta o proprietário, o público LGBT não era um alvo da casa. Muito ao contrário, tanto os outros sócios do proprietário como alguns antigos funcionários do estabelecimento eram contrários a presença constante dos homossexuais no estabelecimento, que ocorreu desde que o “pub” abriu as portas.

[...]era pra ser uma casa de rock. Que tocasse rock. Eu...eu no meu fundo não imaginava ser o que é. Esse lugar de muita zoera, do povo *underground*, alternativo. Era o que eu queria e foi o que aconteceu. Aí que eu percebi que os outros sócios não[...]que fosse pra lá e tivesse um ambiente um pouco mais cool, com bandas, que desse pra ficar mais tranquilo que na rua. Então eu realmente não tinha essa essa noção não. De como ia ser. De... do público gay mesmo em Campos, se tinha um público gay grande ou não tinha. Eu não sabia de nada. E iniciou sem perceber ainda porque lotava muito ne!? Tinha Gays de terça a sábado. [...]aí é que eu acho que veio o preconceito de Campos. O povo sumiu. [...]essa fama (de lugar gay) foi espalhando, acho que foi vencendo o preconceito do que tinha. Quebrou um pouco essas barreiras aqui de Campos. A galera começou a ver que lá era legal e começou a ir. Mesmo tendo o público gay, o que poderia espantar essa galera (proprietário, 35 anos, heterossexual)

Eu fui repreendido lá no início. Estava com meu namorado e estávamos nos beijando como todo mundo heterossexual estava. Daí o gerente veio até a gente e pediu que parássemos ou ele teria que pedir pro segurança colocar a gente pra fora (Renan, 24 anos, negro, gay, universitário, carioca).

O público que frequentava a casa não frequenta mais. Todos os lugares vão gays, mas não como aqui. Os donos do lugar e o gerente não gostaram. Não queriam que o ambiente ficasse com fama de gay. E

ficou né!? Desde que a festa pop começou a acontecer (no segundo semestre de 2013) os donos perceberam que só vinha “viado” e pararam com as festas (Mário, 37 anos, negro, segurança do “pub”).

Ao perceberem que a casa estava deixando de lucrar com essas festas onde iam muitos gays e lésbicas, com a mudança de sócios na casa, e após uma grave crise financeira, ocorreu uma mudança de posicionamento quanto aos homossexuais. Recentemente, o proprietário do “pub” oficializou um dia LGBT na semana e a página do *facebook* da casa vem divulgando mensagens com temáticas de combate ao preconceito: “*no racism, no sexism, no homophobia*” (sem racismo, sem sexismo, sem homofobia). Contudo, as opiniões dos funcionários sobre o público divergem bastante: “Já virou noite das bibas”, nos disse Jefferson (25 anos, heterossexual, *barman*) funcionário, mostrando incômodo com o fato da alta frequência de homossexuais; “Ontem tava demais. Um quase me comeu com os olhos” (Pedro, 21 anos, heterossexual, garçom), nos disse outro funcionário, incomodado com uma possível abordagem de algum homossexual. Um dos proprietários (37 anos, heterossexual) nos afirmou que gays são “muito erotizados” e exageram. No momento em que me foi dito isso, um casal heterossexual se beijava e agarrava de forma voraz o que não causou o mesmo espanto nesse. Outros funcionários afirmaram:

É um público que gosto de trabalhar. São tranquilos, não dão problema ou reclamam de nada. Só querem beijar, dançar, se divertir. Nunca vi uma briga aqui em dia gay. [...] Alguns clientes se incomodam, mas fazer o que? É bom pra passarem a ter menos preconceito. São pessoas “normais”. (Miguel, 24 anos, heterossexual, *barman* e caixa).

[...] talvez por ser um lugar GLS. Todo mundo é muito educado, nunca teve uma briga. 3 anos de bar. Nunca teve uma briga. Isso aí...Isso é fantástico. Quando eu falo isso pros outros...Não tem segurança no lugar. Tem um porteiro que é o segurança, mas nunca teve nada (proprietário, 35 anos, heterossexual).

Nunam (2003 apud RIBEIRO 2010, p. 58) aponta que a discriminação contra homossexuais é “deixada de lado” no momento em que o “dinheiro cor-de-rosa” é disposto e o consumo “gay” é percebido

como lucrativo. Contudo, essa maior “aceitação” e complacência são maiores à proporção em que esse “público” aproxima-se de um determinado padrão hegemônico: o gay branco, burguês e masculino, evitando-se assim afeminados, travestis, pobres, negros e periféricos. Uma vez que o Pub transforma sua estrutura e atrações, com o intuito de aproveitar e lucrar em cima do público gay, tendo em vista que este não possui outros lugares voltados para si em Campos dos Goytacazes, podemos pensar no surgimento das novas mercadorias que aparecem para suprir demandas, quando estas são solicitadas (BAUMAN, 2008, p.41).

Nos dias voltados para LGBTs é muito comum a presença de heterossexuais. As mulheres heterossexuais com quem conversamos nos afirmaram que é bom porque podem dançar e ficar à vontade sem serem assediadas. Por outro lado, os poucos homens heterossexuais com quem conversamos nos disseram que iam por conta da música e das mulheres que vão. Os homossexuais com quem conversamos/entrevistamos disseram consumir “o pub”, pelos mesmo motivos: escapar da homofobia, se divertir e obter encontros amorosos.

Me sinto à vontade lá. Sem medo de dançar como eu quiser, de beijar quem eu quiser. Não posso fazer isso em outros lugares sem medo dos olhares tortos ou de agregação (Matheus, 26 anos, gay, negro, estudante).

Se não for pra eu ser quem sou (gay), eu prefiro ficar em casa. No “pub” eu posso ser quem eu sou. Me vestir do jeito que quiser, beijar meu namorado. Não é a mesma coisa nos outros lugares. As pessoas que frequentam gostam das mesmas coisas que eu, se vestem parecido. Isso é importante sabe!?! (Lucas, 28 anos, gay, branco, advogado).

Não temos muita opção em Campos. Eu preferia poder ir para todo lugares, mas prefiro escolher os que posso ficar à vontade com quem eu sou. Ficar à vontade sem medo, sem olhar torto, sem discriminação (Pedro, 32 anos, gay, branco, professor).

Notamos que esses gays que nos expuseram seu medo de “ser quem são”, ou seja, serem percebidos enquanto gays, nos disseram, juntamente com outros, não sofrerem ou terem sofrido homofobia, nas entrevistas. Contudo, nas nossas conversas, deixavam escapar, sem perceber, que vivenciavam a homofobia não só nos espaços de



consumo quanto no próprio cotidiano. A homofobia então, pareceu ser invisível para esses. Nos momentos em que os dominados colocam seus pensamentos e percepções sob as estruturas de conformidade com as estruturas de “dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são [...] atos de reconhecimento, de submissão”. É por meio da visão dos dominantes, segunda a ótica bourdiesiana, que dominados percebem a dominação como natural, o que por vezes leva a auto depreciação ou ao autodesprezo. A violência simbólica funda-se quando os dominados avaliam a si mesmos e aos dominantes (e a dominação, por consequência), utilizando uma maneira que é resultado da naturalização dos esquemas de incorporação das relações de dominação, o qual é produto. Essa violência simbólica, por sua vez, é um tipo de poder que atua sobre os corpos sem alguma coerção física, apoiado em predisposições postas no corpo. Esse tipo de força é exercida de forma invisível, insidiosa, por meio da familiaridade não percebida com uma estrutura pré-estabelecida. Por vezes, esse “conhecimento” e “reconhecimento” levam a sentimentos (amor, admiração) e ações como o gaguejar, o enrubescer ou a auto exclusão, de acordo com julgamento dos dominantes. Entretanto, sempre existe espaço para uma luta cognitiva, o que gera a possibilidade de resistência. Existe então a possibilidade dos dominados resistirem contra o efeito de imposição simbólica, por meio de interpretações antagônicas oferecidas pela indeterminação parcial de certos objetos (BOURDIEU, 1999, p.22; 47-50).

Os homossexuais, segundo Bourdieu (idem, ibidem) sofrem com uma violência simbólica e com uma dominação *sui generis*, uma vez que essa dominação está ligada à prática sexual e não aos signos sexuais visíveis, que marca negativamente o grupo, estigmatizando-o, de modo que por vezes sua existência pública é negada ou invisibilizada. As experiências afetivo-sexuais assim, muitas vezes, são vividas envergonhadamente, transitando entre o medo de ser percebido e a vontade de ser identificado pelos outros homossexuais. Observamos e nos foi confessado por muitos dos homossexuais com

quem conversamos que existe um desejo de ter relações com homens que encarnem o papel da virilidade masculina tradicional e com isso, existe um desejo maior por homens ativos, com posturas, relações e vivências heterossexuais, que os possuam, mesmo que para isso tenham que pagar como é o caso de Fábio, 52 anos, branco, professor universitário, que confessou, após o termino de nossa entrevista, ter relacionado-se algumas vezes com homens “heterossexuais”, como são percebidos pelo entrevistado, pagando-os ou dando “uma ajudinha”.

A Sociologia Política do ato sexual mostra a assimetria das práticas e representações dos dois sexos, com os homens (e a masculinidade) atrelando o sexo a atividade de possuir, de dominar, à “agressividade”, a “penetração” e ao “orgasmo”, em contraposição às expectativas amorosas do sexo atribuídos à mulher (e a feminilidade). Embora, na prática, pudemos ver muitos indivíduos confrontarem esses papéis construídos em torno do sexual, percebemos através dos nossos entrevistados homossexuais, uma identificação com o que espera-se do “feminino”, a necessidade de ser penetrado sexualmente, de atuar enquanto passivo sexualmente. Algumas das pessoas com quem conversamos, como por exemplo Matheus (32 anos, gay, branco, desempregado) e Olívio (20 anos, gay, negro, vendedor de roupas) afirmam com desgosto e desdém que: “Campos só tem passivos”, a categoria “passivo” aqui percebida como homens sexuais que são ou querem ser penetrados, ou homens homossexuais com “trejeitos” femininos. Em outros momentos no campo ouvimos comentários como “Campos não tem ativo”, o que segundo esses atores dificultaria um tão esperado envolvimento amoroso, deixando explícito que, para esses, a única possibilidade de envolvimento amoroso seria com um outro homem que encarnasse os valores (bourdiesianos) de masculinidade: “ativo”, agressivo, o que penetra.

A relação sexual é uma relação social de dominação, porque é construída pelo princípio de divisão fundamental entre o masculino (ativo) e o feminino (passivo) e também porque esse princípio tem

relação com o desejo, criando-o, organizando-o, dirigindo-o e expressando-o. Nas relações homossexuais, onde as ligações entre sexualidade e poder são mais visíveis, o ativo penetra, possui, com sua penetração tida como *libido dominandi*, afirmando sua “superioridade”, “feminizando” o outro, o passivo, que por ser penetrado é percebido ( e percebe a si mesmo) como “feminino” (idem, 1999, p.31). Nesse sentido, a maior parte dos homossexuais com quem conversamos, como Fernando (27 anos, branco, gay, capixaba) dizem desejar, com muito decoro para não enfrentarem uma pecha de “passivos”, parceiros “ativos”, com aparência e atividade sexual próximas da masculinidade tradicional e, assim, da heterossexualidade.

Enquanto muito, como Fernando, almejam encaixar-se num padrão de masculinidade perto da heterossexualidade, outros já entendem essa masculinidade como algo danoso e como um fator que divide os homossexuais, segregando os tipos como os mais afeminados e os passivos sexualmente. O próprio ato de consumir e de consumo gay foi percebido algumas vezes como algo ligado à passividade e aos homossexuais femininos. O não interesse na pecha de “consumista” ou de “gay fútil”, atrelando a imagem do homossexual que preocupava-se com o consumo com a do homossexual afeminado, a mulher ou a “bicha”. Até mesmo os gays que observamos mais como consumidores frenéticos (de espaços gay, de roupas, tecnologia, dvds, livros, quadrinhos, etc) mostravam-se temerosos nas entrevistas em falar sobre o consumo, o que também nos levou a explorar mais a observação participante e as conversas “informais” presentes em nossa etnografia. Muitas vezes a autoafirmação, enquanto “bicha” ou “viado” e até mesmo “gay” perpassa por um “empoderamento”, similar ao “assumir-se” ou ao “orgulhar-se”, possibilitando aos homossexuais observados, não só uma aceitação aparente de si mesmo e dos outros, bem como um questionamento social das normas de gênero/sexualidade.

A categoria de “gênero” se faz presente no estudo, a partir do momento em que “masculinidade” e “feminilidade” se fazem presentes nos homossexuais pesquisados, nos momentos em que esses preocupam-se com ser mais “masculino”, ser menos “afeminado” ou na tentativa de afastamento dos indivíduos com quem conversamos de serem enquadrados como “bicha pão-com-ovo”, xingamento recorrente referente aos gays pobres, afeminados e periféricos, o que também nos mostra uma tentativa de distinção social que atravessa o capital econômico e cultural. Assim:

Não se trará apenas da rejeição à ideia de feminilidade associada à homossexualidade masculina – ideia que a figura da bicha parece personificar –, mas da associação entre esse modelo classificatório englobado por gênero e as classes populares. O problema não é ser “feminino” mas sim se aproximar da bicha popular, como se esta carregasse algum tipo de traço de um mundo arcaico e superado (FRANÇA, 2012, p.262). (grifos da autora)

Dentro das relações de gênero, não é possível falar de uma masculinidade una e individual. Classe, cor/raça, sexualidade e geração possibilitam-nos pensar na existência de “masculinidades hegemônicas” na qual o homem branco, heterossexual, rico ou de classe média alta representa o ápice da categoria e “masculinidades “subalternas”<sup>39</sup> onde temos o homem negro, homossexual/bissexual, pobre ou de classe média baixa, como representante. Quanto mais próximos da masculinidade hegemônica, mais privilégios o homem possui, dentro dessa hierarquia (CARRIGAN et al., 1987).

Encontramos alguns campistas, como Henrique (24 anos, branco, gay, universitário), Gustavo (25 anos, branco, gay, médico) e Marcelo (26 anos, branco, gay, desempregado) que embora vivenciem esses espaços todos que pesquisamos e dentro de seu círculo de amigos seja de conhecimento que são homossexuais, para a sua família e para a sociedade no geral esses não são “assumidos”,

---

<sup>39</sup> Atentamos, contudo, para problemáticas que envolve esse conceito de “masculinidade hegemônica”, como afirma Almeida (2001). Um homem gay ainda é socialmente dominante a uma mulher lésbica bem como um homem negro possui uma hegemonia perante uma mulher negra. A masculinidade em si representa, para essa autora bem como para outras teóricas feministas, a própria hegemonia.

ou seja, sua homossexualidade não é exposta e agem – ou tentam agir – como espera-se que heterossexuais atuem, inclusive simulando namoros. Importante notar que todos esses pesquisados são – ou dizem ser – de famílias tradicionais em Campos dos Goytacazes, e evidenciam sentimentos de vergonha diante da possibilidade da tradicionalidade da família ser exposta com a existência de homossexuais.

Entendemos que as técnicas de controle da sexualidade seriam mais inflexíveis nas classes econômicas mais favorecidas. São para as classes economicamente privilegiadas que primeiramente são inventadas as tecnologias que esquadrinham a sexualidade. A partir das classes mais abastadas esses mecanismos são inseridos nas classes mais baixas. A sexualidade que foi inicialmente problematizada, patologizada e medicada foi a das famílias aristocráticas, uma vez que a burguesia considerava seu próprio sexo como algo importante. Com isso, as classes mais baixas tiveram, por um tempo no século XVII, por exemplo, maior “liberdade” sobre sua sexualidade (FOUCAULT, 1988, p.113-120).

Dos tipos de performances percebidas nos nossos pesquisados, encontramos um padrão de estilo no pub, no bar e em menor proporção no boteco que está atrelado a roupas de marca e a um estilo “*chillibeans*”, como muitos dos entrevistados informaram. Roupas e acessórios (relógios, pulseiras, óculos, tênis e mochilas) de marca (ou expostos como tal), penteados da moda, com a maior parte dos gays possuindo o mesmo corte de cabelo, o *side part undercut* no qual as laterais da cabeça (ou uma das laterais) são raspadas e o cabelo liso (na maioria das vezes alisado a graças a tratamentos químicos) é colocado pro lado, o que nos chamou atenção e pareceu ser motivo de piada por parte de outros homossexuais que não faziam parte desse padrão. Bermudas acima do joelho, sapatênis e camisas justas consolidam praticamente um uniforme nas batalhas simbólicas dos espaços “gay” da cidade, onde cada turma/grupo deseja mostrar ser mais “*cool*” (legal, descolado em inglês), mais “carão”, do que a outra. A expressão “carão” ou

“fazer carão” foi ouvida inúmeras vezes, por quase todos os atores homossexuais com quem conversamos e entrevistamos para designar algum gay (ou “grupo de gays) percebido como antipático, fechado a participação de outros gays percebidos como indesejados ou esnobes. Entretanto, os próprios que categorizam outros gays como “carão” e antipáticos foram percebidos por estes do mesmo modo. Percebemos que os mesmos gays que desejam ser tratados com simpatia/respeito por seus pares, utilizam dos marcadores geracionais, de classe e de cor/raça, bem como da suposta “passividade” advinda de trajetórias feministas para menosprezar e excluir outros gays de sua vivência.

Outros estilos também são recorrentes. Algumas pessoas com quem conversamos se identificaram como “*geeks*” ou “*nerds*”<sup>40</sup> e afirmavam um forte consumo de séries televisivas e camisetas estampadas com super-heróis e personagens de séries, bem como o interesse em festas ligadas a ícones pop da música, como Lady Gaga, Rihanna, Madonna, Beyoncé e outras “divas gay”, como os próprios nomeavam. Para nós, foi difícil perceber a distinção entre “*geeks*” e gays “*chillibeans*” ou “carão”, tendo em vista que muitas das características atribuídas às categorias podiam ser encontrados em quase todos com quem conversamos/entrevistamos/observamos. Sobre o “carão”, França (2012, p.65) expõe que esse é uma “categoria nativa e expressa uma atitude esnobe ou desprezo em lugares de sociabilidade”. Esses “carões” também indicam marcadores de cor/raça e classe significando exclusões e delimitações de fronteiras, e em Campos indicam também quem é campista, especialmente os de família “tradicional”, e quem não é, de modo que todos com quem conversamos/entrevistamos que não eram nascidos na cidade de Campos dos Goytacazes, descreviam os nascidos aqui como “carão”, “metidos”, “arrogantes”, “mal-educados”. Nesse sentido, o crivo sobre as pessoas que são

---

<sup>40</sup> Ambos os termos provem da língua inglesa e são utilizados para designar pessoas que são – ou dizem ser – ligadas a atividades intelectuais, tecnologia, jogos, quadrinhos, etc. In: <http://www.significados.com.br/geeks/>, acessado em 19 de Fevereiro de 2016.

desejáveis ou não passam ainda pelo local de nascimento. Os grupos “modernos” massificam tendências, estas que são absorvidas por grupos sociais que não pertencem a essa categoria, como meio de diferenciar-se de outro grupos. Nesse sentido, classe, cor e capital econômico e cultural são mobilizados como elementos de segregação. Assim, os gostos e orientações estéticas são conferenciados entre os distintos público, massificados e incorporados de modo peculiar em cada lugar à proporção em que novas diferenças são criadas (idem, ibidem).

Discordamos em partes da ideia que “o anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo” (BAUMAN, 2005, p.35). Decerto que a sensação de pertencimento a uma identidade gay traz alguns benefícios como o sentimento de pertencer a algo, a possibilidade de compartilhar conhecimentos e vivências difíceis de conversar com pessoas que não os seus pares. Contudo, percebemos em algumas falas e comportamentos, um certo medo e insegurança em ostentar uma “identidade gay”, especialmente em público ou em “lugares hétero”. Nos foi dito diversas vezes, sobre o pub, ser um bom lugar para “dançar” ou para “pegação” por este ser “fechado”, impossibilitando quem está do lado de fora do espaço (ou passando de carro) de enxergar quem está dentro deste, de modo que, na percepção dos frequentadores, uma vez que um indivíduo entre nesse espaço, mais especificamente no dia que sabe-se na percepção coletiva, ser voltado para os gays e lésbicas, esse ou identifica-se enquanto homossexual ou “não tem preconceito” constituindo a categoria referida comumente como “simpatizantes”.

O medo de não estar “adequado”, comum às sociedades do consumo também foi percebido em alguns momentos no campo:

Na primeira vez eu vim ao “pub” em festa gay eu me arrependi. Tinha saído de casa com uma camisa xadrez horrível. Todas as outras pessoas estavam “estilosas”, com roupa de marca e eu parecendo um “roceiro” (Fernando, 27 anos, branco, gay, doutorando, capixaba).

Já sou negro. “Viado” não gosta de preto, quanto mais se eu estiver “molambento”, desarrumado. Por isso que malho e tento me vestir o melhor que posso. Para poder ser atraente sim, mas também pra me sentir bem nos lugares e bem comigo mesmo (Daniel, 23 anos, negro, gay, desempregado, campista).

As pessoas precisam fazer escolhas assertivas para ganharem um lugar na sociedade dos consumidores (BAUMAN, 2008, p.82), de modo que um mercado segmentado como o “GLS” precisa ainda mais de cuidado por parte dos consumidores, “fechando-se” quando estes não estão de acordo com o padrão requerido e abrindo-se quando estão. Como os frequentadores do pub e do bar, especialmente os primeiros, valorizam a cultura estadunidense em detrimento da cultura nacional, talvez devido a globalização pós-moderna que cria uma série de identificações como elementos populares e tidos como globais, como o pop, as divas as séries e as dragqueens.

Os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas” – como “consumidores” para os mesmos bens, “clientes” para os mesmos serviços, “públicos” para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 2005, p.74). (grifos do autor)

Dos homossexuais com quem conversamos, todos inferiram que quando saíam para se divertir, desde tomar uma simples cerveja à dançar em boates, eles almejavam ir para lugares onde tivesse a certeza que teriam bastante homossexuais, ou pelo menos que a homossexualidade não fosse percebida como um problema, e assim ficassem à vontade para flertar com outros homens, promover encontros e até mesmo sentir-se seguros para “serem quem são” sem lidar (ou lidando em menor proporção) com atos homofóbicos. A “preferência” por pessoas do mesmo sexo pode aproximar pessoas com a mesma “preferência”, contudo os gostos e os bens de consumo podem interferir criando barreiras (FRANÇA, 2012, p.55).

Os lugares adquirem significados no contato com as pessoas e na sua relação com os outros lugares. Nos bares e boates, espaços de sociabilidade de maior destaque em relação ao mercado voltado para



gays, lésbicas e simpatizantes, são remodelados os padrões de homossexualidade manifestos por meio das roupas, aparência, gosto musical e postura corporal além do consumo de bens que encontram-se dentro dos espaços, como cigarros, cervejas, drinks e outras bebidas alcoólicas. Existe por meio desses bens de consumo, um consumo que é feito dos produtos e como essas mercadorias são utilizadas, de modo que essas mercadorias encontram especificidades ao conectar-se com o consumidor, demonstrando uma ligação com esses indivíduos/grupos, com atributos de suas personalidades, como signos de identidade e significantes de suas relações, construindo e organizando subjetividades.

A tendência à segmentação do mercado voltado para homossexuais, que estaria atrelada à multiplicidade de estilos da homossexualidade e que é típica das cidades grandes não é encontrada em Campos dos Goytacazes. No início da pesquisa, nenhum dos estabelecimentos afirmados pelos homossexuais como lugares onde poderiam “se sentir mais à vontade” ou encontrar parceiros afetivo-sexuais declararam-se GLS, LGBT ou coisas do tipo. No decorrer da pesquisa de campo, apenas o pub assumiu uma postura de declarar que a casa tinha um dia gay, mesmo que essa não fosse a intenção original. Diferente das cidades grandes, onde um forte mercado voltado para homossexuais segmenta-se na tentativa de abranger uma gama de identidades distintas, a cidade de Campos dos Goytacazes possui pouquíssimos espaços de homossociabilidade, de modo que nestes é muito mais fácil perceber um padrão com poucos estilos e uma identidade muito próxima. Como França (idem) apontou que nas cidades menores existem minguadas possibilidades de lazer noturno ligados à homossociabilidade e pensamos ser esse o caso da cidade de Campos.

Os sujeitos conferem significados aos espaços, atribuindo a esses uma dimensão simbólica, instituindo-os como lugares, esses que, sincronicamente, competem para constituir os indivíduos, fornecendo referências e vivências, que os possibilitam à agência dessas pessoas e conseqüentemente produzindo o reconhecimento e

simpatia destas com os lugares frequentados. As atividades de consumo, atreladas ao lazer, são frutos da organização, por parte das pessoas, do chamado “tempo livre” e tem como objetivo obter algum prazer (idem) e por vezes, para muitos homossexuais, é unicamente nesses lugares “GLS” que pode-se vivenciar sua afetividade, sua sexualidade e até mesmo expor a sua homossexualidade. Os lugares também acarretam discursos e práticas quanto ao consumo que são perpassados por marcadores sociais geracionais, de gênero, sexualidade, classe social e cor/raça.

O padrão de um homossexual desejado, está de acordo com o estilo exigido para fazer parte do consumo gay em Campos dos Goytacazes, é de cor/raça branca, sem pelos (“liso”), novo (entre 18 e 27 anos), com o cabelo liso com o corte da moda e se possível de olhos claros. Esse mesmo padrão é encontrado como fator de distinção em outras pesquisas como a de Moutinho (2006), Monteiro et al. (2010), Simões (2011), Miskolci (2013). Simões et al. (2010) pontuam sobre uma “hierarquia estética” presente no “mundo gay” onde existem elementos como classe ou cor/raça que, embora velados, tem um forte impacto nas vivências, assim como indica *status*, da mesma forma como atuam os bens de consumo.

#### **4.2.4 – Os aplicativos “gay”: alternativa ou complemento?**

Sobre os aplicativos de interação virtual, tão comum entre os homossexuais, como nos afirmaram todos os gays com quem conversamos, discordamos de Bauman (2005; 2008) quando este afirma que perde-se a capacidade de relações reais por meio do aumento das virtuais. Não concordamos que as interações pelas redes sociais ou aplicativos de “pegação gay” fazem com que os nossos pesquisados deixem de interagir em “relações reais” por conta disso. Muitas vezes, esses aplicativos são uma estratégia e alternativa às idas a festas e lugares gays para obter-se relações afetivo-sexuais que algumas vezes tem o cunho apenas de sexo casual e outras desdobram-se em namoros e relacionamentos sérios, como é o caso de Fernando que afirmou sempre começar seus namoros por meio

desses. Assim, evitam-se gastos, como os que ocorreriam caso escolhessem ir a boates e muitos podem e querem vivenciar sua sexualidade e afetividade, sem medo de ter sua homossexualidade exposta a julgamentos. É fato que Campos dos Goytacazes, no senso comum das pessoas com quem conversamos, por ser uma cidade pequena, faz com que toda uma rede de contatos, que muitas vezes se dá pela virtualidade das redes sociais, o que gera a percepção que “todos os viados se conhece”, como afirmaram nossos pesquisados.

## **Conclusão**

Uma das diferenças iniciais que percebemos ao fazer nossa mudança de campo da cidade do Rio de Janeiro para a cidade de Campos dos Goytacazes são as poucas possibilidades que o gay campista tem, não só de diversão, mas de socializar com outros homossexuais, de demonstrar sua afetividade/sexualidade em público e até mesmo as poucas opções de estilos de vida ligados às identidades várias sub-identidades gay. Em nenhum momento, ouvimos as categorias “barbie”, “urso” ou outra muito comum em cidades grandes. Contudo, percebemos uma maior valorização, nos espaços frequentados, da cultura pop e em especial da cultura estadunidense. Uma possível explicação para isso se dá pelo pensamento de Hall (2005, p.79) que explica que a multiplicidade de escolhas identitárias são mais comuns nos grandes centros, embora as sociedades mais “periféricas” estejam se abrindo progressivamente às influências globais. Talvez, levando em consideração o grande número de gays de outras localidades que residem em Campos, seja por trabalho ou estudo, localizada entre estados do Nordeste e do Sudeste, uma possibilidade maior de abertura a outras culturas e identidades abrem-se ainda mais as possibilidades.

Se as escolhas de consumo, como “juízos morais”, inferem no que é um homem ou uma mulher pensamos também que esse pode traduzir “o que seria um homossexual” ou como esses deveriam se comportar. Os bens transmitem mensagens sobre a hierarquia e estratificação de

peças e os consumos são aceites e impostos também de acordo com fatores como classe, gênero (afeminado/masculino) e cor/raça, dentro da dimensão simbólica do espaço. Existe toda uma intencionalidade, nos atores pesquisados, de exibir sua posição social por meio de um estilo atrelado ao consumo, que por sua vez possibilita uma maior inserção nos ambientes.

Os bens de consumo são responsáveis tanto pela inclusão social quanto pela criação de barreiras sociais que comumente excluem os homossexuais com baixo poder de consumo ou pertencentes a categorias identitárias não hegemônicas, deixando, por vezes, de fora desse circuito de consumo homossexuais negros, mais velhos (os “coroas”), afeminados (ou percebidos assim) e soropositivos. Pensamos, então, que múltiplos elementos constituem as identidades gay, como o gênero (homem), a cor/raça (branco, negro, pardo, etc), a classe social e a pertença a uma identidade local (campista, carioca), regional (nordestino, sudestino) e nacional (brasileiro, estadunidense). Nesse sentido não percebemos uma “identidade gay” homogênea ou uniforme, embora existam alguns padrões, mas entendemos identidades plurais e interceptadas por marcadores sociais.

Podemos afirmar que a “identidade” homossexual não é homogênea e quando colocada sobre a forma de rígidos padrões de consumo, especialmente os que constituam um pensamento hegemônico e excludente com gays negros, pobres, gordos, mais velhos e afeminados. Contudo, a identidade serve como um instrumento de luta dos grupos oprimidos, como já afirmou Bauman(2005). Não temos a intenção de fazer uma “defesa” do consumo, mas precisamos repensar a pecha de “consumista”, tão comum nos dias de hoje e mais ainda quando refere-se a mulheres e homossexuais e entender que os bens, lugares e outras formas de consumo, não só constituem uma identidade, como permitem a alguns indivíduos e grupos sociais excluídos determinadas agências que em períodos anteriores não seriam possíveis.

Discordamos de Bauman (2008) outra vez quando este pontua o consumo como “atividade solitária”, da qual não apareceria vínculos duradouros. Em nossa etnografia percebemos alguns grupos de gays em que, não só o consumo de lazer noturno mas também de outros bens, especialmente os relacionados à cultura pop (quadrinhos, filmes, séries, roupas e a própria internet) são compartilhados continuamente tanto nos lugares de consumo como na vida pessoa/privada dos grupos e indivíduos. Pensamos também que embora os bens possam ser utilizados “como pontes ou cercas não são apenas os bens e lugares de consumo que fortalecem a “identidade gay” e o sentimento de pertença em um grupo. A sensação de “proteção” e “não julgamento”, dita por tantos entrevistados, ao frequentar um lugar que não só permite a diversão e a sociabilidade mas também possibilita “ser quem se é”, como afirmaram Olívio, Daniel, Carlos, Renam, Henrique e tantos outros. Se “todo mundo” é racista, machista e homofóbico, como ouvimos no campo, para um homossexual isso pode significar solidão.

## **Referência Bibliográficas**

### **Livros, artigos e teses**

ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Masculinidades: uma discussão conceitual preliminar. In: PUPPIN, Andrea B; MURARO, Rose M. **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro, Relume Dumaré/FAPERJ, 2001.

ALTOÉ, André Pizetta. **A TFP em Campos dos Goytacazes**: trajetória política, gênero e poder. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, 2004.

BADINTER, Elizabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida para o consumo: A transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BILA, Fábio P. **O médio, o padre e o jornalista**: mídia, justiça e homofobia em Campos dos Goytacazes. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, 2006.

\_\_\_\_\_; PINHEIRO, Tarcísio D. da obscuridade ao colorido do arco-íris: os percalços e a luta política do movimento homossexual. In: BLOS, Wladimir; BILA, Fábio P. (orgs.). **Diversidade e Desigualdades na Contemporaneidade**. Salvador: EDUFBA, 2013, p.43-62.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

\_\_\_\_\_. A Dominação Masculina. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.**

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRITO, Joaquim de Paes. O fado: etnografia na cidade. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana**: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 24 -42.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARRIGAN, Tim; CONNEL, Bob; e LEE, John. Towards a new sociology of masculinity. *Theory and Society*, 1987, p. 551-603.

CRUZ, José V. da. Origem, natureza e persistência das desigualdades sociais no Norte Fluminense. IN: CARVALHO, Ailton Mota de e TOTTI, Maria E. Ferreira (orgs.). **Formação Histórica e Econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p. 69-97.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FOCAULT, Michel. **História da sexualidade 1-** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FRANÇA, Isadora L. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. **Cadernos Pagu** (28), Janeiro-Junho de 2007, p. 129-147.

\_\_\_\_\_. **Consumindo Lugares, consumindo nos lugares:** homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.

FRANÇA, Rafael G. dos Santos. **As aparências enganam?** A arte do fazer-se travesti. Curitiba: Appris, 2015.

FRANCISCO, Renata de S. **A homossexualidade situacional entre a população carcerária feminina:** um breve estudo do presídio feminino Carlos Tinoco da Fonseca em Campos dos Goytacazes. Monografia de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense – Darcy Ribeiro, 2011.

FRY, Peter. **Para inglês ver:** identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da identidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Trópicos:** Fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

\_\_\_\_\_. O Pasquim e Madame Satã, a “rainha” negra da boemia brasileira. In: **TOPOI**, v.4, nº7, jul-dez, 2003, p. 201-221.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva:** um guia para pesquisa de campo. Petrópolis(RJ): Vozes; Maceió(AL): Eufal, 2013.

KUSCHNIR, Karina. Política, cultura e espaço urbano. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana:** Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 88-97.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. IN: **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, ano 13, nº28, p.33-63, 2007.

MISKOLCI, Richard. Machos e *Brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on-line*. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 21(1), janeiro-abril de 2013, p. 301-324.

MONTEIRO, Simone; Vargas, Eliane; CECCHETTO, Fátima; MENDONÇA, Felipe. Identidade, trânsitos e diversidade sexual em contextos de sociabilidade juvenil no Rio de Janeiro (Brasil). **Cadernos Pagu** (35), julho-dezembro de 2010, p. 79-109.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2006, p.103-116.

PÉRET, Flávia. **Imprensa Gay no Brasil**: Entre a militância e o consumo. São Paulo: Publifolha, 2011.

QUARESMA, Valdete. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Revista Eletrônica os Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol.2 nº1(3), janeiro-julho de 2005, p.68-80.

RIBEIRO, Irineu R. **A TV no armário**: A identidade gay nos programas e telejornais brasileiros. São Paulo: GLS, 2010.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação**: As minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SIMÕES, Júlio; FRANÇA, Isadora L.; MACEDO, Marcio. Jeitos de Corpo: cor/raça, gênero e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu** (35), Julho-Dezembro de 2010, p.37-78.

\_\_\_\_\_. Marcadores de diferença na “comunidade LGBT”: raça, gênero e sexualidade entre jovens no centro de São Paulo. In: COLLING, Leandro (org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.

TOTTI, Maria E. Ferreira e PEDROSA, Paulo. Região norte fluminense: terra de contrastes. IN: CARVALHO, Ailton Mota de e TOTTI, Maria E. Ferreira (orgs.). **Formação Histórica e Econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, p 13-31.

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: Dominação das mulheres e Homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol.09 nº 2, 2001, p. 460-181.



## **ANEXO 1- Roteiro de entrevistas semi-estruturadas**

- Nome:
- Idade:
- Escolaridade:
- Naturalidade:
- Profissão:
- Cor/raça:
- Você costuma sair em Campos? Para quais lugares? Com qual frequência?
- Como você enxerga Campos em relação à homossexualidade?
- Você vê espaços voltados para gays em Campos? Quais são esses espaços? Como eles são?

- Você frequenta lugares gays? Como eles são? Porque você frequenta esses lugares?
- Você conhece alguma articulação política LGBT em Campos?
- Quais são suas vivências fora de Campos dos Goytacazes?
- Você já sofreu homofobia?
- Já sofreu discriminação por parte de outros homossexuais? Quais foram os motivos?
- Quais são os lugares que você costuma frequentar?
- O que você costuma consumir?
- Usa aplicativos ou algum produto destinados para gays?
- Você acredita em um consumo próprio para gays? Como é esse consumo?
- O que acha de lugares GLS?